



Handwritten text, possibly a signature or initials.

906

DOMINGOS OLYMPIO

LUZIA-HOMEM

2ª EDIÇÃO

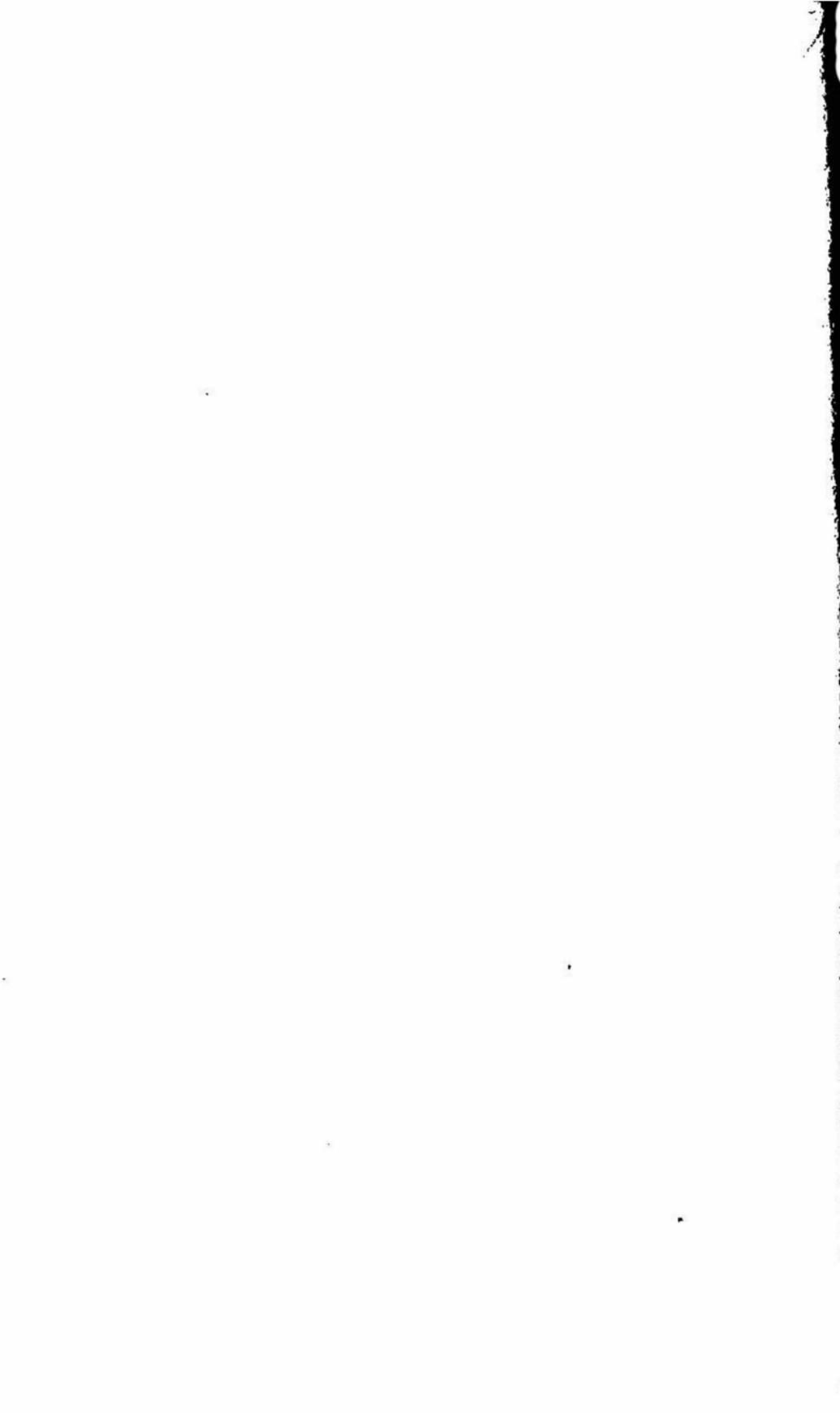
PREFACIO DE GUSTAVO BARROSO



1929

LIVRARIA CASTILHO
A. J. DE CASTILHO — EDITOR
R. da Assembléa, 92 — Rio de Janeiro





DOMINGOS OLYMPIO

Domingos Olympio, romancista, contista e polemista, foi um dos mais interessantes e notáveis prosadores brasileiros. Nelle se uniram de maneira curiosa, produzindo uma serie de contrastes caracteristicos da sua personalidade, o amor do regionalismo sertanejo, entranhado, bairrista mesmo, e o prazer de estudar a vida das cidades, tumultuaria e apaixonada, nas suas menores particularidades. Desde suas primeiras obras se sente que sua alma se deixa arrastar pelas duas correntes oppostas, das quaes uma leve, por fim, de superar a outra, dominando de todo o seu grande espirito e impellindo-o a escrever um dos nossos mais bellos romances nacionais. E essa, felizmente para Domingos Olympio, e felizmente para nós, foi a do sertanismo, que elle soube comprehender sem exaggeros e realizar com naturalidade.

*Passára sua mocidade na provincia e viéra
homem feito — viver na capital. Seu tempe-*

ramento malleavel de individuo profundamente intelligente, que com facilidade se amolda ao meio onde está, fez elle, segundo dizem aquelles que tiveram o prazer de sua privança, verdadeiro "gentleman", fino conversador, jornalista subtil, attico, ironico e culto. Mas, no substracto do seu ser, lá estava ardendo sempre, a braza do entranhado amor ao Ceará escaldante, áquelle rincão sertanejo de Sobral, onde nascêra a 18 de outubro de 1850. E essa braza uma vez por outra desprendia labaredas que illuminavam uma obra regionalista verdadeira e bella, como a historia da Luzia-Homem.

Toda a vida do illustre escriptor prova quanto seu espirito se adaptava aos varios ambientes em que o destino o obrigava a viver. E, nessas multiphas transformações, sempre se manifestando ora o pesquisador da vida urbana, ora o pintor da paisagem e da alma do sertão, este constantemente era mais intenso e mais forte, mais seguro e mais verdadeiro. São estes vastos traços, na nossa desvaliosa opinião, os que esboçam largamente a inconfundivel figura do grande prosador.

Analyzemol-o mais miudamente no exercicio da sua arte, desde o inicio, e veremos essas caracteristicas se accentuarem a cada passo.

Formado em direito, no anno de 1873, pela Faculdade do Recife, obedece aos gostos e impulsos do meio, escrevendo alguns ensaios dramaticos, aos quaes Sylvio Roméro alludio tratando

do Theatro Nacional. Voltou ao Ceará, de onde somente sahio em 1879, indo residir no Pará. Ahi advogou e obteve notaveis triumphos na tribuna judiciaria. Abolicionista ardente, republicano sincero, fez, pelos jornaes e na Assembléa Provincial, onde tomou assento, a propaganda de suas idéas. Foi redactor do "Diario do Grão Pará" e da "A Provincia". Datam dessa época os seus primeiros contos, alguns accentuadamente á maneira de Maupassant, outros traindo a influencia de Eça de Queiroz, contos que elle pretendia mais tarde reunir em volume.

Tive nas mãos, por uma gentileza especial de seu genro, meu muito querido e saudoso amigo Eurico Cruz, os manuscriptos deixados por Domingos Olympio. Todos elles demonstram, além do seu alto valor de artista, um extraordinario espirito de ordem, de franqueza e de modestia, l'ista se vê da maneira como os escreveu e os compôz, alheiado de quaesquer preoccupações pessoaes; aquella, da letra nobre, despretençiosa, singela e espontanea; aquella outra, do methodo com que fôram reunidos, da numeração exacta das folhas, da bem determinada collocação de todas as partes, do aceio geral, material e mental, do trabalho. E por elles se verifica que, quando Domingos Olympio se sentava á mesa e pegava na penna, já o que ia escrever estava concatenado no seu cerebro, toda a sua criação vivia esplendidamente no seu mundo interior. Nada mais tinha a fazer sinão pôr aquillo tudo com tinta na bran-

cura do papel. Não ha nas suas tiras uma hesitação, quasi não ha uma rasura, uma emenda, uma palavra riscada.

Nos contos a que me refiro, ha num canto de lauda, esta indicação, que mostra quanto elle se preocupava até com o formato dos livros e a qualidade dos typos: "Typo e formato dos livros do Eça; typo grande, como por exemplo "A Cidade e as Serras".

Do Pará, Domingos Olympio veio para o Rio de Janeiro em 1891. Aqui escreveu no "O Paiz", no "Correio do Povo", no "Correio Mercantil", e no "O Commercio". Nesses jornaes, publicou alguns dos contos que pretendia reunir num volume do typo dos do Eça de Queiroz. De par com o jornalismo e a literatura, continuou a exercer a advocacia, tendo obtido bellas victorias fórenses, como a da questão de limites do Amazonas com Matto-Grosso, na qual, pelos seus esforços em pról da justa causa, o primeiro venceu.

Um anno após sua chegada á capital do paiz, foi nomeado secretario da commissão diplomatica encarregada de resolver em Washington a questão de limites com a Republica Argentina. O estudante dramaturgo do Recife, o advogado tribuno do Pará, o jornalista do Rio de Janeiro logo se adaptou ao novo mistér e fez, nessa importante missão, util, bella, inapagavel figura. Deixou quasi concluida a historia da mesma, documento curioso e verdadeiro dessa parte do "processus"

de resolução da velha pendencia, que bem merecia ser divulgado.

Voltando ao Rio, proseguio sua carreira de advogado e escriptor. Publicou "Luzia-HOMEM", sua obra-prima, romance realista, cruamente realista mesmo, com admiraveis lances tragicos, de estylo claro, de linguagem vibrante, em cujos fundos de paisagens sertanejas as figuras se movem virilmente recortadas; de entrecho rude como o proprio meio em que se passa, com inesqueciveis e inapagaveis traços de psychologia, e nas suas paginas o "sertão tostado como terra de maldição [ferida pela ira de Deus]" se alonga sob a soalheira da secca impiedosa, como si a gente o estivesse vendo. Outros terão descripto tão bem, nenhum, penso eu, descreveu melhor a alma, a terra, o soffrimento e a immensa luz do meu pobre Ceará. É por isso que o romance de "Luzia-HOMEM" se ergue como um pharol ao meio da obra litteraria de Domingos, Olympio, illuminando-a toda com a sua claridade transbordante.

Junto delle, uma luz menor: o romance "O Almirante", publicado na famosa revista "Os Annaes", que fundou e dirigio com muito brilho durante dois annos ininterruptos, firmando com o pseudonymo de Pojucan as admiraveis chronicas da primeira pagina. O enredo do "O Almirante", decorre nesta cidade, dos ultimos dias do Imperio aos primeiros da Republica. É um curioso estudo da vida carioca e mesmo da vida brasileira em geral, naquelle momento historico, com

paisagens sociaes e moraes interessantissimas. O estylo é simples e naturalmente bello. Não se arreia com desusadas lantejoulas e outros artificios. A sua belleza está na sua simplicidade e na pureza quasi completa de sua lingua. No emtanto, sente-se que lhe falta aquella chamma de amor ao torrão natal que aquece os capitulos do "Luzia-Homem".

Ainda no "Os Annaes", estampou quasi toda a sua novella paraense "Uirapurú", na qual pinta a vida no extremo norte do paiz, com côres vivas, — saborosa pagina nacionalista que demonstra mais uma vez a facilidade de adaptação ao meio, do seu autor.

Domingos Olympio, nascido no interior do Ceará, era, por essa malleabilidade de espirito e pela lucidez das suas faculdades de apprehensão intellectual, um homem talhado para viver em grandes circulos sociaes. Sobriamente elegante, discreto e espirituoso, amavel sem exageros, de uma correcção britannica nas attitudes, no falar e nos gestos, contava com chiste especial, encantando os que o ouviam, historietas e anedotas, de preferencia as de filiação sertaneja. Num paiz de raros e quasi sempre pessimos romancistas como o nosso, a figura desse romancista de verdade não poderá e não deverá ser esquecida.

A morte o roubou, em plena actividade de jornalista, advogado e escriptor, no dia 6 de outubro de 1906, cheio de saúde e de esperanza. O lutador do Abolicionismo e da Republica foi fulmi-

nado por uma apoplexia, deixando somente um livro publicado, que é, incontestavelmente, um dos nossos grandes romances — “Luzia-HOMEM”. Porém seu talento omnimodo aborðara todos os assumptos, mesmo a pintura. Com esse livro se candidatou á Academia de Lettras. Porém não conseguiu entrar naquelle “Santo dos Santos”, apesar de ter tido votos sobremodo honrosos como o de Olavo Bilac, que, antes do encerramento das inscrições, lhe mandava uma carta, instando para que se candidatasse e promptificandose a ser portador da sua communicação ao presidente da Academia.

Sua obra esparsa em jornaes consta do “O Almirante”, do “Uirapurú, e de varios contos que preparara para dar em volume e de alguns dos quaes já tirara provas: “Casamento de razão”, “Uma lição de chimica”, “O redivivo”, “A theoria da felicidade”, “O hydromel”, “Entranhas de pae”, “Nem mel nem cabaça”, “Cesar atque Deus”, e “Espiritismo”. Inteiramente inéditos, deixou: “Historia da missão de Washington”, a comedia “Domitilla”, as novellas “Entre esposa e amante” (vida da cidade), e “Justiça dos homens” (vida do sertão), das quaes mais uma vez se manifesta o dualismo das suas inclinações; alguns capitulos do “O negro”, ou “Juca”, e trechos de uma biographia com ironias pessoas a si proprio — “A gloria”.

Nos seus trabalhos se notam influencias de escriptores contemporaneos, das escolas realistas

de Portugal e da França, comtudo se não pôde dizer que esse escriptor realista e nacionalista seja discipulo, ou parente espiritual, deste, ou daquelle chefe de escola. Não, porque elle tem demasiada personalidade, é sempre elle mesmo, até quando nas suas paginas faúlham vestigios de influencias extranhas.

Falando de Domingos Olympio com o carinho que tenho para os verdadeiros artistas, especialmente para os que nasceram na mesma terra infeliz que eu, vem-me á lembrança um periodo que Eça de Queiroz escreveu no prefacio dos "Azulejos", de Bernardo Pindella: "A arte é tudo — todo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo. Leonidas ou Pericles não bastariam para que a velha Grecia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espiritos: foilhe preciso ter Aristophanes e Eschylo. Tudo é ephemero e ôco nas sociedades — sobretudo o que nellas mais nos deslumbra. Pôdes dizer-me quem fôram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres? . . . Nada ha mais ruidoso, e que mais vivamente se saracoteie com um brilho de lantejoulas do que a politica. Por toda essa antiga Europa Real se vêem multidões de politiquetes e de politições enflorados, emplumados, atordoadores, cacarejando infernalmente de crista alta. Mas concebes tu a possibilidade de que daqui a cincoenta annos, quando se estiverem erguendo estatuas a Zola, alguém se lembre desses politicos? Pôdes dizer-me quaes

eram os ministros em 1856, ha apenas 30 annos, quando Gustavo Flaubert escrevia "Madame Bovary" ?

A idéa mãe dessas verdades o Eça, consoante seu costume, foi buscar num conhecido periodo de Dumas Filho, nas "Mes Memoires", onde se lêem estas perguntas:

— Qui était ministre en Angleterre, l'année ou Shakespeare fit "Othello" ?

— Qui était gonfalonier à Florence, l'année ou Dante écrivit son poème de l'Enfer ?

— Qui était ministre du roi Hieron, quand l'auteur du "Prométhée", vint lui demander un asile ?

— Qui était archonte d'Athènes, lorsque le divin Homère mourut dans une des Sporades?..."

Todas estas perguntas não pôdem ter resposta e é por isso que a nullidade publica, cacarejante, constante e infinita dos politicos odeia profundamente os que escrevem livros. A gloria do livro é a maior de todas as glorias. Ninguem se lembra mais hoje de quem era governador do Ceará nos dias em que, na Tijuca, concentrando as suas lembranças do sertão longinquo, esforçando-se por se alheiar daquelle meio florestal e húmido, tão differente do que queria descrever, o autor de "Luzia-HOMEM", traçou com mão de mestre as paisagens ardentes da sêcca, que sómente a sua alma via. Mas ha sempre grupos de intellectuaes e de amadores sinceros da arte que se reúnem numa sala, para ouvir falar da obra

e da personalidade dos escriptores mortos, sempre editores que se lembram de tirar novas edições dos seus livros de valor e sempre leitores que os lêem. E delles ainda se falará pelo tempo além, quando já perdidas fôrem as memorias tristes, ou inúteis, dos que sómente serviram á politicalha. . .

GUSTAVO BARROSO.

(Da Academia Brasileira)

LUZIA-HOMEM

I



morro do Curral do Açougue emergia em suave declive da campina ondulada. Escorchado, indigente de arvoredos, o comoro, enegrecido pelo sangue de rezes sem conto, deixara de ser o sitio sinistro do matadouro e a pousada predilecta de bandos de urubús -tingas e camirangas vorazes.

Bateram-se os vastos curraes, de grossos esteios de aroeira, fincados a pique, rijos como barras de ferro, curraes seculares, obra cyclopica, da qual restava apenas, como lugubre vestigio, o moirão ligeiramente inclinado, adelgado no centro, pollido pelo continuo attrito das cordas de laçar as victimas, que a elle eram arrastadas aos empuchões, bufando, resistindo, ou entregando, resignadas e mansas, o pescoço á faca do magarefe. Alli, no sitio de morte, fervilhavam, en-

tão, em ruidosa diligencia, legiões de operarios construindo a penitenciaria de Sobral.

No cabeço saturado de sangue, nú e arido, destacando-se do perfil verde-escuro da serra Meruóca, e dominando o valle, onde repousava, re-luzente ao sol, a formosa cidade intellectual, a casaria branca alinhada em ruas extensas e largas, os telhados vermelhos e as altas torres dos templos, rebrilhando em esplendores abrazados, surgia, em linhas severas e fortes, o castello da prisão, traçado pelo engenho de João Braga, massa ainda informe, aspera e escura, de muralhas sem reboco, enleizadas em confusa floresta de andaimes a esgalharem e crescerem, dia a dia, numa exuberancia fantastica de vegetação despida de folhas, de flores e fructos. Pela encosta de cortante piçarra, desagregada em finissimo pó, subia e descia, em fileiras tortuosas, o formigueiro de retirantes, velhos e moços, mulheres e meninos, conduzindo materiaes para a obra. Era um incessante vae e vem de figuras pittorescas, esquelidas, pacientes, recordando os heroicos povos captivos, erguendo monumentos immortaes ao vencedor.

Acertára a Commissão de Soccorros em substituir a esmola depressora pelo salario emulativo, pago em rações de farinha de mandióca, arroz, carne de xarque, feijão e bacalháo, verdadeiras gulodices para infelizes creaturas, açoitadas pelo flagello da secca, a calamidade estupenda e horrivel que devastava o sertão combusto. Vi-

nham de longe aquelles magotes heroicos, atravessando montanhas e planicies, por estradas asperas, quasi nús, nutridos de cardos, raizes intoxicantes e palmitos amargos, devoradas as entranhas pela sêde, a pelle curtida pelo implacavel sol incandescente.

Na construcção da cadeia havia trabalho para todos. Os mais fracos, debilitados pela idade ou pelo soffrimento, carregavam areia e agua; aquelles que não supportavam mais a fadiga de andar amolleciam cipós para amarradio de andaimes; outros menos escarvados amassavam cal; os moços ainda robustos, homens de rija tempera, superiores ás inclemencias, sobrios e valentes, reluziam de suor britando pedra, guindando material aos pedreiros, ou conduzindo ás costas, de longe, das mattas do sobpé da serra, grossos madeiros enfeitados de palmas virentes, de ramos de pereiro de um verde fresco e brilhante, em festivo contraste com o sitio resequido e desolado. E davam conta da tarefa, suave ou rude, uns gemen-do, outros cantando álacres, numa expansão de allivio, de esperanza renascida, velhas canções, piedosas trovas inolvidaveis, ou contemplando com tristeza nostalgica, o ceu impassivel, sempre limpido e azul, deslumbrante de luz.

Esse concerto esdruxulo de vozes humanas em canticos e queixumes, de rugidos da materia transformando-se aos dentes dos instrumentos, aos golpes dos martellos, de brados de commando dos mestres e feitores, essa melopéa do traba-

lho amargurado ou feliz, era, ás vezes, interrompido por estridulos assobios, alarido de gritos gargalhadas rasgadas e as vaias de meninos que se esganiçavam: era uma velha alquebrada que deixára cair a trouxa de areia; um cabra alto de hirsuta cabelleira marrafenta, lambusado de cal que escorregára ao galgar uma desconjuntada e vacillante escada, e lançava olhares ferozes á turba que o chasqueava; era a carreira constante das moças e meninas para as quaes o trabalho era um brinquedo; eram gritos de dôr de um machucado, rodeado pela multidão curiosa e compassiva, ou os gemidos de algum infeliz, tombando prostrado de fadiga, pedindo pelo amor de Deus no estertor da hora extrema, não o deixassen morrer sem confissão, sem luz, como um bicho.

Cercava o edificio em construcção, um exótico arraial de latadas, de choupanas, de ranchos improvisados, onde trabalhavam carpinteiros falqueando longas vigas de páo-d'arco, fréchaes de frei-jorge e gonçalo-alves, ou serrando e aplainando cheirosas taboas de cédro. Marcando a subida do morro, se alinhavam em rua tortuosa pequenas barracas feitas de costaneiras, cascas e sarrafos, as quaes serviam de abrigo ás costureiras, fazendo, dos saccos de viveres, roupa para os esmolambados, envoltos em nojentos trapos que lhes mal disfarçavam o pudor e a horrenda magreza esqualida. De outras barracas subia ao ar, em novellos espessos ou tenues espiraes azuladas, o fumo de lareiras, onde, sobre toscas trempes de

pedra, ferviam, roncando aos borbotões, grandes panellas de ferro, repletas de comida.

Ao cair da tarde, quando cálida neblina irradiava da terra abrazada, esbatia o recôrte das montanhas ao longe, e adelgaçava o colorido da paisagem em tons pardacentos e confusos, o sino da Matriz, como um colossal lamento, troava a Ave-Maria. Cessava o rumor e o mestre da obra batia com o pesado martello o prégo, em solemne cadencia, annunciando o termo do trabalho.

A multidão de operarios, depois de silenciosa e constricta préce, se agrupava em torno dos feitores; e, respondido o ponto, desfilava, depositando, em determinado sitio, a ferramenta e vasilhame. Fatigada, suarenta, dispersava-se, dividindo-se em grupos, seguindo varias direcções em busca de pousada, ou desdobrando-se na curva dos caminhos, nas forquilhas das encrusilhadas, até se sumir como sombras desgarradas, immeras na caligem da noite imminente.

Começava, então, a vida nos acampamentos, desertos durante o dia. E descantes á viola, ruidos de sambas saracoteados, de vozes lamures ou irritadas, de gargalhadas incontinentes formavam incoherentes accordes com as rajadas asperas da viração a silvar nos galhos seccos e contorcidos das moitas mortas de jurema e mofumbo, ou nas palmas virentes das carnaúbas immortaes.

No ceu limpido, profundo e sereno, em quietude de lago tranquillo, sem as manchas de nuvens errantes, tremeluziam, em esplendidas cons-

tellações, myriades de estrellas. Na terra escura um collar de luzes timidias, como cyrios melancolicos velando enorme esquife, cercava a cidade adormecida em torpor de monstro saciado. E no alto sinistro do curral do Açougue, erguia-se, silenciosa e solitaria, a molhe sombria da penitenciaría, como um lugubre monumento consagrado á maldade humana.

II

O francez Paul — misanthropo devoto e excellente fabricante de sinetes que, na despreoccupada viagem de aventura pelo mundo, encahlára em Sobral, — costumava vaguear pelos ranchos de retirantes, colhendo, com apurada e firme observação, documentos da vida do povo, nos seus aspectos mais exóticos, ou rabiscando notas curiosas, illustradas com esboços de typos originaes, scenas e paisagens — trabalho paciente e douto, perdido no seu espolio de alfarrabios, de collecções de botanica e geologia, quando morreu, inanido pelos jejuns, como um santo.

Um dia, visitando as obras da cadeia, escreveu elle, com assombro, no seu caderno de notas:

“Passou por mim uma mulher extraordinaria, carregando uma parede na cabeça”.

Era Luzia, conduzindo para a obra, arrumados sobre uma taboa, cincoenta tijolos.

Viram-n'a outros levar, firme, sobre a cabeça, uma enorme jarra d'agua, que valia tres pótes, de pezo calculado para a força normal de um homem robusto. De outra feita, removera, e as-

sentára no lugar proprio, a soleira de granito da porta principal da prisão, causando pasmo aos mais valentes operarios, que haviam tentado, em vão, a façanha e, com elles, Raulino Uchôa, sertanejo herculeo e afamado, prodigioso de destreza, que chibanteava em pittorescas narrativas.

Em plena florescencia de mocidade e saude, a extraordinaria mulher, que tanto impressionára o francez Paul, encobria os musculos de aço sob as fórmãs esbeltas e graciosas das morenas moças do sertão. Trazia a cabeça sempre velada por um manto de algodãozinho, cujas ourelas prendia aos alvos dentes, como se, por um requinte de casquilhice, cuidasse com meticuloso interesse de preservar o rosto dos raios do sol e da poeira corrosiva, a evolar em nuvens espessas do sólo adusto, donde ao tenue borrito de chuvas fecundantes, surgiam, por encanto, alfombras de relva virente e flores odorosas. Pouco expansiva, sempre em timido recato, vivia só, affastada dos grupos de consortes de infortunio, e quasi não conversava as companheiras de trabalho, cumprindo, com inalteravel calma, a sua tarefa diaria, que excedia á vulgar, para fazer jús a dobrada ração.

— E' de uma soberbia desmarcada — diziam as moças da mesma idade, na grande maioria desenvoltas ou deprimidas e infamadas pela miseria.

— A modos que despreza de falar com a gente, como se fosse uma senhora dona — murmuravam os rapazes remordidos pelo despeito da

invencível recusa, impassível ás suas insinuações galantes.

— Aquillo nem parece mulher femea — observava uma velha alcoveta e curandeira de profissão. Reparem que ella tem cabellos nos braços e um buço que parece bigode de homem...

— Qual, tia Catirina! O Lixandê que o diga! — maldou uma cabocla roliça e bronzeada, de dentes de piranha, toda adornada de joias de pechispeque e fios de missanga, muito besuntada de oleos cheirosos.

— Não diga isso que é uma blasphemia — atalhou Theresinha, loura, delgada e gracil, de olhar petulante e ironico, toda ella requebrada cm movimentos suaves de gata amorosa.

— Por ella eu púno; metto a mão no fogo...

— Havia de sahir torrada. Isso de mulher, hoje em dia, é mesmo uma desgraceira...

— Mas você não póde negar que ella vive no seu canto socegada sem se importar com a vida dos outros e fazendo pela sua, como uma moira de trabalho. Vocês, suas invejosas, não a poupam; não tendo para dizer della um tico assim, vivem a maldar, a inventar intrigas e suspeitas. Nem que ella fosse uma despencada do mundo...

— Tu a defendes, porque és pareceira della...

— Antes fosse!... Outros gallos me cantariam. Não andaria aqui, sem eira nem beira, metida nesta canalha de retirantes... Quem me

déra ser como Luzia, moça de respeito e de vergonha...

— Quem perdeu tudo isso para ella achar?.. — obtemperou, numa rasgada gargalhada de sarcasmo brutal, a roliça cabocla de agudos dentes

— Qual?... Vão atrás da sonsa!...

— Deixem estar que ha de ser como as outras. Em boniteza, verdade, verdade, mette vocês todas num chinello. Aquillo é mulher para dar e apanhar — disse chasqueando um soldado de linha, destacado no Curral do Açougue para manter a ordem, pois não raro rixavam e se engalfinhavam mulheres, ou se esbordoavam homens por futeis pretextos: houvera mesmo serios conflictos e luctas sangrentas, tão abatido estava, naquella pobre gente, o senso moral.

— Vão ver que você, seu Crapiúna, tambem está fazendo roda a Luzia-HOMEM?!...

Crapiúna, o tal soldado, era mal afamado entre os homens e muito acatado pelas mulheres, graças á correcção do fardamento irreprehensivel, os botões doirados, o cinturão e a bayoneta polidos e reluzentes: todo elle tresandando ao *patchouly* da pomada, que lhe embastia a marrafa e o bigode, têsso e fino como um espeto. Possuia, apezar das duras feições, o encanto militar, a que é tão caroavel o animal caprichoso e futil, a mulher de todas as categorias e condições sociaes, talvez porque, sendo fraca, naturalmente, se deixa attrahir pelas manifestações da força.

Contavam delle historias emotivas, aventu-

ras galantes, feitos de bravura, façanhas na perseguição de criminosos celebres; elle estivera nas escoltas que prenderam o facinora José Gabriel e o cangaceiro Zé Antonio do Fechado, cavalleiro e bravo á antiga, de raça de heróes, os Brilhan-tes, Athaydes e Vicente Lopes do Caminhadeira, representantes dispersos, atavicos, especimens fe- rozes do *banditismo* que foi a gloria de Portugal, e lhe conquistou mundos, descobrindo-os, rou- bando-os com a indomita coragem de piratas, consagrados pela imperecivel gratidão da patria á postera veneração.

Não faltavam ao soldado feitos que lhe au- gmentassem o prestigio de pessoa bem conforma- da, sem vicios que lhe déssem o realce de um afortunado. Dizia-se, á puridade, nos colloquios da protervia popular, que, antes de ser recrutado por audacias sensuaes, e envergar a farda, fôra guarda-costas de um famigerado fazendeiro da Barbalha, onde executára proezas crueis, de pas- mar, em verdes annos, pois mal lhe despontava, então, o buço. Tinha o activo de tres mortes e outros crimes menores, valendo-lhe isto por titulo ao temeroso respeito do povo.

A insinuação de Romana ferira certo o alvo, e assanhara a secreta cupidez de Crapiúna, que não se conformava com os modos retrahidos e a impassivel frieza da mulher-homem, resistencia passiva e calma, ante a qual se amesquinhava a sua fama e sentia arranhado o amor proprio de victorioso em faceis conquistas. Sempre que a

encontrava, dirigia-lhe com saudações reverentes, palavras de ternura e erotismos incontinentes, olhares e gestos de desejos mal sofreados. E tão frequentes se tornaram esses meios de obsessão, que um dia a moça os rebateu seccamente, com firmeza ineluctavel:

— Deixe-me socegada. Não se metta com a minha vida. Eu não sou o que o senhor suppõe...

— Deixa-te de luxos, rapariga — respondeu Crapiúna, mostrando-lhe um grosso anel de ouro — Olha a memoria de ouro que tenho para ti... Não te zangues com o teu mulato...

Desde então entrou a acompanhá-la, a perseguil-a por toda a parte, nas horas de trabalho na penitenciaria, nas caminhadas ao rio e a rondar durante a noite pela vizinhança da casinha velha, lá para as bandas da Lagôa do Junco, onde ella morava com a mãe, velha e enferma, a boa, a santa tia Zepha.

Exasperada por essa obsessão affrontosa, cada vez mais ardente e descommedida, Luzia queixou-se ao administrador que obteve do tenente, commandante do destacamento, a remoção do temerario galante para outros serviços, guarda e fachina da prisão e, nos dias de folga, a policia da feira.

O tão severo, merecido castigo penetrou fundo no duro coração do soldado, remexendo a vasa de instinctos, alli sedimentada em demorado repouso. Mais ainda lhe moeram os melindres os

commentarios irreverentes, os applausos, as insinuações ferinas e o chasco de ser punido por queixa da mulher apetecida, a quem elle, com fingido desdém, chamara uma retirante á tôa, sem eira nem beira, toda arrebitada de luxos e medeixes. E ainda mais o estomagava o ser a opinião, em esmagadora maioria, favoravel ao castigo.

Acharam todos fôra acertada providencia tirar aquella onça do pasto para tranquillidade e segurança das moças e das mulheres casadas, pois era demasiada a falta de respeito escandalisadora. Aquelle homem de mãos bófes, era um perigo. E surdiam historias de crimes, aneddotas grotescas, revelação de casos repugnantes, verdadeiros ou inventados pela phantasia do populacho nos excessos de saborear a vingança, denegrindo-lhe a reputação e deturpando-o para transformal-o de pelintra quente e apaixonado, em réles monstro horripilante.

Crapiúna sabia dessas más ausencias, das calumnias e falsos testemunhos que lhe levantavam, cobardemente, pelas costas; das pragas e esconjuros, irrogados pelas suas victimas e des-affectos. Safados uns, ingratos outros. Corja de mal agradecidos, que já não se lembravam dos beneficios de hontem. A muitos delles, desses que agora o malsinavam por intrigas de mulheres, havia morto a fome. Não se tinha em conta de santo, confessava; fizera certas vadiações de homem solteiro, que não tinha contas que dar; mas nin-

guem lhe podia lançar em rosto o haver aforcido mulheres honestas. Quanto á remoção, até dava graças a Deus por se vêr livre daquella cambada de retirantes nojentos e leprosos, cujo aspecto, em jejum, causava engulhos; seria, entretanto, melhor sahir da obra por sua livre vontade e não por queixa... E logo de quem? De Luzia-Homem... Oh? o diabo daquella sonsa era capaz de virar pelo avesso o juizo de uma creatura, e provocar muita desgraça por causa daquelle imposão de querer ser melhor que as outras... Tirando-lhe a força bruta, não passava de uma pobre tatú, que só tem por si o dia e a noite.

— Você está... mas é fígado pela macho e femea — arriscou o camarada Belota que lhe ouvia a confidencia — Aquillo tem mandinga... Quem sabe se não te enfeitiçou!... Olha que ella tem uns olhos que furam a gente... E então aquella cabelleira... Acho melhor pedir á Chica Seridó uma oração forte para desmanchar quebrantos e fechar o corpo contra máo olhado.

— Qual, o que!... — retorquiu Crapiúna, com affectado desdém — Eu até nem gosto della... Não lhe acho graça... Depois... com semelhante força... nem parece mulher...

— Tira o cavallo da chuva e conta a historia direito, Crapiúna. Todas as mulheres são iguaes e merecem tudo; a demora é grelar no coração o capricho, principalmente, quando resistem. Fôra ella um monstro da natureza; paixão

não enxerga nem repara e, quando nos ataca, é como o sarampo: até jasmim de cachorro é remédio. E deixa falar quem quizer, que é soberba, sonsa, mal ensinada... Ella não é nenhum peixe podre. Não reparaste naquelles quartos redondos, no cacúlo do queixo, na bocca encarnada como um cravo?! E o buço?!... Sou caidinho por um buço... Ella quasi que tem passa-piolho, o demonio da cabrocha...

— O que mais me admira é que não se diz della tanto assim — affirmou Crapiúna pensativo, riscando com a unha do pollegar a ponta do indicador.

— É por ser mais velhaca que as outras... Pergunta ao Alexandre...

— Que Alexandre? Aquelle alvarinto que servia de apontador na obra, e passou depois para o armazem da Commissão?... Aquillo é defunto em pé. Não é qualidade de homem para um como eu.

— O caso é que elle gosta della. Estão sempre perto um do outro, ao passo que o Crapiúna velho foi posto fóra, como um cachorro tihoso, e está aqui gemendo no serviço...

E como o soldado, em cujo coração se deramara fel, ficasse a scismar, Belota affastou-se com um gracejo ferino: — Alli é vêr com os olhos e comer com a testa ou lamber vidro de veneno por fóra, como rato de botica. Toma o meu conselho. Não te mettas com a bruxa que cheiras vara!

Crapiúna não ouviu. Contorcendo-se no martyrio de onça acuada, com o coração caldeado no peito, estremecia á suspeita de um rival venturoso na disputa da cobiçada preza.

I I I

A população da cidade triplicava com a extraordinária affluencia de retirantes. Casas de taipa, palhoças, latadas, ranchos e abarracamentos do suburbio, estavam repletos a transbordarem. Mesmo sob os tamarineiros das praças se aboletavam familias no extremo passo da miseria — residuos da torrente humana que dia e noite atravessava a rua da Victoria, onde entroncavam os caminhos e a estrada real, traçada ao lado esquerdo do rio Acaracú, até ao mar. Eram pedaços da multidão, varrida dos lares pelo flagello, encalhando no lento percurso da tetrica viagem através do sertão tostado, como terra de maldição ferida pela ira de Deus; esqualidas creaturas de aspecto horripilante, esqueletos automaticos dentro de phantasticos trajés, rendilhados de trapos sordidos, de uma sujidade nauseante, empapados de sangue purulento das ulceras, que lhes carcomiam a pelle, até descobrirem os ossos, nas articulações deformadas. E o céu limpido, sereno, de um azul doce de liquida saphyra, sem uma nuvem mensageira de esperança, vasculhado pela vira-

ção aquecida, ou intermitentes redomoinhos a sublevarem bulções de pó amarello, envolvendo, como um nimbo, a tragica procissão do exodo.

Luzia viera na enxurrada, marchando, lentamente, a curtas jornadas, e fôra forçada a esbarrar na cidade, por já não poder conduzir a mãe doente. Do capitão Francisco Marçal, o homem mais popular da terra, tão procurado padrinho, que contractára com o vigario pagar-lhe uma quantia certa, todos os annos, por esportulas dos baptisados, obtivera, por felicidade, uma casinha velha e desaprumada, onde se aboletou com relativo conforto. A vida lhe correu bem durante seis mezes. Havia trabalho e ella ganhava o sufficiente para se prover quasi com fartura. Mas o coração presentia, então, com vago terror, o perigo das pretenções de Crapiúna e ella procurava, por todos os meios, evital-o. Seu primeiro impulso, depois que lhe elle ousara falar em termos desabridos, foi anoitecer e não amanhecer; emigrar, confundir-se nas levas de famintos em busca das praias ubertosas, com os lagos povoados de curimans, em cardumes assombrosos, os taboleiros irrigados por orvalho abundante, cheios de plantações, e confinando em contraste consolador, com a planicie secca e estorricada.

Além se desdobrava o grande, o soberbo mar infindo e glauco, a rugir lamentoso, despejando, envolta em rendas de espuma, a generosa esmola de peixes, moluscos e crustaceos saborosos. Com a protecção de Maria Santissima venceria a tra-

vessia. Vinte leguas galgam-se depressa. Talvez tombasse, como os miseros, cujas ossadas alvejantes, descarnadas pelos urubuús e carcarás, iam marcando o caminho das victimas da calamidade.

E a mãe, a querida mãesinha, que era o seu tudo neste mundo? Não era possível abandoná-la a cuidados estranhos, doente, quasi entrevada, como estava, a deitar a alma pela bocca, quando a accommettia o implacavel puxado. Os brincos e o cordão de ouro, que lhe dera a madrinha, vendidos aos mascates da miseria, não dariam com que pagar o transporte da pobre velha, em carroças puxadas por homens atrellados dois a dois, como animaes de tiro. Era esse, naquella quadra de infortunio, o vehiculo das familias abastadas, que já não possuíam cavallos e muares de carga e montaria.

Nessa triste conjuncção, venceu o dever. Luzia ficou resoluta a enfrentar, de animo sereno, o destino, e aparelhada para supportar os mais dolorosos lances da adversidade. Continuará a trabalhar sem desfallecimento, retrahindo-se quanto pudesse para evitar encontros com o importuno soldado. Por fortuna sua, Alexandre, o amigo dedicado e affectuoso, que se lhe deparava entre a multidão de desconhecidos e indifferentes, moço de maneiras brandas, muito paciente, muito carinhoso com a tia Zepha, passando serões, noites em claro junto della e da filha, num recato de adoração muda e casta, lhe poupava o vexame de ir á cidade: era elle que ia ao mercado com-

prar a quarta de carne fresca para o caldo da enferma, os remedios e consultar o medico, mistér em que era auxiliado pelo Raulino, outro amigo da familia.

Uma tarde, ao voltarem juntos da obra, Alexandre, impressionado pelo tom de penosa preocupação bem accentuado no semblante de Luzia, disse-lhe a medo:

— Se a senhora não se zangasse, eu acabava com essa reinação, dando um ensino ao Crapiúna...

— Não quero — retorquiu Luzia vivamente — Não tenho medo daquelle miseravel, mas não desejo dar nas vistas dessa gente desabusada. Depois que hão de dizer?... Você não é nada meu para tomar dores por mim... Aquillo não tem entranhas de christão: é um malfasejo...

Alexandre sentiu-se humilhado, suppondo que a moça desconfiasse do seu valor, e, continuou com brandura timida:

— Não seria a primeira vez... Não sou nada seu, mas sou um homem capaz de jogar a vida em defesa de uma mulher de bem. Pensei que não se aggravaria commigo...

— Aggravar-me?!... Não pensei nisso. Não quero que se sacrifique por mim, que já muito lhe devo — favores que só Deus pagará. Imagine a briga de dois homens, pancadas, ferimentos, um crime e o meu nome detestado passando de bocca em bocca, Luzia-Homem causadora de tudo... Não quero, não. Faça de conta que

aquelle mal encarado homem não existe... Não tenha receio, Alexandre, eu sei defender-me. De mais a mais... tudo passa...

Luzia confiava na ausencia, mãe do esquecimento, para conjurar o perigo; entretanto, um mez depois, recebeu uma carta de Crapiúna, transbordante de phrases de amor, em prosa e verso — protestos languidos e trovas populares, escriptas em pessima letra sobre papel de cercadura rendilhada, tendo, no angulo superior, á esquerda, um coração em relevo, crivado de settas, desfechadas por travessos Cupidinhos alados. E leu-a com assombro e cólera, como se as letras disformes, enfileiradas em tortuosas linhas, e o pensamento sensual nellas expressado, lhe vergastassem cruelmente o rosto.

— Este homem será o causador da minha desgraça — murmurou ella com um soluço de pranto suffocado.

— Que tens, filha? — inqueriu a mãe. — Estás tão alterada?... Que houve?

— Nada, mãesinha — respondeu Luzia, disfarçando a emoção que a conturbava — E' este labutar constante, sem esperança de melhoria, e a sua doença que me apertam o coração...

— Tu me encobres alguma coisa. Estás affrontada?

O peito de Luzia arfava descompassado, e seus rijos seios espetavam, em sacudidos golpes tremulos, a delgada camisa.

— Tenho ouvido dizer — continuou ella —

que banhos salgados são bons para rheumatismo. Se pudesse levá-la para as praias... Bastava chegarmos com vida á Barra. Dahi para os Patos é um púlo. Ficariamos acostados á gente do meu padrinho José Frederico, que é rico e bom para os pobres.

— Tenho medo... Nunca vi o mar. Dizem que é bonito, perigoso e traiçoeiro. Inda que fosse essa viagem a salvação. Como queres que me mexa? Não vês? Estou impossibilitada de andar neste quarto, quanto mais para fazer a travessia deste sertão inclemente!... Ai!... Deus não quer, filha. São os meus peccados, que me encarrangueijam as pernas. Já fiz uma promessa a São Francisco das Chagas de Canindé para que elle me puzesse em estado de caminhar com os meus pés; e... nada... Cada vez mais me incham as juntas e se me entortam os ossos...

Subjugada pelo impossivel evidente, ineluctavel, a moça estraçalhou com as unhas pontudas a carta fatal. A mãe tinha razão. Deus não queria. Era forçoso ficar, amarrada áquelle poste de amor e sacrificio, onde morria, em lento martyrio, a mãe adorada, arrostar o perigo presentido, o acinte da paixão do lubrico soldado. Era forçoso ficar exposta ao insulto daquella atrevida e grosseira insistencia repugnante; e succumbir, talvez, assoberbada de vilipendio e ultrajada como as outras desditosas, arrastadas pela miseria á crapula abjecta.

Sob os musculos poderosos de Luzia-Homem

estava a mulher tímida e frágil, afogada no sofrimento que não transbordava em pranto, e só irradiava, em chispas fulvas, nos grandes olhos de luminosa treva.

I V

Quando lhe serenou o animo attribulado, teve impetos de repellir o insulto com represalias violentas, castigando, ella mesma, o insolente, custasse-lhe isto, embora, muita vergonha, muito opprobrio, ou procurar auxilio na dedicação cega de Alexandre, com a qual sabia poder contar para a vida e para a morte; mas, demoveram-n'a desse passo ponderações das consequencias de escandalo, um crime possivel e a punição. Não queria arriscar o moço, cuja alma impetuosa e forte parecia adormecida sob apparencias de mansidão e doçura, como a lamina de uma faca acerada, escondida em bainha de velludo. Raulino era demasiado ardente; tinha o coração na guéla e seria capaz de estrepolias graves. Demais, por lhe haver prestado valioso serviço, pareceria exigir a paga com o appello ao seu concurso. Além desses, não tinha um coração amigo onde fosse haurir conselho e procurar o ineffavel allivio da confidencia, valvula benefica para o escoamento das magoas, pezares e desgostos. As moças da mesma idade, ainda não contaminadas pelo virus pe-

caminoso, que empestava o ambiente, evitavam-n'a com maneiras timidas, discreto acanhamento, como se não fossem eguaes na condição e infortunio.

Muitas se afastavam della, da orgulhosa e secca Luzia-HOMEM, com secreto terror, e lhe faziam a furto figas e cruces. Mulher que tinha buço de rapaz, pernas e braços forrados de pellucia crespa e entonos de força, com ares varonis, uma virágo, avessa a homens, devêra ser um desses erros da natureza, marcados com o estigma dos desvios monstruosos do ventre maldicto que os concebera. Desgraça que lhe acontecesse não seria lamentada; ninguem se apiedaria della, que mais se diria um reprobado, abandonado, separado pela cerca de espinhos da ironia malquerente, em redor da qual gyrava o povilhéo feroz a lapidal-a com chacotas, dicterios e remoqueos. Tal se lhe figurava, através dos exageros pessimistas, a sua triste situação.

Uma vez, estando ella a banhar-se, depois de cheio o grande póte, na cacimba aberta no leito de areia do rio, em sitio distante dos caminhos e aguadas mais frequentadas, surprehendeu-a Theresinha, a rapariga branca e alourada, bem parecida de cara e bem feita de corpo, que era flexivel como um junco, de sobrias carnações e contornos graciosos.

Estava ainda longe o dia. As barras apenas despontavam no levante em pallido clarão e alguns farrapos de nuvens rubescentes. Exposta á

bafagem da madrugada, Luzia de pé, em plena nudez, entornava sobre a cabeça cuias d'agua que lhe escorria pelo corpo reluzente, um primor de linhas vigorosas, como pintava a superstição do povo o das mães-d'agua lendarias, estremecendo em arrepios á liquida caricia, e abrigada no manto da espessa cabelleira anelada que lhe tocava os finos tornozelos. Ao perceber desenhar-se no lusco-fusco da nebrina matinal, já perto, o vulto da moça a contemplal-a, soltou um grito de espanto e agachou-se, cruzando os braços sobre os seios.

— Não tenha receio, sa Luzia. Sou eu — disse Theresinha, atirando o póte sobre a areia — Vim tambem lavar-me com a fresca. E' tão bom, neste tempo de calor, poder molhar o corpo...

— Dê-me a camisa por favor — supplicou Luzia, transida de pêjo, apontando para a roupa amontoada.

Theresinha não despregava della os olhos, em extase de admirativa curiosidade. Deu-lhe a roupa, e, despindo-se sem o menor resguardo, banhou-se rapidamente.

— Você tem vergonha de outra mulher, Luzia? Eu, não. Não sou torta, nem aleijada, graças a Deus...

Vestida a camisa que se lhe amoldou ao corpo molhado, como leve tunica de estatua, Luzia não ousava erguer os olhos, tão confusa e perturbada estava.

— Agora sou sua defensora — continuou a

outra torcendo os cabellos ensopados — Hei de punir por você em toda parte, porque vi com meus olhos que é uma mulher como eu, e que mulherão!... Sabe? Outro dia estava numa roda conversando sobre moças que não ha nenhuma honrada para aquellas linguas damnadas. Falou-se de você e o Crapiúna, que estava ouvindo, disse que, por bem ou por mal, lhe havia de tirar a teima.

— O Crapiúna? — exclamou Luzia com irrepressivel terror.

— Sim. Aquelle infame soldado, muito metido e apresentado, que anda perseguindo a gente. E' um gabola para quem não ha mulher séria. Não se fie daquelle malvado. Conheço muitas que elle desgraçou com partes de promessa de casamento; e não teve coragem de dar-lhes um pedaço de panno para fazer uma saia. A mim andou elle a afrontar com o anelão de ouro que traz no dedo, como isca para as tolas. Eu não sou mais moça, confesso a minha desgraça, mas não me sujo com semelhante desalmado.

Luzia ouvia calada, com os olhos fitos na cacinba, onde a agua marejava lentamente.

— Dizem que é criminoso. Muito provocante e atrevido, outro dia quase teve um péga com o Alexandrê por causa de umas liberdades, que quiz tomar com a Quinotinha. Não foi por ciume que o outro avançou em defeza da menina, uma creança innocente, coitadinha, que ainda não desceu o embainhado da saia. Só visto se acredita.

Era preciso ter cabellos no coração para fazer o que elle fez e ter sangue de barata para supportar tamanho desaforo.

— Então o Alexandre?!...

— Avançou para elle que nem uma féra, e o cabra ficou branco como um defuncto. Todo o homem de más entranhas, á traição, é cascavel, mas, peito a peito, é medroso. Alexandre já andava com elle de olho por sua causa...

— Por mim?!...

— Ora, eu sei que elle gosta de você, mas não tem coragem de se declarar. Olhe, minha camarada, procurando com uma véla acesa, não encontrará homem de bem igual a elle. E' pessoa de consideração e procedente de boa familia. Dizem que deixou moradas de casa e uma fazenda nos Crateús; mas essa desgraça da secca acabou com tudo e o obrigou a andar trabalhando para arranjar um bocado para comer... Ah! tambem eu já tive muito de meu e agora vivo nesta miseria. Quando saí de casa com o Cazuza, meus paes, graças a Deus, ainda possuíam muita farinha, muito milho e muito arroz, na dispensa, não falando nas matalotagens. Depois, andamos vagando pelo sertão como casados, até que o perdi. Morreu de bexigas, o pobre... Eu saíra de casa com a roupa do corpo. Vi-me sózinha no mundo, sem ter com que comprar uma tijela de feijão... Fiz então, o que me mandou a minha ruim cabeça... E por aqui ando como um mo-

lambo, sem uma creatura que se dêa de mim... Ainda hei de contar-lhe a minha vida.

Theresinha limpou os olhos com as costas da mão, e suspirou. Sentada, em desalinho, traçava na areia humida, figuras cabalísticas, entremeadas de letras que logo apagava, como se symbolisassem importunas e saudosas recordações da felicidade, para sempre perdida.

A cacimba transbordava. Os potes estavam cheios. Luzia torcia em rodilha um trapo de antiga toalha, para equilibrar o seu sobre a cabeça, esperando que Theresinha lhe restituisse a cuia com que se banhava.

Nisto, ouviram vozes e tropel humanos. Theresinha vestiu-se ás pressas. Era o triste cortejo da fachina diaria da cadeia. Dous presos, ligados pelo pescoço por comprida corrente de ferro, carregavam, pendurada de um caibro, polido pelo uso, a grande cuba contendo os dejectos da vespera, para despejal-os longe da cidade, á margem do rio, nas vazantes onde, em tempos prosperos, medraram melões e melancias. Acompanhava-os uma escolta de soldados, da qual se destacou Capriúna, que se dirigiu ás duas moças com maneiras de affectada severidade.

— Então, suas vadias! Estão a sujar a agua que a gente bébe?... Corja de porcas... estas retirantes... Ai, Jesus!... Não tinha reparado na sa dona Luzia, milagrosa santa dos meus olhos peccadores...

— Deixe a gente socegada, seu Capriúna —

atalhou Theresinha. — Siga o seu caminho e não se importe com o que não é da sua conta...

— Não estou falando contigo, taboa de bater roupa. O meu negocio é com esta feiticeira soberba que furtou meu coração...

— Você diz isto — replicou Theresinha — é por estarmos aqui sózinhas. Soldado relaxado...

— Olha — retrucou Capriúna enfurecido — Toma a benção ao furriel que está alli na escolta. Se eu não estivesse de serviço te ensinava quem é relaxado, cachorra...

— Cachorra é tua mãe, cabra safado...

A esta injúria Crapiúna cerrou os punhos, num gesto bruto de ameaça; mas, á chamada do furriel, teve de partir, dirigindo á moça uma praça obscena.

— Deixa estar que me pagarás. Esta não cahiu no chão.

Voltando depois para Luzia, tremula e confusa, inanida de surpresa e vergonha, accrescentou, requebrando os olhos congestionados:

— Adeus, meu bem... Tenha pena de seu mulato... Me responda; faça uma fézinha para me consolar o peito, sua ingrata... Ai, ai, coração!...

Luzia continuava a preparar, automaticamente, a rodilha, não ouzando erguer os olhos para o sinistro homem.

— O demonio te carregue, peste! — resmungou Theresinha, quando Capriúna se reuniu á es-

colta — Tu só prestas para carregar porcaria de preso. Por estas e outras é que eu não ando de mãos abanando. Era encrespar-se para mim aquelle excommungado, mettia-lhe no buxo este canivete até o cabo...

— E tinha coragem? — perguntou Luzia encarando na franzina moça e na fina lamina da arma, que ella trazia occulta no cóz da saia.

— Ora, ora, ora!... Fisgava-o sem dó nem compaixão. Não me importava de ser presa, nem tenho a vida para negocio... Desgraça por desgraça... Ah! minha camarada, já soffri tudo de ruim deste mundo; passei por vexames e desgostos... Só lhe contando isso por miudo... Deixe estar que os desaforos daquelle cabra miseravel não cahiram no chão. Paga-me mais cedo ou mais tarde, tão certo como chamar-me Theresa de Jesus...

— Ferir, matar um homem!... Seria horrivel.

— Qual horrivel, qual nada! Já vi gente morrer á minha vista. Não foi uma nem duas creaturas. Tivera eu a sua força, não precisaria de arma: quebrava-lhe a cara safada que ficaria a pannos de vinagre. Quando elle me dissesse alguma liberdade, dava-lhe tamanho tabéfe...

— Vamos que são quasi horas de ir para a obra... Ah! nem me lembrava que hoje é dia-santo... Esta minha cabeça...

— Olhe para mim, Luzia; mire-se no meu espelho... Eu já lhe quero bem, como parente

minha, por isso falo-lhe assim. Veja como estou pagando os meus peccados; veja a minha desgraça e a quanto estou sujeita...

— E' pena, você, uma moça branca, andar assim na vida...

O céu pallido clareava, e a aurora, que irrompia, punha nas coisas o rubido fulgor das suas pompas. Ranchos de mulheres e de meninos macilentos se endireitavam á cacimba; e, falando e rindo, os pequenos, quasi nús, sacudidos por quintos de tosse rouca, levavam grandes cabaças para colherem o precioso liquido, ainda nas entranhas da terra resequida e flagellada.

V

Mal restabelecida da commoção do encontro com Crapiúna, Luízia sentia-se humilhada pelos grosseiros galanteios que elle lhe dirigira sem o menor rebuço, com desabrida petulancia e desenvoltura sensual, como se ella fôra uma dessas desgraçadas, cujo acesso não é já resguardado pelo prestigio da virtude. Pouco attenciosa á incessante tagarellice de Theresinha, e remordida pela afronta, meditava na turra de Alexandre com o soldado, persuadida de que a defesa de Quinotinha fôra o pretexto para a explosão do odio latente. Seu coração estremecia, vacillante, á idéa de um conflicto entre os dois homens, e o júbilo de sentir-se amparada por dedicação superior a todos os sacrificios.

E fluctuava nesse consolador effluvio de reconhecimento, arrebatada á região dos sonhos, das coisas idéaes, sobranceiras ao pelago da tristeza e soffrimentos humanos.

Quando chegou a casa, e depoz o grande póte sobre as tres garras de uma forquilha de sabiá, fincada no sólo, a mãe, sentada á rêde arma-

da a um canto do quarto, gemia, á surdina, em attitude de victima resignada ao martyrio da implacavel molestia.

— Sua benção, mãesinha?

— Benção de Deus, filha. Vens tão cansada. Teimas em carregar agua nessa jarra... Estás a botar a alma pela bocca...

— Não é o peso do póte... São pezares...

— Hoje é dia-santo. Achava bom ires á missa...

— Já fiz as minhas orações, mãesinha. O meu logar — Deus me perdõe — é aqui a seu lado, tratando-a, a ver se podemos deixar logo esta terra.

— O que!!... A terra não tem culpa do que padecemos. Admira de pensares ainda em semelhante coisa. Desengana-te, filhinha da minha alma. Havemos de ficar e talvez morreremos aqui, quando Deus fôr servido...

— Tambem, mãesinha, não faz caso dos remedios, que têm custado um dinheirão. Se tomasse de verdade os da receita do doutor Helvecio... Olhe, elle quasi sarou a mãe da Gabrina. Muito mais doente e com molestia ruim, teria ficado bôa, se não se mettesse com mezinhas e feitiçarias ensinadas. Pelo menos conseguiu viver muito...

— Porque a hora não era chegada.

— Só queria que melhorasse. Era capaz de carregar-a nas costas, como creança de peito, até á Barra. Tenho visto mulheres, mais franzinas

que eu, conduzindo ao collo filhos crescidos, quaes rapazes, doentes, ou meio mortos. Tenho fé em Deus que me dobraria as forças para fazermos, em paz e salvamento, a viagem. Depois Alexandre havia de ir connosco e nos ajudaria, ao menos, carregando os nossos terens... Pensar que em cinco dias poderíamos estar na praia, livres deste inferno...

Emquanto tentava demover a mãe a emprender a viagem, a moça forcia as madeixas dos fartos cabellos negros, embebidos dagua, até secarem á pressão de suas mãos, mãos delicadas de mestiça, pequeninas e elegantes. Enrolado no alto da cabeça o cabello, que ella tratava carinhosamente, passou aos cuidados domesticos matinaes: atizar o fogo, preparar o café e uma sopa com grandes bolachas duras, quebradas em pedaços miudos.

Nisto ouviu um forte silvo de fadiga. Era Alexandre que chegava, trazendo provisões em um urú, funda bolsa de malha tecida com palhas de carnaúba.

— Bom dia, sa Luzia. Como passou, tia Zephinha? — disse em tom prazenteiro.

— Deus te abençoe, meu filho! — gemeu a velha com esforço.

— Passei por uma madorra; mas, á primeira cantada dos gallos, despertei e não houve meio de tornar a pegar no somno.

— Que ha de novo? — inqueriu Luzia.

— Ouvi estarem falando, na casa da Com-

missão, que o doutor José Julio deu ordem para facilitar a saída do povo. Quem quiser embarcar deve procurar a Barra ou o Camocim, onde ha vapores para conduzir a gente. Quem quiser ficar tem trabalho na estrada de ferro e nos açudes. Mas, assim mesmo, não se pôde dar vencimento ao puticí de povo, que vem derramado por esse sertão afóra. Disse-me o capitão Marçal que vão principiár as obras do cemiterio novo e da estrada para a Meruóca. Já estão engenheiros medindo a ladeira da Matta-Fresca. Era o caso de irmos nós trabalhar na fresca da serra, onde ainda ha olhos d'agua vivos. Pelo meu gosto já não estava mais aqui...

— Quem impede? — perguntou Luzia, occupada em dar a sopa á mãe.

— Ninguém — respondeu Alexandre surpreendido pela inesperada pergunta, feita em tom de indiferença. Ninguém, nada me impede... Mas a gente nem sempre faz o que quer. Muita vez a cabeça vira para um lado e o coração para outro. Quando morreu minha mãe e vi-me só no mundo, estive em termos de assentar praça, porque quando um homem é soldado vira outro, fecha a alma e não se pertence mais. Estava maginando nisso, em me affastar da terra da sepultura, onde descansava a minha defuncta velhinha, quando topei com você, sa Luzia, servindo no trabalho da cadeia. Por signal que, nessa occasião, lembra-se? a maltratavam. Era uma canzoada de mulheres e meninos, gritando: Olha a Luzia-HOMEM, a ma-

cho e femea! O povo todo corria de morro baixo e eu tambem fui ver o que era. Você vinha subindo, trazendo nos braços Raulino Uchôa, quasi morto, ensanguentado e coberto de poeira. Contou-me, então, o Antonio Siéba, pae daquela moça bonita, que canta como um canario, o que se havia passado. O Raulino apostára derribar, a toda a carreira, um boi pelo rabo. Na verdade o homem corria como um veado, e era pegar na sáia da rez, e viral-a, na poeira, de pernas para o ar; mas, naquelle dia, foi caipóra: falseou-lhe o pé; o boi voltou-se como um gato e mataria o pobre diabo se, dentre o povo, que disparava espantado, não surgisse uma moça afoita e destemida que agarrou o bicho pelas galhadas e o sugicou que nem um cabrito.

— Não valia a pena lembrar isso.

— O capitão João Braga, aquelle coração de ouro, mandou recolher o ferido á casa da administração, e, voltando-se para mim, disse-me: “Seu Alexandre, aliste esta moça para trabalhar e dê-lhe cinco mil réis como molhadura pelo acto de coragem”. Você não quiz receber o dinheiro. Ficou até meia estomagada...

— Por força!... Eu não devia receber pagamento pelo que fiz por caridade.

— Eu tomei por soberba. Cem annos que viva, terei sempre diante dos olhos e do pensamento, a sua figura, de cabellos soltos, rompendo a multidão, com o Raulino nos braços, como se fôra uma creança. Lembrava-me um registo do

Anjo da Guarda, levando a alma de um innocente para o céo.

Luzia ouvia-o complacente e admirada, porque Alexandre, de ordinario tão retrahido e acanhado, estava, nesse dia, expansivo e loquaz.

— Desde então, — continuou elle — não pensei mais em assentar praça, nem abandonar esta terra. Quando sube que tinha mãe e conheci a tia Zephinha, meu coração se abriu consolado, como se houvesse resuscitado a minha defuncta mãe, que Deus haja em gloria.

— Você hoje — observou a velha, amparando da luz os embaciados olhos, com as mãos, tremulas e mirradas — trouxe o urú cheio!...

— O pobre tem seu dia...

E afastou-se para entregar as compras a Luzia, esvasiando o urú que deixára sobre o girão do alpendre.

— Aqui tem uma libra de carne fresca e um corredor, uma quarta de toicinho, afóra a ração do governo. A farinha é meia grossa, mas tem muita gomma.

— Ninguem dirá, com semelhante fartura, — gracejou Luzia — que somos retirantes.

— Agora, — disse-lhe Alexandre, baixando a voz, timido e commovido — tenho uma coisa para você; um mimo que me trouxe um camarada meu da Meruóca.

E tirou do bolso interior da jaqueta de brim pardo uma laranja, onde estava plantado um cacho de cravos sanguineos e cheirosos.

Aqueceu-se o rosto moreno de Luzia, como inundado de um fluxo de sangue abrasado. Seus olhos negros brilharam em fugaz effluvio de prazer fitando-se no fructo e nas rubras flores sensuaes, preciosas joias da natureza avara naquella quadra de desolação Ella as tomou a duas mãos, meigamente; hauriu com voluptuoso aneio o perfume dos cravos; e, mal articulando as palavras, dirigiu-se á mãe:

— Aqui tem, mãesinha, um presente de Alexandre. Tome a laranja; eu fico com os cravos. Que bonitos!...

E, com gestos de casquillice infantil, cravou-os nas ondas do cabello. Depois, voltando-se para Alexandre, que não ousava contemplal-a, lhe disse á puridade:

— Muito agradecida. Mas... estou zangada com você...

— Comnigo!?!...

— Sim. Theresinha contou-me a sua briga com Crapiúna.

— Não houve nada. Juro-lhe á fé de Deus! Estavamos na casa da Commissão: eu no meu logar fazendo a relação da gente que era demais; elle, numa reinação, intimando com as mulheres. Chegou a Quinotinha em procura da ração do pae, que desmentira um pé; e o desaforado entrou a bulir com ella até fazel-a chorar. Aquillo foi me inchando no coração; perdi a paciencia, e não me pude conter. Metti os pés; cresci p'ra cima do cabra, e disse-lhe por aqui assim: "Se o senhor

não respeita a farda para provocar uma menina innocente, ha de respeitar um homem!..." Elle estremeceu; quiz se indireitar p'ra mim, mas eu não o deixei esfriar, e accrescentei: "Uma pouca vergonha que a gente não se atreve... Tamanho homem e, demais a mais, soldado, andar aqui todos os dias, que Deus dá, com desaforos, até com meninas donzellas! Fique sabendo que não me mette medo; não me vou queixar ao sargento Carneviva, nem ao Commandante!..." O mulhério abriu em roda; e o Crapiúna, vendo que eu estava decidido para o que dêsse e viesse, murchou; ficou fúlo de raiva e foi sahindo, lá elle, por estas palavras: "Está bom! Não quero bati-cúm de bocca commigo..." E o povaréo cahiu em cima delle com dicterios que faziam uma zoadá doida: — Olha o valentão!... Metteu o rabo entre as pernas!... Cabra frouxo!... Vi que elle ficou damnado, mas, nem como coisa, continuei socegado o meu serviço. Quando o capitão José Sylvestre soube do caso, disse-me que eu tinha feito muito bem.

— Que tinha você de comprar briga...

— A gente não faz essas coisas por querer. Quando dá fé está feito... Tal qual você, quando tirou o Raulino debaixo do boi... O coração não se governa, nem pede licença para bater...

— Mas você já estava de ponta com elle...

-- Andava, falo a minha verdade. E não era para menos vêr aquelle safado, com partes de ser

cangaceiro e criminoso, andar intimando com Deus e o mundo. Todo o gabóla é mofino...

— Faça-me um favor...

— Que não farei eu por você, Luzia?...

— Não se metta mais com a vida do Cra-piúna...

— Está dito!... Por essas e outras, é que eu desejava trabalhar fóra d'aquí...

— Ninguém está livre de uma traição...

— Ah! Bem se vê que elle tem cara de cascavel de tocáia...

— Evite; evite aquelle homem, Alexandre...

Eu lhe peço por alma de sua mãe...

— Juro!... — affirmou o moço, solemne, erguendo-se e estendendo a dextra, com um gesto resolutivo e sincero.

— Confiem em Deus, minha gente, — observou a velha, que do quarto os ouvia. — Não ha mal que sempre dure. Elle é pae de misericordia. Ha de ter pena de nós e desta terra...

— Se nós dois — disse Luzia, após alguns momentos de meditação — botassemos mãesinha numa rêde e a carregassemos até á Barra do Acaracú?

— E tu a teimares, filha...

— Eu era muito homem para fazer isso — respondeu Alexandre — mas vinte leguas, leguas de beijo, muito puxadas, por uma estrada de aguas difficeis e com esta soalheira!?...

Luzia não replicou.

— Mais facil seria — continuou elle, irnos trabalhar na obra da ladeira. Já estou com uma casinha de olho: a que fica quasi defronte da Cova da Onça. Daqui até lá levamos a tia Zephinha de um só folego...

— E ficaremos sósinhos naquellas brenhas? — ponderou Luzia.

— Se não levassem a mal eu ficaria morando com vocês... Sempre é bom ter homem em casa...

— E as más linguas?... Acha pouco o que já rosnam de nós?...

— Então não sei como ha de ser... Só se... Alexandre estacou enleiado, não ouzando externar a idéa que lhe occorrêra...

Recobrando o animo, titubeou, a meia voz, tremulo quasi commovido:

— Só se... nós... nos casassemos.

Luzia surprehendida pela proposta, estremeceu, corando.

No mesmo instante, passava pelo terreiro, rente á casa, um magóte de mulheres, com trajas domingueiros, grazinando em desbragada conversa.

— Que lhes dizia eu?... Vôte!... Já estão bem principiados no namoro! — exclamou uma dellas indicando, com um gesto do mento, Luzia e Alexandre, transidos de pejo, como delinquentes apanhados em flagrante crime de amor.

O grupo desapareceu correndo e tagarelhando, aos empurrões e palmadas, com maneiras

desenvoltas. Dominava o murmúrio de risos e chacotas grosseiras, a gargalhada estridente e sarcástica de Romana, a lubrica, a roliça e quente cabocla de dentes ponteagudos.

V I

Setembro de 1878 ia em meados, e não apareciam no céu límpido, de azul polido e luminoso, indícios de auspiciosa mudança de tempo. Não se encastellavam no horizonte os colossaes flocos a estufarem como iriada espuma; nem, pela madrugada, cirros, penachos inflammados, ou, em pleno dia, nuvens pardacentas, esmagadas em torrões. A' noite, constellações de rutilante esplendor tauxeavam o firmamento, e a lua percorria, melancolica, a silenciosa senda.

Como que se percebia no abysmo do espaço infindo a eterna gestação do cosmos, operoso e fecundo, em flagrante criação de mundos novos. E, na gloriosa harmonia dos astros, na expansão soberba da vida universal, a terra cearense era a nota de contraste, um lamento de desespero, de esgotamento das derradeiras energias, porque o sol sedento lhe sorvera, em haustos de fogo, toda a seiva.

Olhares anciosos procuravam, em vão, o fuzilar de relampagos longinquos a pestanejarem no rumo do Piauhy, desvelando o perfil negro da

Ibyapaba. Nada; nem o mais ligeiro prenuncio das chuvas de cajú.

O sertão resequido estava quasi deserto: campos sem gados, povoações abandonadas. E a constante, a implacavel ventania, varrendo o céu e a terra, entrava, silvando e rugindo, as casas vasias, como féra raivosa, faminta, buscando e rebuscando a preza, e fazendo, com pavoroso ruido, baterem as portas de encontro aos portaes, num lamentoso tom de abandono.

As pastagens de reserva, nos pés de serras, protegidas por espessa facha de catingas impene-traveis, onde se criavam famosos barbatões bravios, haviam sido devoradas ou estruidas e pesteadas pela accumulacão de rebanhos em retiradas numerosas. E, a grande distancia, sentia-se o fedor dos campos inficionados por milhares de corpos de rezes em decomposiçãõ.

Não havia mais esperança. Os horoscopos populares aceitos pela credice, como infalliveis: a experiencia de Santa Luzia, as indicações do Lunario Perpetuo e a tradiçãõ conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e affirmavam uma secca peor que a de 1825, de sinistra impressãõ na memoria dos sertanejos, pois olhos dagua, mananciaes que nunca haviam estancado, já não marejavam.

Os soccorros, distribuidos pelo Governo, não podiam chegar aos centros afastados, por falta de conducção, ou eram os comboios de viveres assaltados por bandos de famintos, malfeitores e ban-

didos, organizados em legiões de famosos can-gaceiros.

Em tão afflictiva conjuncção, era natural que os retirantes, por instincto de conservação, procurassem o litoral, e abandonassem o sertão querido, onde nada mais tinham que perder; onde já não podiam ganhar a vida, porque á miseria precedera o fatal cortejo de molestias infecciosas, competindo com a fome e a sêde na terrivel faina de destruição.

Luzia encontrára em Sobral abrigo e faceis meios de subsistencia; mas presentia imminente perigo no capricho ou paixão brutal de Crapiúna. Era forçoso procurar outro refugio, e por isso espreitava, anciosa, os mais ligeiros symptomas da molestia da mãe, signaes de melhora, para emprehenderem a anhelada viagem aonde a distancia a preservasse dos continuos sustos e vexames affrontosos. Não confiava no projecto de mudança para a ladeira da Matta-Fresca, dependente de condição, que não resolvera ainda aceitar, além de que, ficaria a duas leguas, apenas, da cidade.

Já não ia, diariamente, ao trabalho. Ficava em casa, tratando com desvelado carinho, a pobre mãe, cada vez mais tropega. Felizmente, o capitão João Braga lhe abonava as rações, e Alexandre não se descuidava de repartir com ellas, quanto ganhava, apesar da reluctante recusa, oposta á sua espontanea generosidade. Elle vivia folgadamente, porque passára de apontador a fiel do armazem, onde havia grande deposito de

mantimentos e todos os valores do almoxarifado. Tinha de mais para si, e doía-lhe no coração não poder alliviar as necessidades dos pobres, seus companheiros de infortunio.

Um dia, pela manhã, encontrou Luzia desanimada: a mãe passára mal a noite, inquieta, afrentada, como se lhe apertassem o peito ou não houvesse bastante ar respiravel no estreito quarto.

— Deus não quer, filha — dizia a velha com o seio offegante e mal articulando as palavras — Deus não quer... Seja feita a sua... santa... vontade...

— Mãesinha tem tido isto tantas vezes — ponderava Luzia, affectando serenidade — Isto é puxado... Cheire este frasco...

— Parece que tenho ar encausado... aqui... Olha, sinto uma bóla... qualquer coisa que me tapa o folego. Abre bem a porta... Abanamente... Se eu tomasse o vomitorio de papaconha...

— Como está, tia Zephinha? — inquiriu Alexandre, chegando á porta do quarto.

— Como quem está se acabando... Ai Jesus!... Que afflicção!...

— Porque não toma aquella garrafa que o doutor receitou?...

— Tenho medo... Disse-me a Chica Seridó que tem veneno... *dorêto*...

— Então ella sabe mais que o doutor?!... Tome, experimente...

— Ah, Alexandre; já pedi, roguci, não sei

mais que fazer para mãesinha tomar a receita — observou Luzia, quasi em lagrimas.

— Ha de ser o que Deus fôr servido. . .

— Mas tome sempre, tia Zephinha. Faça-me esta vontade. E' para seu bem. . .

— Emfim — concluiu a velha condescendendo — vá lá. . . No meu estado, só um milagre. . . Não quero que você diga que não o attendi antes de morrer. . .

E tomou uma colhér da poção, administrada pela filha.

— Aqui está, na garrafa — disse Alexandre repetindo o que estava escripto no rotulo — uma colhér das de sopa antes de cada refeição. Quando voltar do serviço, quero encontrar vosmecê alliviada. Adeus, Luzia! O sol já está alto. Vou andando. . . E eu que devia estar no armazem ás seis em ponto. . .

Desde o dia em que foram alvo das chufas da malta de vadias, capitaneadas pela Romana, Alexandre apenas uma vez pedira á Luzia, com muitos rodeios e acanhamento, resposta á proposta de casamento. Ella, porém, nada lhe respondêra, limitando-se a, com um gesto de desanimo, indicar-lhe a mãe, como se a doença della fosse invencivel obstaculo.

Occultava ao moço, resignado, nutrido de esperanças, o haver recebido cartas de Capriúna, qual mais apaixonada, qual mais recheiada de expansões de amor, acrisolado pela resistencia; todas salpicadas de allusões iradas ao outro mais

afortunado, e ameaças de não poder soffrear os éstos de ciume que o devoravam, ou de acabar com a propria vida, porque para elle só havia Deus no céo e ella na terra.

Ao menino, que lhe levava as cartas, Luzia respondia invariavelmente: — “Diga a esse homem que me deixe socegada, que não se metta com a minha vida!” Mas, por um impulso de curiosidade, muito humano e sobretudo muito feminino, tivera a fraqueza de lê-las, o que ella considerava uma vergonha, senão crime injustificavel. Tambem não ousára contar a Alexandre que o soldado havia apparecido varias vezes na residencia. Uma noite passava elle com o Belota e tivera o atrevimento de fazer-lhe uma serenata cantando á viola, quasi no terreiro da casa, modinhas e canções eroticas, que terminavam nesta saudosa endeixa:

“Vou me embóra, vou me embóra,
Como fez a saracura;
Bateu azas, foi cantado:
Mal de amores não se cura!...”

Ouvindo-o, Luzia tremia de indignação e terror, suspirando de allivio, quando se sumiu ao longe o pesqueiro batido, acompanhando a voz lanhosa de Belota, a cantar:

“Quem quizer ser bem querido,
Não se mostre afeiçoado,
Que o affecto conhecido,
E’ sempre o mais desprezado.”

— Não sei como essa gente ainda tem coragem de cantar — gemia a velha Zepha — E’ uma falta de coração. . .

Pouco depois da partida de Alexandre, promettendo voltar cedo com o doutor Helvecio Monte, surdiu o pequeno mensageiro com uma carta, que deixou sobre o pilão, por ter Luzia recusado recebê-la. Entretanto, não pôde ainda resistir á curiosidade, e reincidiu na culpa nefanda de abri-la. E leu:

“Minha Santa Luzia — Esta tem por fim unicamente, dizer-lhe que se ha de arrepender da sua ingratição e quem lhe diz isto é o seu amante fiel até a morte — *Crapiúna.*”

— E’ preciso acabar com isto, custe o que custar, — murmurou a moça inflammada de colera — Este malvado me ha de desgraçar. . .

Passou o dia preocupada, e procurando espairar com desvelos á mãe, mais acalmada com a poção de iodureto de potassio, o venenoso remédio, que, na opinião da Seridó, fazia apodrecerem os ossos, cahirem os dentes e pôr o estomago em carne viva, quando seria mais efficaz a purga de mel de abelha e um emplastro de sabão da terra com um pinto pisado vivo; ou com o vomit-

torio de cardo-santo, chá de herva-doce para desempachar o ventre, e raiz de péga-pinto por causa da retenção de ourinas.

— Com esses remedios sarára a defunta Desideria — affirmava a feiticeira — que padecia de um puxado com apertos do coração e uma dôr que lhe tomava o folego, respondia — lá nella — nas cruces e alastrava pelo braço esquerdo, que ás vezes ficava esquecido. Vivera a enferma muito tempo, trabalhando como uma negra, apanhando sol e chuva; e, se não fôra um ataque violento que não deu tempo para nada ainda estaria vivendo, com a graça de Deus. Remedio de botica havia levado muita gente desta para melhor vida.

Luzia inquietava-se com a demora de Alexandre, que era pontual á hora do jantar, servido sobre uma tosca mesa improvisada com uma tampa de caixão de pinho, apoiada em quatro forquilhas.

O sol descambava, deixando as cumiadas aridas da serra do Rosario, quando appareceu Theresinha quasi a correr e de semblante apavorado.

— Que foi? — perguntou Luzia sobresaltada — Que aconteceu? Que é do Alexandre?...

Theresinha tomou-lhe do braço, levou-a para fóra do alpendre e disse-lhe, com voz sacudida de tristeza:

— Uma desgraça!...

— Brigaram? — inqueriu Luzia anciosa, en-

carando no semblante da moça ruiva para lhe apprehender a mysteriosa noticia.

— Imagina que eu voltava da obra, e, quando dei por mim, foi com a gralhada de Romana, applaudindo com as parceiras. Aquellas não-sei-que-diga riam como doidas varridas. Uma dizia: Foi bem feito! A outra resmungava: Bulir com o decomer dos pobres!... Que miseria!... Se fosse só feijão — grazinava a deslambida da Romana — Meu Deus, perdoa-me... Passou as unhas no dinheiro. Quem havéra de dizer — rosnava a Joanna Cangaty, aquella serigaita, que tem o buxo caído — que aquelle sonso...

— Mas... que aconteceu, mulher de Deus?

— Cheguei-me a ellas e sube então... Imagina como fiquei estatellada, e cahi das nuvens quando me disseram que Alexandre estava preso...

— Preso!... — exclamou Luzia aterrada — Preso?!... Preso porque?...

— Foi o que perguntei. Então a avoadada da Romana começou a caçoar: "Ora, o moço precisava preparar-se para o casorio; não teve duvidas; passou a mão..."

— Mas... é mentira!...

— Eu tambem tenho Alexandre em conta de pessoa incapaz de se sujar com o alheio; mas a verdade é que foi preso e lá está, na casa da Commissão, com o Delegado...

— E' impossivel, Theresinha. Você não acha que Alexandre é incapaz de tamanha miseria?...

— E' o que lhe estou dizendo, minha camarada. Está preso e não tem quem púna por elle: todos o accusam, porque tinha a chave do armazem; appareceu hoje fóra de horas...

— Oh! Meu Deus! Era só o que faltava! Juro que é falso! Cáia eu morta, se não tenho certeza do que digo.

E, dirigindo-se, firme e resoluta, ao quarto, abrigou-se no amplo lençól branco, dizendo á mãe, sorprendida pelos modos agitados:

— Volto já, mãesinha... E' um instantinho... Theresinha fica...

Sem attender ás observações da velha, passou rapida ao alpendre, e supplicou:

— Você faz companhia áquella pobre... minha amiga. Faça-me esta esmola pelo amor de Deus...

— Que vae fazer?

— Não sei... Deixe-me...

Com um movimento violento desvencilhou-se de Theresinha, que tentára detel-a, e partiu em desvairada corrida.

VII

Além da habitual aglomeração de retirantes na rua do Menino Deus, á porta do armazem da distribuição de soccorros, algo havia de extraordinario, a julgar pelos modos assustadiços, os olhares de maligna curiosidade do mulhero, que se acotovelava aos empuxões para observar o que se passava no interior, onde estavam reunidos os membros da Commissão, o delegado de policia e o promotor publico. Dois soldados, Belota e Cabezinha, guardavam a porta, com ordem de vedar a entrada a quem quer que fosse. Crapiúna gyrava entre o povilhéo, contendo, com máos modos, os exaltados, que protestavam contra a demora da distribuição das rações, principalmente as mulheres que haviam deixado em casa filhos pequenos, sem um grão de farinha para fazer um mingáo.

— Cessa rumor! Cambada! — intimava Crapiúna, com a costumeira impostoria — Vocês ou ficam quietos e callados ou arribam daqui. Em fariscando comida, ficam logo assanhadas...

E continuava a ronda, sob um chuveiro de

imprecações e motejos, que a sua excessiva grosseria provocava.

Os cidadãos incumbidos pelo Governo da penosa tarefa de distribuir socorros, desempenhavam com excepcional e caridosa dedicação, os seus deveres, mantendo o mais escrupuloso zelo e probidade na administração do serviço. Não houvera ainda um caso de *muamba*, coisa muito vulgar em outros centros de affluencia de retirantes, nos quaes se explorava escandalosamente a miseria, e se desviavam, para serem vendidos por excessivo preço, os viveres destinados aos infelizes famintos. Era, pois, natural que, ciosos de tão honrosos precedentes, ficassem muito impressionados com o roubo de generos e de duzentos mil réis em dinheiro, denunciado, naquella manhã, pelo almoxarife.

A porta do armazem fôra encontrada aberta, sem o menor vestigio de violencia, caixas com fazenda abertas e a gaveta que continha o dinheiro arrombada. Estavam bem patentes os indicios do crime, pegadas do ladrão impressas na poeira, pingos de velas de carnaúba sobre as caixas e o instrumento empregado para forçar a gaveta, um grande formão de carpinteiro.

Quem seria o audacioso criminoso? O nome de Alexandre, pronunciado por labios anonymos, no meio da turba, foi logo envolvido pela sinistra atmospheria da suspeita. Elle guardava as chaves do armazem; era empregado de inteira confiança, conquistada pelo mais irreprehensivel procedi-

mento, e os mais abonados precedentes; mas não se podia eximir da responsabilidade do facto, se não por desidia, por falta de vigilancia. Demais, naquelle dia, elle sempre pontual, chegara tarde, notando-se-lhe no semblante profunda perturbação ao encontrar a porta aberta, e o almoxarife, que o interrogava com o olhar severo. Não pudé-
ra, no primeiro momento, se justificar ou explicar as circumstancias que o denunciavam. Indicações vagas, circulando na massa de retirantes, alludiam a factos que davam corpo ás suspeitas. Elle estava para casar; pretendia deixar a cidade; era bem possivel que a paixão por Luzia-Homem o allucinasse ao ponto de arrastal-o a tamanha desgraça. Por outro lado, alguns amigos que o não abandonaram na hora do infortunio, allegavam que, tendo as chaves, não necessitaria de deixar a porta aberta, apenas encostada, recorriam aos precedentes de porte illibado, a doçura de caracter, maneiras de pessoa bem ensinada e de boa procedencia.

Entre os pró e contra, prevaleceu o depoimento de Crapiúna, affirmando haver visto, á meia-noite, mais ou menos, um vulto com uma trouxa volumosa subir apressadamente a rua na direcção da igreja. Não jurava que fosse Alexandre, por não ter, em consciencia, absoluta certeza, e para que não dissessem que o accusava por andar inticado com elle; mas a verdade é que tinha o mesmo andar e a mesma estatura. Não o perseguira por não lhe passar, então, pela cabeça, a

idéa de um crime tão vil. Belota confirmava, em todas as minúcias, a historia do camarada, protestando todavia, que, até á vespera, seria capaz de metter a mão no fogo por tão bom moço; mas... a occasião fazia o ladrão...

Alexandre foi interrogado. Estava tão abatido pela commoção, que fez declarações incongruentes, contradictorias e inverosímeis, nem pôde explicar, de modo plausivel, a demora. Acossado pelas questões da auctoridade, limitava-se a protestar com voz angustiada:

— Juro que sou innocente, seu Delegado. Eu nunca me sujei com o alheio. Antes me seccassem as mãos e me faltasse a luz na hora da morte!

Continuava o interrogatorio, aliás conduzido com imparcialidade complacente, quando a audiencia foi interrompida por extranho rumor, gritos e imprecações ameaçadoras, estrugindo na rua.

Aquecidas as faces pela fadiga da caminhada, os grandes olhos lampejantes de chispas fugitivas e o traje em desalinho, Luzia penetrou nos densos magotes humanos, que lhe embaraçavam a passagem, com impeto irresistivel; e foi abrindo larga brécha, afastando aos empurrões homens e mulheres, sob uma saraivada de remoques, queixumes e improperios.

— Arréda, que lá vem Luzia-HOMEM, como uma damnada!...

— Mulher do demonio, você não enxerga a gente, sua bruta?!...

— Esta excommungada está com o diabo no coiro!...

— Vôte! malvada!...

— Ficou como lacraia assanhada, por causa do macho...

Luzia era insensível ás queixas e insultos, foi avançando sem desfallecimento, sem hesitação. Ao enfrentar a porta, Belota pretendeu tolher-lhe o passo, mas foi repellido com possante e rapido movimento. Igual sorte tiveram Cabecinha e Cra-piúna. Este lhe não ousou tocar, inanido por extranho terror. Surdiu, enfim, na sala, e parou indecisa, espantada por se achar entre pessoas notaveis, aturdidadas pela surprehendente invasão. Depois se dirigiu a Alexandre, que a contemplava estupefacto, num mixto de assombro e alvoroço.

— Que foi isto, seu Alexandre?...

— Nada — respondeu elle, baixando os olhos — Um impute, que me fizeram...

— Mas é falso!... Não é?...

— Juro por alma da defunta minha mãe...

E grossas lagrimas lhe deslisaram pelas faces tostadas, embebendo-se na barba crespa e aloirada.

— Seja homem, Alexandre — disse-lhe então a moça, com voz vibrante e energica — Deus é grande!... Quem não deve, não teme!...

— Chóro de vergonha, porque nunca me vi em semelhante desgraça...

Ella, animando Alexandre com a protectora caricia de um olhar ineffavel, voltou-se resoluta e calma para os circumstantes. Do desalinho das roupas, o lençól pendido do braço a arrastar pelo chão, o cabeção de renda emmoldurando o seio nú e palpitante, as desgrenhadas madeixas a lhe cahirem em ondulações fulvas de serpentes negras; dos olhos, do gesto e da voz, um concerto de convicção e firmeza, irradiava sobrenatural encanto, empolgando o auditorio, subjugado pela esplendida e fascinante exhibição da força e da belleza, harmonisadas naquella admiravel creatura.

— Saberão vossas senhorias — exclamou, em vibrações fortes e sonoras — que este homem não é nada meu!... Nem parentes somos, senão por Adão e Eva. Posso morrer sem confissão. Meu corpo não tem péchas, nem peccados a minh'alma...

E estendeu os braços, num gesto largo e franco de innocencia que se exhibe:

— Entre essa gente maligna que faz pouco de mim, essa gente desalmada que me persegue, como se eu fôra uma excommungada ou um bicho brabo, encontrei nelle um amigo, um irmão; e hoje, abaixo de Deus, é elle quem me ajuda a sustentar os dias de minha mãe, entrevada dentro de uma rêde. Estas noites temos passado juntos fazendo quarto á pobre velha que gemia com dôres de fazer cortar coração. Hoje, de manhãzinha, estive lá em casa e pedi-lhe que fosse pro-

curar o doutor... Ah! meus senhores, até os bichos são agradecidos, quanto mais creaturas christãs. E aqui está, em pura verdade, porque eu púno por elle e juro que está innocente...

— Não temos provas — observou o Delegado — Por ora só ha contra elle suspeitas, indícios...

— Então porque o prenderam? Pois se envergonha um homem sem que nem para que, por um impute?...

— Em beneficio d'elle; para apurar a verdade...

— E se não conseguirem isso? — perguntou Luzia impaciente — Ficaré preso toda a vida?!...

— Não se afflija — ponderou o Promotor, intervindo, e no intuito de amenisar a pungente scena — Sente-se, repouze. A senhora está muito exaltada, acalme... Que estupendo typo! Que formoso cabello — observou á puridade, voltando-se para um dos commissarios.

Luzia reparou, então, em seu desalinho, e sentiu um calefrio de pejo, como se a lambessem aquelles olhos que a fitavam com insistencia, olhos mortos de volupia. Colheu os cabellos, toda afflicta e ruborisada; enrolou-os rapidamente, e os prendeu com um gesto gracioso no alto da cabeça, e abrigou-se no lençol branco de babados de cambraia de salpicos.

— Donde é natural? — inqueriu o Promotor.

— Eu me chamo Luzia Maria da Conceição.

Sou filha do Ipú. Meu pae, que Deus haja, era vaqueiro das Ipueiras do Major Pedro Ribeiro... Está ouvindo, seu doutor?

Ella alludia a gritos e gargalhadas do povi-lhéo, bradando na rua: Luzia-HOMEM!... Met-tam ella na cadeia que se descobre tudo!... Aviem os pobres que estão aqui esperando com fome!...

— Porque lhe deram essa alcunha?

— Eu lhe digo, seu doutor. Desde menina fui acostumada a andar vestida de homem para poder ajudar meu pae no serviço. Pastorava o gado; cavava bebedores e cacimbas; vaquejava a cavallo com o defunto; fazia todo o serviço da fazenda, até o de foice e machado na derrubada dos roçados. Só deixei de usar camisa e ceroula e andar encoirada, quando já era moça de mais, alli por obra dos dezoito annos. Muita gente me tomava por homem de verdade. Depois, meu pae, coitadinha, que era forte como um touro, e mata-va um bóde taludo com um murro no cabelloiro, morreu de molestias, que apanhou na influencia da ambição de melhorar de sorte, na cavação de ouro no riacho do Juré. Dahi em diante, começamos a desandar. Minha mãe, sempre muito doente, e nós duas muito pobres de tudo, menos da graça de Deus, vendemos as miúças e cabeças de gado, que tirámos á sorte da producção da fazenda, os animaes de campo e até o meu cavallo castanho-escuro, calçado dos quatro pés e com uma estrella na testa... o meu querido Tempo-

ral... Tudo isso para não morrermos de fome, quando veio esta secca...

Soluços lhe embargaram a voz, e desatou em copioso pranto.

— Socegue, moça — disse-lhe o Delegado compassivo — A sua sorte nos interessa. Está entre amigos de quem só deve esperar benefício; mas... é preciso ter paciência. Alexandre tem por defeza os melhores precedentes e todos o abonam; entretanto é indispensavel que fique detido enquanto duram as diligencias do inquerito...

— Preso?!... Não é possivel! — exclamou Luzia — Vossa senhoria não fará tamanha injustiça. Eu lhe peço por vida de seus filhinhos... Alexandre é innocente!...

E rojou-se de joelhos, aos pés do Delegado.

— Tenha paciência! — murmurou este comovido, e tentando erguel-a.

Luzia não se conformava com a horrivel idéa da prisão; e continuou a supplicar, muito condolente.

Alexandre já não podia supportar aquelle espectáculo, que lhe macerava a alma. Suspirou de allivio quando o Delegado mandou conduzi-lo; e, ao passar por ella, disse-lhe com firmeza:

— Tenha coragem. Cadeia não se fez para animaes. Espero em Deus sair limpo desse impudite que me levantaram... Vá para junto da tia Zepha que eu me arranjo...

Tanto que o preso partiu escoltado pelos sol-

dados Belota e Cabecinha, Crapiúna assomou na sala, mesmo em frente de Luzia, cujo olhar dolente acompanhava o moço e se fixava na porta por onde o levaram. A figura do soldado, detestável de arrogancia triumphante, substituindo o preso, no campo da visão desvairada, interrompeu immediatamente a annihiladora impressão de magoa; e a moça, transformada por encanto, estremeceu num êsto de odio, que lhe faiscou no olhar, como um corisco.

— Aqui está, seu doutor — exclamou ella, indicando o soldado, com um soberbo gesto de indignação — Aqui está o aza-negra que me persegue, pensando que eu sou da laia delle... Este homem me atormenta com malcriações, com cartas... Espere... Tenho uma commigo...

E retirou do seio, de envolta com o cacho de cravos murchos, a ultima carta de Crapiúna.

— Eis — continuou tremula de colera — a carta que este... não sei que diga... me mandou hoje...

O Promotor tomou a carta; leu-a, sorriu-se e passou-a ao delegado, segredando-lhe:

— Ha, talvez, em tudo isso um drama de amor...

— De pouca vergonha, seu doutor, atalhou Luzia — Elle devia saber que sou uma rapariga direita...

Depois de lêr a carta, voltou-se o Delegado para o soldado, que até então mantinha ares de basofia:

— Que quer dizer isto?...

— Saberá vossa senhoria que não é nada...

— balbuciou elle, sorrindo ironico.

— Nada!... Que significam as suas palavras de ameaça?...

— E' um modo de falar para fazer medo e caçoar com ella... Negocio de namoro...

— Namoro, seu atrevido... Pois o senhor fica responsabilizado por qualquer falta de respeito, ou tudo quanto succeder a esta moça...

— Por causa disso — observou o escrivão Antonio Rufino -- é que elle foi removido da policia do Curral do Açougue...

— Eu não quero fazer mal a ella, seu Delegado. Demais a mais, não é crime a gente querer bem e pertender uma moça dessas...

— Não admitto observações... Retire-se... Veja como se porta!...

Crapiúna fez continencia e deu meia volta, com inexcedivel garbo militar, lançando a Luzia sarcastico olhar de desafio.

— Vá descansada, moça — disse-lhe o Promotor, com meiguice — Sua mãe reclama os seus cuidados. Quanto a Alexandre, a justiça empregará todos os meios e esforços possiveis para descobrir o verdadeiro autor do delicto. Estou persuadido que é innocente.

— Deus lhe pague, meu senhor... Deus lhe dê saude e felicidade... Queira perdoar a minha ousadia... Fiquei fóra de mim... — suspirou ella, com lagrimas na voz.

E compondo as dobras do amplo lençól de madapolão, saiu lentamente, desconsoladamente, acabrunhada de dôr e de vergonha.

O Promotor, voltando-se, então, para o Delegado e os Commissarios, ponderou:

— Não será esta carta um indício precioso?... Na minha opinião, deve ser vigiado aquelle soldado.

V I I I

Therezinha informára a tia Zepha do caso de Alexandre, procurando, com tortuosas e vagas digressões, amortecer o choque demasiado rude, e substituir a filha ausente, preparando o caldo, ajudando a velha a mudar de posição, e convencendo-a de tomar o remedio, que tinha um sabor mau de azinhavre.

— Deus te pague — repetia a velha, fazendo uma careta de repugnancia e escarrando com ruido — e perdõe os teus peccados. Bem sabia que o teu coração é bom... Ai... o que te falta é cabeça...

— A minha sina é que não foi boa... — observou a moça com requintes de ternura e meiguice — Se a gente pudesse adivinhar; se soubera o que me havia reservado quando saí de casa...

— E Luzia que não volta!... Se não fossem os cuidados estaria melhor, porque o puxado vae passando...

— E' o remedio... Tome outra vez...

— Já estou encharcada de mézinha... Coitada da minha filha!...

— Descance que ella não tarda ahi...

— Pobresinha!.. O dia inteiro, com uma triste chicara de café escoteiro.

Ao escurecer regressou Luzia. Vinha taciturna e triste, rendida de fadiga. Tomou a benção á mãe; apertou Therezinha contra o seio, numa demorada e silenciosa expansão de reconhecimento, e deixou-se cair acocorada á soleira da porta do quarto, em postura de desanimo, os cotovellos fincados sobre os joelhos e a cabeça apoiada nas mãos.

— Seu decomer — disse-lhe Therezinha — está guardado...

— Não tenho fome...

— Ao menos uma chicara de café...

— Deixa-me descansar.

— E Alexandre, filha? — inquiriu a velha plangente.

— Está preso!... Levaram-no para a cadeia como um malfeitor...

— Diz-me o coração — atalhou Therezinha — que elle está penando injustamente... Mas... deixem estar que vou farejar o ladrão... Conheço uma velha que faz a adivinhação da urupema e sabe rezar o responsio de Santo Antonio. Não ha furto que não descubra. Uma coisa é vêr, outra é dizer. Parece que tem parte com o cão... Meu Deus, perdoae-me...

— São abuzões — murmurou a velha.

— Pois amanhã cedo vou atraz della, da

Rosa Veado, que móra na Fortaleza, nos quartos da Lianor, e vosmecê ha de vêr...

— Póde ir embora, Therezinha — disse-lhe Luzia, quebrando o longo silencio — Você já fez muito por nós...

— Eu?!... Ai, gentes! Que grande incommodo!... Agora é que fico mesmo aqui ajudando. Durmo alli, na esteira, junto do girão, ou em qualquer parte. Basta ter onde encostar a cabeça...

E, accendendo fogo num cigarro de papel amarello, continuou contando casos maravilhosos da feitiçaria de Rosa Veado que, além dessa habilidade, era insigne parteira, muito cuidadosa, muito feliz.

Therezinha ficou. Passou a fazer parte da familia, pois não tinha animo de abandonar as duas creaturas, repassadas de amargos soffrimentos, sósinhas naquella casa, sem uma alma condoída que as consolasse. Sabia quanto custava a privação subita da companhia affectuosa de um ente querido; tinha a dolorosa experiencia do abandono e das fataes consequencias da orphanidade do coração. Era quem cuidava da doente nas ausencias de Luzia, muito preocupada no andamento do inquerito sobre o roubo. A's provisões que, escassamente, chegariam para mantel-as, ajuntava o pouco que podia conseguir: algumas gulodices, ovos, manteiga e assucar, adquiridas por preços absurdos. Tomára a seu cargo os serviços da casa, menos os braçaes, como

rachar lenha e pilar café, porque era aberta dos peitos e cuspiu sangue sempre que abusava dos seus delicados musculos.

Procurára, como dissera, Rosa Veado para rezar o responsio; esta, porém, exigira dinheiro para comprar duas velas para o santo, luz sagrada, indispensavel para o exito do sortilegio, circumstancia que ella não revelou a Luzia, por querer que o descobrimento do criminoso fosse devido, exclusivamente, á sua iniciativa.

Arguta rapariga, affeita ao contacto do vicio e do crime, a perobel-os por intuição, estava convencida da innocencia de Alexandre, e julgava obra de malvados a infamante imputação.

— Elle não tem cara de ladrão — dizia — Conheço pela pinta quem péga no alheio; e nunca me enganei... Não se me dava de apostar... não quero condemnar a minha alma, levantando falso a ninguem; mas... deixem estar que hei de desmascarar os safados, que não têm consciencia para fazerem soffrer um pobre...

As reticencias irritavam Luzia, que, por sua vez, só pensava em deslindar o mysterio.

— Ah! Se eu tivesse dois mil réis!... — suspirou Theresinha.

— Para que queres dois mil réis?...

— Para uma coisa que só eu sei...

E passaram-se dias.

Da frugal comida Luzia separava, todos os dias, uma porção que levava ao Alexandre. Ape-

zar dos remoques de Belota e dos encontros com Crapiúna, ella cumpria, pontualmente, o dever de visitar o preso e conversava com elle alguns momentos, por entre as grades da cadeia, uma grande sala, no andar terreo da casa da Camara, onde estavam empossilgados mais de cem homens.

Alexandre não se conformára com a promiscuidade entre criminosos dos mais abjectos. Havia alli assassinos, condemnados a penas maximas, envelhecidos naquelle recinto miasmatico; ladrões que narravam, com repugnante bravata, façanhas deprimentes; moços impulsivos, culpados de crimes passionaes, commettidos sob a influencia nefasta de paixões incoerciveis, e alguns idiótas, manicos que apodreciam cacheticos, roídos de molestias, vegetando, como plantas damninhas, conservados naquella sordida estufa de podridão e de vicio. No ambiente escuro da prisão cruzavam-se rêdes em todas as direcções, umas sobre outras, parallelas ou atravessadas, todas sujas e nauseabundas. A um canto estava o barril d'agua; noutro, a cuba do despejo; e, defronte do amplo portão, das quatro janellas largas, abertas para a praça, protegidas por dupla grade de grossos vergalhões de ferro, trabalhavam os sentenciados em sapatos, chapéos de palha e obras de funileiro. Essas janellas eram o parlatorio e o balcão dos negocios. Deante dellas estavam, continuamente agglomerados, agentes de commercio, ou pessoas da familia, mulheres, mães, irmans ou amantes dos reclusos no ergastu-

lo fedorento e immundo, que a piedade dos Commissarios ia extinguir, construindo a penitenciaria no morro do Curral do Açougue.

Dentro de dez dias de prisão, Alexandre foi accommettido de fortes dores de cabeça e immensa fadiga physica e moral. Privado de sol, a tez do rosto perdera o vivo colorido, fez-se pallida e baça; a barba e os cabellos castanhos pareciam pardacentos como herva crestada, e os olhos amortecidos se encovaram nas orbitas roxeadas. Toda a sua pelle estava secca e fria, coberta de descamação esbranquiçada, que lhe zebrava o corpo quando se coçava. Queixou-se ao carcereiro, ao Juiz da prisão, que era o Galucho, antigo cangaceiro, portador de um rosario de crimes.

— E' assim mesmo — respondeu-lhe o facinora — Nos primeiros tempos, a gente estranha; fica banzeira. Depois se acostuma. Estou aqui ha dez annos; ainda me faltam quatro e pretendo, se Deus não mandar o contrario, sair com forças para liquidar contas velhas. Olhe, moço, para essas dores de cabeça só ha um remedio: sair, pela manhã, com a fachina...

Mas, a Alexandre repugnava o carregar a infecta cuba de residuos e secreções, ligado a um criminoso por comprida corrente de ferro, atada ao pescoço pela gargalheira, fechada a cadeado. Mil vezes a morte, intoxicado no ambiente mephitico, á vida maculada pela infamia, que lhe custaria alguns momentos ao ar livre.

As noites infinitas, cruciantes, elle as passa-

va encolhido perto de uma das janellas, o somno cortado pelos brados de alerta das sentinellas e contando as horas pelo sino do relógio da Matriz fronteira, até ao toque de alvorada, que lhe repercutia no coração, evocando a ancia de tornar a vêr Luzia com informações do processo, e talvez mensageira da liberdade.

Quasi todos os dias ella passava pela casa do Promotor, sinceramente interessado na sorte de Alexandre, para se consolar com promessas. A ultima fôra que, terminado o balanço dos generos armazenados, o inquerito seria rapidamente concluido.

Até então nada se havia adeantado para esclarecer a justiça. Permanecia a situação indecisa de presumpções, méras suspeitas, indícios pouco vehementes; e nenhuma prova de alcance juridico fôra colhida, além dos depoimentos dos soldados e de duas mulheres de má vida, a Romana e Cangaty. O facto de ser Alexandre depositario das chaves deixava de ter importancia por se haver verificado que a fechadura da porta do armazem, antes tão corrente, estava perra, denotando a introducção de outra chave ou de qualquer instrumento de violencia. Nada ocorrera, entretanto, para encaminhar a acção da policia em direcção a outro responsavel, tendo sido infructifera a vigilancia, secretamente feita, em volta de Cra-piúna.

E, nessa incerteza, dias de penar, noites mal dormidas succederam-se: Alexandre estiolado na

prisão, como planta sylvestre, privado de ar e luz; Luzia nutrida de esperanças, que se adelgaçavam em chiméra fugitiva.

Num dia desses, regressando a casa, ella respondeu com um gesto de desanimo aos olhares interrogativos da mãe e de Therezinha:

— Por ora... nada... Amanhã... amanhã...

— Ah! — suspirou Therezinha — Se eu tivesse dois mil réis!...

— Para que? — inqueriu Luzia impacientada pelo estribilho, repetido toda a vez que se queixava da inefficacia das diligencias para libertar Alexandre.

— Mortifica-me com essa cantiga... Já vendi os meus brincos de ouro; a vara de cordão, que havíamos reservado para um aperto, tambem já passou a outras mãos... Nada mais temos, nem com que comprar um par de chinellas... Veja... As minhas já estão com bocca de sapo...

— A você, — tornou Theresinha á puridade — nada devo occultar. Eu queria os dois mil réis para o responsio...

— O responsio?!...

— Sim, para comprar duas velas de libra... A Rosa não reza sem isso...

— Como ha de ser? Onde irei achar tanto dinheiro!...

— Fosse eu você, Luzia, era só pedir por bocca...

— Que fazia?

E cravou na companheira, um prescrutador e sereno olhar, desses que traspassam o corpo e devassam a alma.

— Eu? — balbuciou a moça, confusa e dominada — Eu?... Não fazia nada... Foi uma asneira que me veiu á cabeça... Não póde ser... não se faz a réza... E eu que tinha uma fé... E' melhor tirar d'ahi o juizo...

— E acredita que Rosa Veado é capaz de descobrir?...

— Ora... ora... ora!... E' dito e feito... Tenho fé cêga em Santo Antonio. Em casa de meu pae havia um, deste tamaninho, e milagroso como elle só. Quando se perdia alguma coisa, bastava prometter-lhe dois vintens; a gente achava logo sem saber como. E, não se cumprindo a promessa, era castigo certo. De uma feita, desapareceu uma vacca leiteira. Meu pae, desconfiando que a houvessem furtado, chamou o pae Pedro, negro velho ladino e rastejador, e disse-lhe: "Não quero saber de historias; vosmecê dá-me conta da vacca, ou come relho". Quando o velho falava assim, era aquella certeza. O negro coçou a cabeça, lastimou-se e saiu resmunhando. Bateu capões de matto; esgravatou grótas e já estava desesperado, pensando no que lhe aconteceria, por voltar com as mãos abanando, quando se lembrou de prometter dois vintens a Santo Antonio. Mal tinha feito a promessa, olhou para uma banda e o que havia de vêr? A vacca pastando muito de seu, no logar onde escondera o bezerro.

Pedro pulou de contente, laçou a vacca, e partiu. Em caminho, entrou a pensar que o santo nada havia feito; elle é que estava banzando sem prestar attenção. Porque, então, lhe havia de dar o dinheiro?... Nisto, o animal deu um safanão; arrancou e deitou a correr como um desesperado. Percebendo o castigo, o negro pôz a bocca no mundo: "Que santo desconfiado!... Eu estava caçoando... Pago os dois vintens e até mais..." A vacca voltou ao curral com os pés della e foi o que valeu ao pae Pedro. Olhe, Luzia, tenho visto verdadeiros milagres...

— Amanhã — affirmou Luzia jubilosa, como se lhe houvesse occorrido o meio de resolver a difficuldade — amanhã arranjarei os dois mil réis...

— Como? Que vae fazer?... Ah! Luzia, não se guie pela minha ruim cabeça...

— Não se arreceie...

— Que é que vocês tanto conversam? — perguntou a velha.

— Nada, tia Zephinha — respondeu Therezinha — Bobages de moças. Eu dizia que se pudessemos pagar um doutô para soltar Alexandre...

— Não ha, então, uma creatura que faça de graça essa caridade?...

— Qual!... Neste mundo tudo se move a pezo de dinheiro... Doutô é como padre que não diz missa sem dinheiro... O saber é a foice e o machado delles...

— Não são todos — observou Luzia — O

Promotor é um doutô muito bom... Tem feito o que póde pelo pobre que está penando naquelle inferno... Amanhã... Amanhã...

Therezinha preparou a candeia de azeite de carrapato; espevitou o pavio de algodão torcido; accendeu-o, soprando com força num tição, e collocou-a no caritó, donde, bruxuleando, vacillante e fumarenta, illuminou em tons melancolicos, em firmes e vagarosos contrastes de claro e escuro, como nas télas immortaes de Rembrandt e Espanholetto, um quadro admiravel e emotivo, scena intima da pobreza soffredora e resignada.

I X

Apagavam-se no céu pallido os astros, e a estrella d'alva desmaiava, lívida, quando Luzia deixou a rêde. Espreguiçando, estremunhada ao fresco terral da manhã, que lhe agitava o traje com suave carícia, desfez os cabellos impregnados de forte fragrancia de mulher amorosa, como se a propria essencia da força e da saúde evolasse delles em capitoso filtro sensual; e, tomando de um largo pente de chifre, começou a desembaraçar as densas madeixas, que se afogavam e entumeciam crespas e lustrosas. Aos seus ouvidos, chegavam os canglores vibrantes do toque de alvorada, recordando-lhe Alexandre encerrado na prisão infecta e escura, entre scelerados, áquella hora despertados do profundo somno perturbado pelos sonhos de remorsos implacaveis.

Nos arredores, até onde o olhar podia chegar, fendendo a vaporosa neblina da madrugada, surgiam massas pardacentas de moitas desgrenhadas em gravetos resequidos, espectros de arvores, a terra poeirenta e as casas ainda fechadas, donde partia o surdo rumor de choro de crianças, ran-

ger de chaves nas fechaduras pêrras, prolongados bocejos, resmungando phrases de vago, quasi imperceptivel queixume.

No quarto proximo, a velha mãe resonava com intermittentes gemidos. Therezinha dormia ainda, estirada na esteira, seminúa, num abandono ingenuo, debuxando-se-lhe as fórmãs delgadas e graciosas. No alpendre esmoreciam, na extremidade dos grossos tições, grandes brazas rubras, sob tenue camada de cinzas brancas.

Ao espectaculo do alvorecer sem alegria, o campo desolado, sem canticos de passaros e rumores harmoniosos do trabalho venturoso e fecundante, ella revia a infancia, na fazenda Ipueiras: a campina verdejante humedecida de orvalho congregado no cóncavo das folhas em gottas tremulas, os cabeças-vermelhas gorgeando nos mais altos ramos dos joazeiros frondosos; caraúnas airosas papeando em *volatas* vibrantes nos leques das carnaúbas esguías; rôlas arripiadas e friorentas aguardando, aos casaes quietos, bem juntinhas, os primeiros raios do sol. Ouvia o mugir lamentoso das vaccas presas nos curraes, o gemido soturno e timido dos bezerros e monjólos famintos; o balir das ovelhas irrequietas no fumegante chiqueiro; o gaguejar dos bódes lubricos, ébrios de luxuria; e o relincho triumphante do fogoso cavallo castanho, a galopar peiado das mãos, de crinas eriçadas, de orelhas espetadas e de rubidas narinas accesas. E como o cheiro do pasto florido, dos aguapés fluctuantes na lagôa

azulada, nenuphares de caçoilas entreabertas, sentia o fartum da prodigiosa terra exuberante, e o bafio agro dos rebanhos fecundados. Recordava-se do banho na lagôa, que espelhava o céu, e a paisagem pittoresca, e onde ella nadava como as marrécas ariscas; mergulhava e voltava á flux, espadanando a agua com o açoite de cangapés acrobaticos, espantando os paturys e jaçanans medrosos, os graves socós pousados sobre uma perna e os bandos de alvas garças elegantes. Como era saboroso o leite morno, espumando nas cuias; o tassalho de carne do sol chiando no espeto, o cuscús vaporoso e os queijinhos de cabra, em fórma de peito de moça; as merendas e o mel de rapadura e macaxeira, o mocunzá com côco da praia, a coalhada escorrida e os fôfos manuês assados em folha de bananeira?!...

Nessa evocação saudosa de um passado morto, resurgiram as adoraveis peripecias da infancia, os episodios da vida de adolescente na penumbra da puberdade, salteada pelas primeiras investidas dos instinctos; as festas, os S. Gonçalos, os Bumba-meu-boi, as vaquejadas, as caçadas de avoantes nos bebedoiros, a colheita dos ovos que ellas, abatendo-se em nuvens sobre as varseas, punham aos milhões, junto dos seixos, das toiceiras de capim, ou nas barrocas feitas, durante o inverno, pelas patas do gado. Sentia ainda zumbir o vento nos ouvidos, quando, em desapoderada carreira, o castanho persegua, através dos campos em flor, as novilhas lisas ou os fuscós bar-

batões, que espirravam dos magôtes; o ecoar da voz gutural do pae, cavalgando, á ilharga, o melado caxito, e bradando-lhe, quente de enthusiasmo: "Atalha, rapariga!... Não deixes ganharem a catanga!..." E quando ella, triumphante das façanhas do campeio, o castanho a passarinhar nas pontas dos cascos, garboso, vibratil de ardego, as ventas resfolegantes, os grandes e meigos olhos rutilantes, todo elle reluzente de suor, como um bronze illuminado, o enlevo do pae a contemplal-a, orgulhoso, e indicando-a aos outros vaqueiros: "Vejam,rapaziada!... Isto não é rapariga, é um homem como trinta, o meu braço direito, uma prenda que Deus me deu..." E as moças, suas companheiras, murmuravam espantadas: "Virgem Maria! Credo!... Como é que a Luzia não tem vergonha de montar escanchada!..."

Paisagem, factos, coisas, creaturas queridas perpassavam, confundidos, sós, ou em torvelinhos fantasticos; tudo ao longe, num horizonte de nebrinas, como recordações truncadas e vagas de um delicioso sonho interrompido.

.....
O sol surgia rubro, sem pompas de nuvens, destoldado.

Theresinha appareceu á porta do quarto, bocejando e fazendo cruces sobre a bocca escancarada:

— Credo!... — murmurou — Pegou-me c somno que não foi graça... Bom dia, Luzia... Você é muito faceira com esses cabellos...

— Bom dia, Theresinha! — respondeu Luzia com uma das madeixas preza aos dentes para lhe poder desembaraçar a extremidade — E mãesinha?...

— Está dormindo, coitadinha, que nem uma creança. Que santo remedio!... Sómente — já reparou? — de vez em quando ella a modos que se engasga...

— É da molestia...

— Que inveja tenho dessa cabelleira! Que é que você fez para crescer assim?

— Nada... Agua do póte e pente duas vezes por dia...

— Qual! Isso é do calibre da gente... Eu tenho usado tudo quanto me ensinam: oleo de côco, enxundia de gallinha, uma porção de porcarias... Cheguei até a botar nos meus remedio de botica... Foi mesmo que nada... Sempre ficaram nestes rabixos que nem me chega ás cadeiras...

— Veja só. Ninguem está contente com a sua sorte... Eu, por mim, não se me dava que os meus fossem como os seus. Dariam menos cancelra para os desembaraçar e alizar todos os dias...

— Emfim, cada um como Deus o fez...

— Porque não os ensabôas com raspa de juá? Todas as moças, na redondeza das Ipueiras, têm cabellos lindos, que crescem depressa — dizem — por causa da agua de lá, que é virtuosa, e da tal raspa...

— Vou experimentar.

Houve longa pausa. Theresinha, de olhos

apertados, suffocada pela fumaça, soprava os tições. Luzia subjugava os cabellos em grande *cóco*, no alto da cabeça.

— Às vezes — disse Luzia — tenho vontade de cortar os meus bem rente. Para que pobre quer cabelleira?...

— Que horror! — exclamou Theresinha — Ficar sura?!... Nem falar nisso é bom.

— Não faz mal. Cabello é bem de raiz: quanto mais se corta mais cresce. Assim foi com os meus.

— Ha gente que usa cabellos postiços. A Maria Caiçara, aquella cara de lua cheia, que é caseira do Belota, tem um enxumaço, que parece della mesma. Algumas moças brancas e ricas tambem gostam disso. Dizem até que compram cabellos de defunctas, cortados pelos coveiros do cemiterio... Credo!... Eu teria um nojo...

Nessa occasião, chegou Raulino, sertanejo muito afamado, alto, todo musculos, de cabellos vermelhos e olhos azues, genuino typo de bretão, bravo e meigo, contador de historias maravilhosas de grande vóga. Trazia, em balança, nos hombros, uma grande toalha de algodão da terra, com uma trouxa em cada extremidade.

— Bons dias, meninas! Como vae tudo por esta casa?

— Assim, assim — respondeu Luzia — E você?

— Eu? Como pobre. Não estou bem em pé, mas encostado, e vou furando, como Deus é ser-

vido, o ôco deste mundo, até topar na morte. Estão aqui as rações: a sua, sa Luzia, e mais a da velha. Como você não pôde ir trabalhar o capitão José Sylvestre me perguntou se eu podia trazel-as. Então respondi: Que é que eu não farei por semelhante gente? Era para vir hontem de tarde, mas porém fui pegar um veado de estimação, que fugiu da casa do doutor e só pude dar com o bicho á bocca da noite, lá perto do corrego da Roça. Então resolvi vir agora de manhãzinha.

— Deus lhe pague.

— Ainda não lhe paguei eu, sá Luzia, a esmóla que me fez... Se não fosse você, abaixo de Deus, o boi me desgraçava daquella feita...

— Ora, ora, ora... Grande coisa!...

— Mangando, mangando, eu ia, mas era sendo varado pelas galhadas do bicho traiçoeiro... Ainda estou com este pé meio esnocado, mas já lhe pizo em riba com vontade...

Luzia desatou as trouxas, e arrumou, cuidadosamente, os viveres, que ellas continham, sobre o toско giráo, enquanto Theresinha torrava café em um cáco de póte, mexendo os grãos que se coloriam de castanho, exhalando saboroso cheiro.

— Bom, agora vou para a obra — disse Raulino — Até mais ver...

— Espere o café. A Luzia pila num instantinho.

— Café é commigo. Não posso engeitar — respondeu o sertanejo, com mesuras de agradeci-

mento — Não bebendo de manhã, passo todo o dia com a cabeça dolorida e as fontes latejando...

Theresinha despejou o café fumegante no pilão, e Luzia tomando da *mão* pesada de páo-d'arco, em poucos minutos, a golpes firmes e cadenciados, reduziu os grãos a leve pó inebriante.

Pouco depois Raulino sorvia, a largos tragos, o adorado liquido, que elle entornava no pires e soprava, tão quente estava. Ao terminar, puxou do cós da ceroula um grande corrimboque de retorcido chifre de carneiro, cuja tampa, de casco de cuia, estava preza pelas correias a um velho lenço vermelho; sorveu enorme pitada do cáco, e partiu troteando em ligeiro chouto de andarilho.

A velha, cujo somno já causava estranheza á filha, despertou muito melhorada. Havia muito, não lhe fôra dado dormir uma hora a fio.

— É do remedio, mãesinha — dizia-lhe Luzia com alegria infantil, beijando-lhe a mão, tremula e descarnada — Se Deus fôr servido, vae ficar boa, alliviada desse martyrio. Tambem já basta, tanto tempo dentro de uma rêde!... Mais dias, menos dias, estamos de viagem...

A velha sorriu-se, complacente e ironica.

— A demora — continuou a filha — é soltarmos Alexandre...

As nove horas, partiu ella para a cidade, levando a comida do prezo. Já estava quasi na volta do caminho, quando Theresinha gritou por ella:

— Não esqueça o que me prometteu hontem.

— Deixa estar — respondeu Luzia, fazendo de longe, um gesto de certeza, e desapareceu.

A entrevista na grade da prisão foi a de todos os dias: palavras de consolações, de esperança. Alexandre, desanimado e doente, para espaiar as amarguras da reclusão, trabalhava para um sentenciado sapateiro, que lhe dera, em pagamento do salario, um par de chinellos de marroquim verde para Luzia, presente muito opportuno, porque os della já os não podia quasi sustentar nos pés, tão estragados estavam.

Depois da refeição — disse-lhe o moço á puridade:

— Tenho que lhe dizer; mas só quando não estiverem outros presos perto de nós...

— O que é?...

— Uma intrigalhada... Imagine que levantaram...

A confidencia foi interrompida pela aproximação de Crapiúna, que estava de serviço.

— Vamos com isso — bradou elle, affectando energia, e piscando sensualmente o olho para a moça — Não quero palleios com os presos. Aqui não é logar de namoro, nem de bandalheiras. É fazer o que tem de fazer e muscar-se. São as ordens...

Luzia, perturbada com a subita presença do terrivel soldado, não ousou proferir palavra; compoz a trouxa, e partiu, rapidamente, para não ouvir as graçolas, que lhe dirigia a meia voz:

— Ingrata! Não se zangue commigo, meu

bemzinho... Tenha pena de seu mulato, feiticeira da gente...

Alexandre tiritava de raiva, murmurando entre os dentes cerrados:

— Deixa estar, miseravel!... Não hei de ficar preso toda a vida... Nossa Senhora ha de me tirar d'aquí e então aprenderás a respeitar os outros... Peste!...

— Não quero conversa com presos, e, demais a mais, gatunos...

A injuria feriu certaíra o coração de Alexandre, que se conteve para se não aggravar.

O Promotor recebeu Luzia com a benevolencia com que sempre lhe ouvia as queixas, as censuras, com ingenuo desembaraço feitas á morosidade da justiça e das diligencias, principalmente o tal balanço que nunca mais se acabava.

— Você tem razão, em parte — dizia-lhe, com brandura, o joven bacharel — Mas a justiça é cêga, não póde correr; deve andar com muita cautela, e, por não tropeçar, muito devagar. Além disso, essa demora, que a impaciente, é favoravel a Alexandre, para que elle sáia limpo de tão malfadado incidente. Tenha paciencia, espere mais alguns dias. Ha uma pequena complicação por esclarecer.

Luzia ouvia em silencio, torcendo o destorcendo a ponta do lençól...

— Noto que está hoje muito preocupada. Que lhe aconteceu?...

— Nada... — respondeu ella de olhos bai-

xos, hesitante — Sempre que tópo com aquelle soldado, o coração me bate ao pé da guéla e fico meia suffocada... É preciso ter muita paciencia...

— Fez-lhe alguma?...

— Fez... Mas não é disso que eu queria falar a vossa senhoria... Era...

— Diga sem hesitação...

— Eu queria pedir-lhe um favor, pelo bem que quer a sá dona...

— Fale...

— Lembrei-me que achou os meus cabellos bonitos...

— Sim, é verdade — affirmou o Promotor córando — E... depois?...

— Então vim aqui para lhe vender...

— Vender os cabellos, Luzia?!...

— Não tenho mais o que vender... É a necessidade... Contento-me com dois mil réis por elles... Não é caro...

— Dois mil réis por esse thesoiro?!... Eis um bom negocio, Mathilde — disse, dirigindo-se á esposa, formosa senhora, que, em adoravel traje matinal, um roupão de cambraia e rendas, entrava no gabinete — Esta moça quer vender os cabelos...

— Oh! É horrivel — exclamou Mathilde penalizada.

Deslumbrada com a presença da senhora, cujos bellos olhos, claros e suavissimos, se fitavam nella compassivos, ergueu-se e arrancando o pente, deixou cairem as fartas, fulvas madeixas encaicoladas.

— Magnificos — continuou Mathilde — Mas... para que serviriam? São muito diferentes dos meus...

— Faça-me esta esmola, minha dona. Veja, não é por me gabar, parece cabelo de branca... Pégue nelles, não tenha nojo...

Mathilde, após curta hesitação, tomou as madeixas nas mãos alvas e delicadas; fixou nellas os finos dedos, com unhas de nacar, e apertou-os a rangerem como meiadadas de retroz.

— Que bellos, que extraordinarios cabellos!... Com que os trata?

— Pente e agua do póte. Então? Fique com elles que tenho muito gosto nisso...

— Fico, sim... — respondeu Mathilde, tomando subita resolução — Dou-lhe cinco mil réis por elles; mas... imponho uma condição.

— Quer cortar-os já?... — atalhou Luzia, vivamente.

— Ao contrario — continuou a senhora — não os cortará. São meus, mas ficam na sua cabeça.

Iluminou-se o semblante de Luzia de irrepressivel alegria; seus olhos se humedeceram, e os labios, tremulos, murmuraram:

— Deus lhe pagaré, santa creatura!... Nossa Senhora lhe dê uma boa sorte... Oh! a senhora não parece deste mundo... Perdôe-me!... Eu tinha um grande aperto aqui, no coração... Faz-me bem chorar...

— Aqui tem o dinheiro — disse o Promotor,

entregando uma nota a Luzia — Amanhã, talvez tenhamos boas noticias...

— Amanhã?... — perguntou Luzia, guardando o dinheiro no seio e compondo os cabellos...

— Sim. Creio que teremos novidade... Vá descansada, que aqui fica o seu advogado — disse elle, indicando Mathilde.

E voltando-se para ella, enquanto Luzia partia, alastrando agradecimentos, disse-lhe em tom de affectuoso carinho, muito enternecido:

— Bom negocio fizeste, meu amor! Bellissima acção praticaste... És um anjo de bondade...

X

Rosa Veado voltára extenuada de penosissimo trabalho. Sentada á porta da casa de taipa, onde morava com os filhos, entre o cemiterio velho e a Fortaleza, contava o caso ás vizinhas attentas, acocoradas em redór della, curiosas e admiradas.

— É o que digo a vocês. As outras comadres não lhe puderam dar volta e não tiveram remedio senão me procurarem, porque, não é por me gavar, todo o mundo sabe que eu sou a tira-teimas. Que horror! A mulher tinha a creança atravessada, lá nella; era cheia de dengues; e, quando vinham as dores, não havia meio de ter mão nella. Eram gritos, exclamações!... E botava a bocca no mundo, que não era para graças... Tambem era a primeira barriga, coitada!... Eu lhe dizia: Tenha paciencia, comadrinha... É assim mesmo: — Mas eu já não posso mais, sinhá Rosa. Estas dôres me arrebetam — respondia ella, com as mãos fincadas nas cadeiras — Ai... ai... ai... que estou me acabando!... — É porque vosmecê não está affeita... A primeira vez custa um boccado... Nisto, vinha-lhe o somno... Ella passa-

va por uma modorra, como se não tivesse nada. De repente, estremeceu... — Lá vem... lá vêm ellas — repetia espantada — Ai... ai... Minha Santa Virgem!... — Ah, meu maridinho... da minha alma... Ai!... Ai!... E eram ais de cortar o coração de quem não labuta, como eu, desde rapariga. Estava eu já esfalfada; não sabia mais como enganar a pobre, quando ella teve um puxo forte e quebraram-se as aguas. Então eu disse: D'aqui a um nadinha, se Deus quizer, está ahi a creança. — As dôres foram amiudando, umas emriba das outras e... nada... Porfim a mulher não tinha mais forças; os puxos se espaçaram muito escassos, estava lavada em suores, branca como um panno, os olhos revirados e o nariz afilado... Credo! Parecia uma defuncta... — Tenha coragem, minha comadre. Mais uma vez e estará livre... Ella não falava; berrava como uma bezer-ra. Peguei-me, então, com o Senhor S. Raymundo e rezei o *Magnificat*. Já estava para mandar tocar, no sino da Matriz, signal de mulher de parto, quando me veio uma fé... Mandeí sugical-a por outra mulher, que estava junto, e vistoriei-a á fina força, porque, toda cheia de luxo e de vergonhas, me dava com os pés como uma desesperada. O menino estava mesmo atravessado. — Vão vêr uma botija, minha gente — disse eu. Trouxeram uma botija de *zinébra* vasia, onde eu mandei que ella assoprasse com toda a força. — Sopre... sopre de verdade... Vamos... vamos... mais... mais um bocadinho... Agora... agora... Nisto

dei um jeito que só eu sei. . . A mulher largou um grito rasgado e a creança pulou! . . . Estava roixo como uma beringela. . . Mal se viu alliviada, era só arremettendo para vêr o filho. . . Eu, com medo de dizer que a creança parecia morta, tinha mão na mãe. . . A creança não dava signal de vida. Amarrei-lhe o embigo; arrumei-lhe quatro palmas fortes; metti-lhe o dedo na bocca cheia de gosma. . . Foi dito e feito: chorou logo com força, pois era um menino macho, com a graça de Deus. . . A mulher ficava cada vez mais branca e com uma sêde de engulir quartinhas d'agua. Era um frouxo damnado. Parecia que se havia sangrado um boi. . . Então mandei assoprar outra vez na botija. . . E, como as párias não se despregassem, chamei o marido, mandei que botasse o pé em cruz na barriga da mulher enquanto esta rezava commigo: "Minha Santa Margarida, não estou preha, nem parida, mas de vós favorecida". Ao cabo da terceira vez, estava tudo acabado. Arre! Que nem com dez mil réis me pagavam o trabalho e o susto. . . Ainda tenho uma dôr aqui, na ponta da costella mindinha, de uma feita que ella me empurrou o pé para fazer firmeza. . . Credo! . . .

— Vosmicê tem muita sorte, tia Rosa! . . .

— Qual! O que eu tenho é fé em Deus.

— Não sei como, em semelhante sequidão, ainda na quem se lembre de ter filho. . .

— Você não vê como estão cneios ue creanças os abarracamentos de retirantes?! . . . Até parece immundicie, tanto menino. . .

— É só o que Deus dá aos pobres...

— É um morrer de creanças que até parece praga...

— Se não morressem, mulher, o mundo já não cabia mais a gente. Depois, anjinhos, não faz mal morrerem... Vão para o céu rezar pelos paes...

— Assim mesmo — retorquiu uma gorda matrona que tinha junto quatro creanças — eu não quero que os meus morram... Já que nasceram é melhor que se criem...

— Pois eu tive cinco — atalhou outra — que Deus chamou á sua santa gloria. Foram para o céu direitinho, só passaram pelo purgatorio para vomitar o leite peccador...

Em meio da conversa, chegou Theresinha.

— Que fim levou você? — perguntou-lhe Rosa.

— Ando por ahí mesmo. Bôas tardes a vossmecês todas...

As mulheres corresponderam, friamente, á saudação de Theresinha; e, desconfiando que vinha tratar de algum particular, foram saindo, uma a uma. Era muito comedido receber a parteira visitas mysteriosas, em busca das suas artes, das suas maravilhas.

— Trago aqui os dois mil réis — dizia Theresinha quando se acharam a sós.

— Hoje talvez não possa fazer a reza — disse Rosa, tomando a cedula e examinando com os olhos pequeninos e cinzentos, armados d'uns

olhos de cangalha, remendados com cêra — Estou que não posso me mexer de cansada de um trabalho que me poz sal na moleira...

E repetiu o caso com peripecias novas, apesar da impaciencia da moça.

— Emfim — condescendeu a parteira — como você tem pressa, vou vêr se, com a ajuda de Deus, posso fazer hoje alguma coisa...

— Faça, sá Rosa. É em beneficio de um pobre que já não se astreve com a cadeia...

— E tem razão. Prezo nem para ganhar doce. Só d'eu pensar naquella sepultura, tapa-me o folego...

— Podia fazer a esmola de experimentar hoje...

— Eu tinha de servir uma dona, separada do marido, que foi para o Amazonas e nunca mais se soube d'elle: nem novas, nem mandados... Ella, que esperou tanto tempo, póde esperar mais dias... Vamos lá... Entra para dentro de casa...

E conduziu Theresinha a um quarto estreito sombrio, atravessado de frechas esguias de sol que, das fendas do telhado, iriadas de doirado pó irrequieto, o illuminavam, e marcavam no chão mornos discos pallidos. No centro, sobre uma esteira, havia um banco, envernizado pelo uso e marcado com pingos de cêra. Tirou, depois, de uma velha mala carcomida e desconjuntada, duas vélas e uma pequena imagem de Santo Antonio, tão amarrado e enrolado em fitas de côres tantas, que só lhe apparecia a cabeça tonsurada e o micros-

copico Menino Jesus, sentado sobre o livro vermelho e estendendo os bracinhos para abraçar o santo.

Um gato negro, de olhos fulvos, veio, lentamente, a passos tardos e preguiçosos, encolher-se perto do banco.

Dominada por secreto terror do contacto com o mysterio, Theresinha acompanhava, com o olhar espantado, os preparativos. Quando a parteira accendeu as velas, que espargiram morticha claridade no ambiente, e aspergiu os quatro cantos do quarto com uma palha benta, molhada na agua do côpo, collocado defronte da imagem, se sentiu aniquilada e caiu de joelhos, baixando os olhos para não encontrarem os della, pequeninos e vivos como os do gato, a fitarem-na com insistencia e energia, como se lhe prescrutassem a alma.

— Réze o Creio em Deus Padre — ordenou Rosa Veado, com voz soturna.

Emquanto a moça repetia, machinalmente, a oração, ella murmurava o responsorio, que terminou implorando a Santo Antonio, deparador do perdido áquelles que recorriam á sua intercessão junto do Throno do Altissimo, fizesse a graça de indicar o ladrão por quem estava padecendo um innocente.

Theresinha ficou só no sitio de mysterio e esconjuro. Seus olhos esgazeados acompanhavam os movimentos sensuaes do gato, que entrou a caminhar de um para outro lado, farejando e chamando a feiticeira com plangentes miados. Ha-

via, no ambiente enfumarado, sombras adejantes, a atravessarem celeres os traços luminosos das frestas, como enormes passaros negros. Toda ella tremia em arrepios afflictivos. Um formigueiro subia-lhe pelas pernas frias, entorpecidas. Gelado suor collava-lhe ás temporas as loiras madeixas. Arfava-lhe o seio, angustiado por mortal compressão. Quiz gritar, mas a voz esbarrou na garganta, embargada por um nó. Fixou o olhar fascinada no brilho do cópo e viu se moverem nelle, como em uma camara clara, confusa, figuras humanas, mulheres e homens, arrebatados por um furacão, com doidos volteios de dança macabra. Ao mesmo tempo, experimentava a impressão de alar-se do chão, sorvida pelo enorme e poderoso hausto de colossal bocca invisivel. Cresciam as figuras; tinham feições de pessoas conhecidas; riam com esgares ferozmente sarcasticos; envolviam-na; arrastavam-na no galope diabrino... Ella desmaiava de gozo, á deliciosa sensação de adejar no espaço, subtrahida á gravitação, como um flóco de nuvem, alma sem corpo.

Em plena allucinação, não perdera, todavia, os sentidos e a idéa, fixada e dominante em seu cerebro conturbado: o crime imputado a Alexandre e a infamação do castigo. As suspeitas, que lhe haviam cavado largo sulco no espirito, se accentuavam com o testemunho dos olhos, porque via, nos vultos cabriolantes em redór, autores e cúmplices do delicto, indicados por Santo Antonio. O responsorio produzira o apetecido effeito.

Quando, entretanto, empregava enorme esforço por apprehender bem os traços dos semblantes deformados por horriveis carêtas, tenue fumaça, de cheiro inebriante, começou a invadir o quarto. As figuras mais se adelgaçaram, immergiram outras nos rôlos vaporosos, para surgirem, depois, mais confusas, mais disformes e misturadas, até desaparecerem em treva densa.

Theresinha despertou, saccudida por forte de terror, e vomitou um bôlo de saliva effervescente.

As vélas ardiam, lacrimějantes, ao lado do pequenino santo. De um fogareiro de barro, cheio de brazas amortecidas, subia tenue fio de fumo, cheiroso, d'um azul delido. Rosa Veado, de joeijos, fitava nella os olhinhos fulvos como os do gato negro, que resonava, então, estirado na esteira.

— Não se assuste... — observou baixinho, a feiticeira — O incenso consagrado foi-lhe aos grogomilhos...

— Vosmecê não saiu daqui?... — perguntou a moça, com voz magoada e debil, esfregando os olhos lacrimosos e congestos.

— Saí, sim. Fui buscar o fogareiro e o incenso...

— E não viu?!...

— O que?!...

— Elles... pelo ar...

— Vi, mas foi você, de queixos cerrados e olhos esbugalhados, sem responder ás minhas per-

guntas... Que rapariga medrosa!... Credo!... Nem que lhe houvesse apparecido alguma visagem!...

—Pois vi mesmo... Estou bem certa... Dê-me uma pinga d'agua... que tenho uma coisa... aqui... na bocca do estomago. Um entalo...

— Tome um golinho deste cópo...

— D'este, não!... — atalhou vivamente Theresinha, com um gesto de repugnancia — Não quero, está enfeitçada... Ai... que tenho as pernas bambas, sem ossos...

— É o que eu digo. Tudo isso é medo... Bem se vê que você nunca assistiu a responsio. Dahi, bem pôde ser que o glorioso Senhor Santo Antonio fivesse feito o milagre...

— Fez... fez... Eu vi tudo, muita coisa; mas não lembro bem... Espere... Era uma porção de gente maluca; era... Oh! tenho a cabeça a andar á rôda e bezoiros nos ouvidos...

Rosa Veado apagou as velas, guardou-as com o santo e conduziu Theresinha, que mal podia caminhar, vacillante, tremula, para fóra do quarto. Á impressão violenta da claridade e do ar livre, ella esfregou, de novo, os olhos, e espreguiçou-se fatigada, em contorções felinas...

— Quando estiver com o juizo assentado — ponderou a feiticeira — ha de recordar tudo... Agora é esperar com fé, e verá como a coisa se descobre, quando menos pensar. Quando pilhar uma occasião, farei a adivinhação da urupema, que

nunca falhou. . . Deixe por minha conta. . . Já sei que, nessa história anda mettida alguma mulher...

Confusa, envergonhada, todos os seus membros desmantelados, Theresinha partiu perseguida pelos olhares matreiros do mulherío da vizinhança, mal podendo arrastar as pernas tropegas e doloridas, com as articulações a estalarem de pêrras e as virilhas traspassadas por alfinetadas pungentes.

Quando se viu longe da casa da Rosa, murmurou, irada e suspeitosa:

— Aquella bruxa me botou quebranto. . .

X I

Contra a expectativa de Luzia, Theresinha regressou desanimada e languida, sem a natural vivacidade e rapidez de movimentos, que lhe assinalavam a indole instavel, a indiferença, quasi inconsciente, da torpeza a que a fatalidade a arrastára. Tinha amortecidos e sombrios os olhos faceiros, e a commissura dos labios, sempre arqueada pelo habito do sorriso desdenhoso e ironico, se dilatava, desgraciosa, em torvo traço de sofrimento.

— Então?... — inqueriu Luzia, com ancia.

— Quasi morro... — respondeu ella, comprimindo os quadris magoados — Nunca mais... me mettó em outra... Credo!... Quem de uma escapa...

— Que houve?... Que te aconteceu?...

— Um horror!...

— E o responso?...

— A Rosa rezou...

— O ladrão não é Alexandre...

— Não sei...

— Fala, mulher, pelo amor de Deus. É preciso que a gente esteja a te espremer...

— Ainda tenho a cabeça meia atordoada e as pernas lassas... Sinto ainda uma dôr aqui nas cadeiras...

Theresinha gemia as palavras e contorcia-se em requebros lascivos e dolentes. Depois, fixando, com esforço, as idéas, que lhe gyravam dispersas no cerebro, como reminiscencias de factos remotos, fez a narrativa dos episodios da bruxaria, com minucias exageradas, tocadas do forte colorido de fetichismo e allucinação.

— Quando vi, minha negra, as horrendas figuras crescerem e dansarem como demonios do inferno, são os ladrões — disse commigo — mas não lhes pude divisar bem as feições, tantas e tão feias eram as carêtas que me faziam. Parecia um bando de papangús.

— E não os reconheceu?...

— Qual!... Aquillo foi, por força, arte do cão... Que horror!... Disse-me a Rosa que esperasse com fé... Vamos ver...

— Descansa... É possivel que, depois de asentares o juizo, te lembres melhor...

— Ninguém me tira da cabeça que aquella esconjurada, meu Deus perdoai-me, botou-me coisa ruim no corpo...

— Não pensa nisso, creatura... Você está nervosa.

— Isto é doença de moça rica...

— Doença não quer saber de branco nem de

preto; não respeita fortuna nem pobreza... Venha cá — accrescentou, empolgante, com o olhar aspero e desconfiado — Você viu alguma coisa, mas não quer ser franca...

Theresinha fez com a cabeça um gesto negativo, e sentou-se acabrunhada. Luzia continuava a contemplal-a anciosa. Seus olhos, reluzentes de afflicção, exprimiam a esperança no milagre e a revelação anhelada para restaurar a honra de Alexandre, e restitui-l-o á liberdade...

Quanto tempo teria ainda de esperar? Quantos dias e quantas noites seria ainda o misero obrigado a passar entre aquellas quatro paredes infectas?... E se não fosse possível salvá-lo; se a justiça descobrisse provas contra elle; se, na verdade, fosse o culpado de tão feio crime?!...

Taes duvidas empannavam, como nuvens fugaces, o attribulado espirito de Luzia.

Alexandre teria energia para supportar a prisão, o vilipendio da pena infamante; ella, porém, não se podia conformar com a idéa de reconhecer o criminoso, accusado de ladrão e maculado para sempre. Preferiria vel-o morto, estirado no chão, fulminado por um corisco.

— Ninguem me tira da cabeça — accentuou Theresinha, emergindo da prostração que a subjugára — que aquillo é obra de soldado...

— Tambem eu — ajuntou Luzia — já pensei nisso... Um homem, como Alexandre, não teria astucia para tanto... Além disso, haviam de, por força, desconfiar delle...

— Com effeito... Era preciso ser muito besta para furtar as coisas do armazem, fazendas, mantimentos, dinheiro...

— Sim, coisas que davam logo na vista... Quem só vive do trabalho, que mal dá para o decomer e arranjar um molambo para se cobrir, não poderia esconder semelhante furto... Quando apparecesse com roupa nova ou fizesse gastos...

— É mesmo. Perguntava-se: onde foi o fogo, onde arranjou isso?... Quem cabras não tem e cabrito vende... Eu, por mim, não se me dava de jurar que não foi Alexandre... Gente que tem furto na consciencia não olha direito para os outros... Cara de ladrão não me engana...

— Ah! Theresinha!... É Santo Antonio quem está falando pela tua bocca... Os anjos digam amém...

— Tanto hei de teimar que descobrirei tudo... Não é a primeira nem será a ultima vez que elles fazem das suas e botam a culpa nos outros...

Occorreu, então, a Luzia o que lhe havia dito Alexandre, alludindo, em termos vagos, a uma intriga que não queria revelar diante dos outros prezos. O Promotor tambem lhe falára, com meias palavras, de uma pequena complicação, naturalmente alguma coisa desfavoravel, algum indicio de culpa... Que seria?... Que intervenção diabolica frustrara o milagre, perturbando a visão de Theresinha, lhe offuscando a memoria? Quem sabe se ella não vira o ladrão e, por natural delicadeza, se esquivava de lhe patentear a dolorosa realidade

para não a magoar, privando-a do ineffavel conforto da esperança com a desillusão e a tristeza esmagadora de deparar a verdade fria e implacavel?!

A razão é a luz; a duvida é a treva, conge-minação de contrastes engendrados pela mesma causa. Felizes os irracionaes, porque não duvidam.

Apezar da sua energia mascula, ella se sentia aniquilada, num colapso de nervos enrijados á continua tensão de tantas amarguras e cuidados, vexames, a pobreza, duras privações de haveres, a molestia da mãe, o presentimento de perdela a qualquer momento e a obsessão do soldado, além da orphandade, o desamparo pela prisão de Alexandre, a unica pessoa que a poderia ajudar a viver.

Não lhe bastavam para tormento constante, as proprias afflicções? Para que se mortificar com a sorte delle? Não era seu parente; nada os ligava, a não ser reciproca troca de favores, a gratidão, orvalhando o germen da sympathia instinctiva e um projecto vago, a proposta de se allirem pelo matrimonio.

Quem sabe — pensava ella — se, em vez de partir de impulso do coração, não fôra feita por generosidade, compaixão, ou desejo sensual de possual-a, oneral-a com a responsabilidade da familia, filhos, que augmentariam os vexames já opprimentes, para depois, como tantos outros, abandonal-a, infligir-lhe a abjecção de ser preterida

por outra mulher, crime que os homens commettem como um direito do sexo, ou divertimento cruel, igual ao de matar rôlas e desmanchar ninhos?!

Culpado e punido, ficaria livre de penar por elle, do compromisso de gratidão e das consequências funestas do triste consorcio de dois pobres. Sósinha no mundo, poderia, com a graça de Deus, e os seus musculos, trabalhar para viver, ou emigrar para a praia em busca da protecção e amparo do padrinho José Frederico.

Taes pensamentos bons e máos, perversos ou generosos, acudiam, em tumulto, disparatados e contradictorios, ao seu cerebro perturbado pela duvida. Acariciava-os ou luctava para expungil-os; e vinha-lhe, por fim, o remorso de haver peccado por soberba, por falta de caridade, julgando mal Alexandre, quando, em verdade, os sofrimentos d'elle repercutiam no seu coração com dobrada intensidade, como se elle fôra parte de seu ser, porção de sua alma.

Seria isso bem-querer, como imaginava; duas creaturas confundidas de corpo e alma em harmonia ininterrupta de affectos e idéas, vivendo da mesma nutrição moral, dos mesmos anhelos, eternamente ligados no prazer e na dôr, na vida e na morte?!

Sentia-se incapaz de amar; carecia-lhe a fraqueza sublime, essa languidez attributiva da função da mulher no amor, a passividade pudica, ou aviltante da femea submissa ao macho, forte e do-

minador, irresistivel, como aprendera na intuitiva lição da natureza; essa commovente timidez de novilha ante a investida brutal do touro lascivo, sem prévios affagos seductores, sem caricias e beijos correspondidos, como nos idyllios das rolas mimosas. Não; não fôra destinada á submissão. Dera-lhe Deus musculos possantes para resistir, fechara-lhe o coração para dominar, amando como os animaes fortes: procurar o amor e conquistal-o; saciar-se sem implorar, como onça faminta caíndo sobre a preza, estrangulando-a, devorando-a. Não era mulher como as outras, como Theresinha, para abandonar a familia, o lar, a honra, por um momento de ventura ephemera, escravizando-se ao homem amado, contente do sacrificio, orgulhosa do crime, insensivel ao vilipendio, sem olhar para traz onde ficaram os tranquillos affectos, para sempre perdidos; e, por fim, consolada á torpeza do repudio infame, á margem da estrada da vida, como um residuo inutil, condemnado a vis serventias, trapo que foi adorno cubiçado, molambo que vestiu damas formosas, casca de fructo saboroso e aromatico.

Não; não fôra feita para amar. Seu destino era penar no trabalho; por isso, fôra marcada com o stygma varonil; por isso, a voz do povo, que é o écho da de Deus, lhe chamava Luzia-Homem.

X I I

A velha dormia tranquillamente, e as duas moças continuavam a conversar no alpendre.

— Queria você muito bem ao Cazuza? — perguntou Luzia a Theresinha, de subito emergindo de um vago scismar.

— Se queria! . . . — repetiu-lhe ella, com saudoso suspiro. — Por elle larguei pae, mãe e irmã de quem eu era um ai-Jesus! Era o seu tudo e sentia-me tão feliz com elle que, desde o dia em que Deus o levou, fiquei insensivel como uma pedra, vivendo por viver, rolando á tôa pelo mundo. . .

— Nunca teve inclinação para outro?

— Eu, não. Vendo-me sozinha e desacostumada a trabalhar para comer, não tive remedio sinão me resignar á minha sorte e estar por tudo. Quando algum homem se engraçava de mim, eu fingia gostar d'elle. Encontrei um desalmado que me queria como uma fêra; tinha maus bófes e me trazia, ciumento como o demonio, que nem negra captiva. Aquillo não era homem; era o cão em figura de gente. Por qualquer suspeita ficava damnado como se me quizesse comer viva. De uma

feita, arranchou-se na casa em que morávamos, como marido e mulher, um moço rico e bonito, que se poz a olhar muito para mim; e eu, ao levar-lhe o café, caí na asneira de sorrir para elle. Ah! Luzia, se você me visse naquelle tempo!... Não é por me gabar, alva como uma imagem, com duas rosas nas faces e carnes rijas como pau!... Meus cabellos pareciam de oiro e meus olhos eram azues e claros como duas contas. O mundo e a pobreza estragam a gente. Hoje, veja como estou murcha, engelhada, cheia de sardas... Mas, para encurtar razões, quando o moço foi embora, o homem poz-me de confissão; e, não sabendo eu o que lhe dizer para me desculpar de falta que não me passára pela cabeça, disse-me uma porção de desaforos póricos, nomes de mãe; chamou-me sem vergonha, safada, deslambida, e, agarrando-me pelos cabellos, deu-me tabefes...

— E você? — perguntou Luzia, indignada.

— Eu chorei muito; lamentei a minha desgraça; jurei por todos os santos do céu, que era innocente, até que elle, com um ponta-pé, me atirou para dentro da camarinha, berrando possesso: “Anda, pestel!... Amanhã não me ficas aqui em casa; ponho-te fóra, na estrada, onde te apanhei como cachorra vadia...” E fechou, com estrondo, a porta. Fiquei na escuridão, maginando no que faria de mim, quando amanhecesse. Ao mesmo tempo que me fervia o coração, estava contente com ver-me livre de semelhante bruto; mas tive mêdo de apanhar outra vez, e esperei quiéta o que

dêsse e viesse. Que me importa — disse commigo — Hei de achar quem me queira... E, pensando no moço causador daquella desgraceira, peguei no somno, deitada numa rêde velha que alli estava armada. Quando os gallos estavam amiudando, ouvi bulir na porta; levantei-me de um púlo; fui deitar-me no mesmo lugar onde havia caído e puz-me a soluçar baixinho. Abriu-se a porta, e a claridade do copiar, allumiado por uma véla, deu em cheio sobre mim. Eu estava derreada, no chão, sustendo o corpo com a mão esquerda, em quanto tapava os olhos com as costas da direita, olhando por baixo. O desalmado entrou devagarinho; chegou perto de mim; ficou alguns minutos parado e disse-me, depois, em voz sumida e zangada: “Vá se deitar no seu quarto...” Eu não respondi, nem me mexi; entrei a soluçar mais forte. Tocou-me, então, de mansinho, no braço, dizendo, já com outra voz, manhosa e adocicada — “Theresa, você está zangada commigo?” Repelli o agrado com um safanão do cotovello. Elle continuou, procurando abraçar-me: — “Este meu genio!... Às vezes faço coisas!... Veja: estou arrependido... do que fiz...” Estava quasi acororado junto de mim. “Só o que falta — resmunguei, soluçando mais fôrte — é mandar-me surrar pelos seus vaqueiros com um nó de peia”. — “Perdôa, coração — continuou, tentando ainda me abraçar — Eu não sou mau, mas o ciume me tira o juizo. Esqueça tudo, minha cunhã-sinha da minha alma... Prometto nunca mais te

offender. Pede o que quizeres, bemzinho; serei teu escravo..." E, suspendendo-me do chão, levou-me ao collo como uma creança... Todo elle tremia; eu sentia-lhe o baticum do coração; suava e bufava como um novillo... Eu, nem como coisa: zangada, gemendo e soluçando. No outro dia, emquanto elle se derretia e se babava em agrados e promessas, eu imaginava no moço e no Cazuzza que, do ceo, me pedia vingança...

— Você não abandonou logo esse malvado?!...

— A fallar a verdade, não era de todo mau. Fiquei por medo e por não ter coragem de começar a vida de novo... Já tinha padecido tanto, que mais um pouco não me fazia móssa. Mal com elle, peor sem elle, que, tirante as venêtas de ciu-me, era bom para mim; dava-me tudo: era só pedir por bocca, como dona de casa... Maridos, casados na igreja, batem nas mulheres, quanto mais... Ora, deixei-me estar, mas pensando sempre que o meu adorado Cazuzza nunca me havia maltratado, e que eu devia, mais cedo ou mais tarde, tomar desforra; porque, apesar de franzina, ninguem m'as faz que não as pague, tão certo como Deus estar no céu.

— Vingou-se então?...

— Ora, ora, ora!... Eu lhe conto. Seu Bertho (elle se chama Bartholomeu, mas todos o tratavam assim) foi em fins d'aguas fazer a férra em uma fazenda dos Crateús. O outro parece que soube disso, e se apresentou uma tarde, debaixo

e um pé d'agua, que se diria vir o céu abaixo. Eram relampagos e trovões de encandear e ensurtecer a gente. Aboletou-se e passou a noite. Sube, então, que era um tal capitão Bentinho, de família muito rica e poderosa. Trajava bem, gibão, guarda peito, e perneiras de coiro de capoeiro, muito macio, bordados de flores pospontadas á sovêla, com abotoadura e esporas de prata. Não imagina como tinha a côr fina e branca, e uma barba parecida, comparando mal, com a de Jesus Christo. Como estou fallando com o coração aberto, não tenho vergonha de confessar que me engracei d'elle, acho que por capricho ou por ser em tudo differente do outro. De madrugada, ainda chuviscando e antes que a gente de casa acordasse, arrumei algumas peças de roupa e metti-as em sacco com alguns patações dados pelo Bertho; e fugimos: elle montado num possante quartau pedrez, eu á garupa. Arre! que foi uma viagem de arrebrantar. Tivemos de atravessar muitas leguas de sertão, passando rios a nado, dormindo no matto e comendo de alforge até chegarmos a uma povoação, perto da fazenda, onde moravam os paes d'elle. Ahi fui aboletada em casa de uma velha. Passamos tres dias como noivos: elle, fino como seda; eu, cheia de denguiques e manchas, como rapariga donzella. E contudo, Luzia, você não é capaz de acreditar que, amimada pelo Bentinho, todo delicadezas e cerimoniaes, tinha saudades do Bertho com seu sangue na guelra, aquelles olhos devoradores, aquella brutalidade. . .

— É possível?!... Pae do céu!...

— Você não sabe de quanto o bicho mulhe é capaz, quando vira a cabeça.

— Anda; conta o resto.

— Eu fazia idéa da furia, da damnção delle, quando deu por falta de mim, da cunhãsi-nha russa. Imaginei os berros, os despropositos, as pragas, que me irrogou, as ameaças de desforra, pois sabia que não era homem para se conformar com o roubo da mulher. Meu dito, meu feito. Um dia chegou Bentinho muito assustado, recomendando que me escondesse, porque lhe haviam inculcado gente do Bertho nos arredores da povoação. Fiquei mais morta do que viva. Não me podia levar para a fazenda, porque a familia, que tudo ignorava, não consentiria nisso. A velha, que quasi não dava fé de mim e vivia muito occupada na criação, entrou a tomar precauções para ninguem suspeitar a minha estada em sua casa. Um dia, era dia de feira, e eu tinha um desejo doido de ver a reunião de gente de uma redondeza de vinte leguas, vendendo legumes, farinha, rapadura e outras producções da lavoura; mas a megéra não consentiu que eu botasse o nariz de fóra. Ali por volta de meio dia, ouvimos tiros de bacamar-te e uma algazarra dos demonios, um bate-bocca desadorado. Pouco depois, soubemos que houvera um péga entre cangaceiros, desconhecidos no lugar, e a gente do Bentinho, e que já havia morrido um homem... Que seria?... Fiquei numa afflicção, tremendo de susto, mas experimentava

uma secreta satisfação que fosse por minha causa a briga e o sangue derramado.

— Que horror! . . .

— Estava num pé e noutro para ter noticias certas do barulho, quando entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras, armados até os dentes. — “Que foi? — perguntei-lhe assustada — “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida — amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria”. Emquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fôra desfeitiado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: — “Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furtar, á traição, mulher alheia?” — Nisto chegou, á toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: “Amarra essa cambada de desordeiros!” — Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: — “Você pôde amarral-os, seu filho desta, filho daquella, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas”. — Eu e os meus demos de rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras,

que também estavam bem montados, quase esbar-ram em riba de nós.—“Aguenta, rapazes!” — disse ao João, que me respondeu sorrindo: “Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós” — Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. — “O cabra mata seu Bentinho !” — gritou elle. Os outros cangaceiros atiraram, e os meus responderam com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, também ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do Pasmado.—“Tenha mão, capitão Bertho!— disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha parnahyba — “Tenha mão que se desgraça!” Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o russo-pombo passarinhando como um gato; salto p’ra aqui; pulo p’ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, metteu-me o ferro com vontade. Rebatí com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cêgo, arremetteu de novo e metteu-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimoniaes, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os bra-

ços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p'ra traz. O cavallo, sentido falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo". Morreu?!... — perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. "Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos d'elle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa — lá nelle —; o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontaço nas cruces; o Brincador ficou com o chapéo, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade". E voltando-se para mim, disse: — "Não chores, Thereza. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa... É uma arranhadura de nada". Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atraz do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe per-

dão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi tambem esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um masso de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria.

Luzia, embebida nas palavras de Theresinha, acompanhava a narrativa com intenso interesse, intenso abalo.

— E... depois? — perguntou.

— Depois? Enquanto durou o dinheiro, quase um anno, fiquei com a tal velha que foi a minha aza negra. Tomou conta de mim como de uma bête de carga; fazia de mim o que queria; mandava e eu me sujeitava, callejada, estando por tudo sem protestar, sem me aborrecer. A velha, que era toda agrados enquanto eu estava rica, virou para me insultar e, uma vez por outra, me atirava á cara que era necessario ganhar com que pagar o pirão que eu comia, porque não era minha escrava...

— Não prenderam Bentinho?...

— Qual prisão, qual nada!... Ficou solto, e respondeu o jurado quando muito bem quiz. O pae d'elle, o coroné Manél Farnandes era o maioral dono da terra.

— Ficou um anno, dizia você...

— Pouco mais ou menos, contando do dia da briga, até quando a velha morreu de um nó na tripa. Dei graças a Deus por me haver livrado de semelhante bruxa, e resolvi voltar para a casa de meu pae, embora elle, que era teimoso e rispido, me matasse; mas, em caminho, tentou-me o demónio e fui rolando de um lado para outro, de povoação em povoação, até que a secca me apanhou. E ahí está, minha camarada, como vim bater aqui.

Ella, com effeito, peregrinara pelo vasto sertão, de miseria em miseria, rastolhando, perdida como um pedaço de páu arrastado pela correnteza do rio, caíndo nas cachoeiras, mergulhando nos rebójos, surgindo adiante, para bater de novo sobre pedras, tornando a ser arrebatado, até que, ao baixar das aguas, pára, coberto de paúl eervas seccas, garranchos e flores, que transportou de longe, esperando a enchente na proxima estação e continuando a tragica jornada, até apodrecer em ribas desoladas, ou perder-se na immensidade do oceano.

É essa a historia da peregrinação mundana das desgraçadas, que se desterram do seio amigo da familia, quebrando o suporte dos affectos puros, e vagando sem rumo, na ebriedade de gozos ephemeros, á mercê da fatalidade intangivel e cega.

X I I I

Esteve-se Luzia absorta, fitando em Theresi-
nha demorado olhar aceso de admiração, como se
lhe ella se revelasse sob a fôrma estranha e sug-
gestiva de uma heroina provada nos mais rudes
lances da lucta pela vida, e conservando ainda o
coração sensível aos nobres impulsos de ternura,
de dedicação e piedade do infortunio alheio. Os
episodios romanescos, que ouvira num enlevo de
surpreza e espanto, como as creanças ouvem, ti-
midas, maravilhosas historias de fadas e prince-
zas encantadas, ou as proezas de lobishomem e
cavallos sem cabeça, vagando pelos campos, nas
noites tetricas em que os jacurutús sinistros piam
á beira dos rios; todos aquelles casos da paixão
dominadora arrastando, lentamente, para a vora-
gem, a rapariga franzina, indifferente ao perigo,
sem saudades da casa paterna, e sem remorso da
culpa que a polluira, incapaz de resistir, e reinci-
dindo no peccado como um vicioso na absorpção
de licores capitosos que o intoxicam, fluctuando
na embriaguez da volupia e despertando maculada
e resignada á propria vergonha, assumiam, na sua

imaginação excitada, proporções gigantescas de feitos valorosos, extraordinarias façanhas de uma creatura forte, disfarçada sob illusorias apparencias de debilidade doentia. Disseram-lhe que o soffrimento embotava as delicadas fibras do coração; que o peccado o esterilisava, como o sol esterilisa a terra, e estiolava as florações sadias da semente do bem; entretanto, Theresinha era a negação viva dessas verdades affirmadas por uma moral de convenção, sentimental e absurda. Tinha a superioridade da mulher contente de soffrer pelo seu amor, como um crente pela sua fé, o martyrio ultrajante do desprezo, o vilipendio de viver execrada; aceitára, com resignação de forte, as consequencias todas do primeiro passo, dado no enlevo de um sonho delicioso, para o declive fatal, onde ninguem mais se detem e se equilibra. Deveriam ser fortes, admiraveis, as mulheres que sobrevivessem ás provações do opprobrio, com a alma immaculada; e Luzia, apesar de seus musculos exuberantes, se sentia anniquilada, ao pensar em ser colhida por um só dos incidentes da pittoresca vida de Theresinha; morreria extenuada como um passaro captivo na arapuca. Seria horrivel vêr morrer o homem amado, o abandono, o ser surrada pelo amante, brutalmente sensual, e, todavia, lamentar-lhe a morte... Seria horrivel, seria monstruosa essa escravidão da mulher desbriada ao senhor do seu corpo, essa passividade de animal, de coisa a mudar de dono. Occorria-lhe, então, que não havendo experimentado

essa abjecção, não tinha direito de maldizer da sua sorte, incomparavelmente mais propícia que a de Theresinha, a heroica rapariga que se não queixava.

Surgia no horizonte o Cruzeiro rutilante, reclinado nos cochins nebulosos da Via-Lactea e a bafagem morna da madrugada parecia o arfar da terra extenuada, succumbida de cansaço, quando, interrompendo a conversa, as duas se entreolharam espantadas: tinham percebido algo de suspeito, estalidos de galhos seccos, rumor de passos precavidos, vozes abafadas, sumidas, muito perto da casa, na direcção das touceiras de mandacarús que defendiam, com intransponível cerca de espinhos, o pequeno quintal abandonado.

— Ouviu? — perguntou Luzia.

— É talvez — respondeu Theresinha, que escutava attenta — o barulho do terral nos galhos, algum animal roendo o mandacarú.

— Não é a primeira vez que ouço esses passos furtados, fóra de horas, alli pela cêrca e no terreiro... Parece que alguém nos espia.

— Tens medo, fracalhona?...

— Não tenho medo, não; mas é melhor irmos lá para dentro.

— Pois sim. Não se me dava de vêr o que é.

Recolheram ao quarto. Luzia abeirou-se da rêde onde, encolhida como uma creança, a velha resonava tranquillã. Theresinha ficou a espreitar, cosida á porta entreaberta em estreita fenda;

com um aceno de alvoroço, chamou a outra, e viram, ao lusco-fusco, um grupo.

— Parece que são soldados — observou Theresinha.

— Talvez a ronda... balbuciou Luzia.

— Não: são dois homens e uma mulher. Espera... Olha: estão conversando...

Então, muito juntas e apavoradas, ouviram:

— Eu não dizia que estão dormindo?!...

— Qual — teimou uma voz feminina — estão acordadas. Juro que ouvi, ainda agorinha, faliação de gente no alpendre...

— Também ouvi — afirmou outra voz mais clara e forte — Deixemos de historia. É melhor não teimar. Ellas botam a bocca no mundo e estamos perdidos... Nada. Aquillo, aquella bruta, não é mulher de brincadeira...

O conselho foi aceito pelo grupo, que se esgueirou sorrateiro, apressadamente.

— O diabo roncou-lhe na tripa — disse Theresinha triumphante, mostrando a Luzia, a lamina nua do grande canivete de molla — Era tocarem na porta, eu fisgar logo um delles, para não ser atrevido.

— Parece que ouvi a voz de Capriúna.

— Póde ser; mas não estava fardado. Só queria saber quem foi a safada que veio com elles...

— Que intenções teriam? Olha, Theresinha, não é a primeira vez que ouço esses passos sus-

peitos. Ha muito tempo, desconfio que andam rondando a nossa casa.

— Tambem ouvi, mas não maginei que fosse gente. Não maldei nada.

— São capazes de tudo.

— Lá isso é verdade.

— Varias noites, Crapiúna e Belóta andaram a cantar fóra de horas, aqui por perto...

— Só me dá que pensar a mulher... Sera possivel que viessem botar feitiço? E... não é outra coisa; é mandinga...

— Outro dia, quando abri a porta de manha cedo, topei, mesmo na soleira, um saquinho com pennas de gallinha preta arripiada...

— E não o abriu para ver o que continha?...

— Deus me livre. Eu não. Tive nojo e varri tudo com o cisco para dentro daquelle buraco, cheio de carrapateiras e que foi barreiro.

— Pois eu não resistia. Havia de revistar tudo, pegasse-me, embora, o maleficio.

— E você acredita nisso?...

— Não sei o que é, se feitiço ou obra do cão; mas, tenho visto casos de pôr tonto o juizo da gente. Ha maleficio para abrandar coração curar ciumes e até para produzir molestias. Lá em casa havia um velho, que curava bicheiras dos bezerras pelo rasto...

— Abuzões...

— Buzões?!... Conheci um moço que foi enfeitiçado por uma rapariga, embellezada por elle. A creatura, de repente, ficou toda torta, como se

lhe dêsse o ar... Ave-Maria; foi murchando, secando até ficar pelle e osso. Parecia mais um defuncto em pé, que gente viva. Desenganado de remedio de botica, foi se receitar ao padre João Chrysostomo, mandou fazer orações fortes... Foi bobage... A felicidade delle foi topar uma cigana, que lhe deu contra-feitiço, uns *pózes* para beber com leite de peito... Santo remedio, menina!... Uma coisa é vêr outra é dizer, como elle se levantou, já tendo os pés na cóva.

— Bem, fecha a porta e vamos dormir que é quasi de madrugada.

— É mesmo... E eu que estou moída... Parece que levei uma surra...

Fechada a porta com precaução para não despertar a doente, Theresinha despiu-se rapidamente; coçou o vinco do cordão das saias na cintura; enrolou, espreguiçando-se, em gestos felinos, os cabellos; persignou-se e derreou-se na esteira.

Lentas passaram as horas para Luzia, sentada na rêde, estremecendo ao menor ruído do vento nas folhas da latada, e aguardando, ansiosa, o quebrar das barras, com os primeiros fulgores da aurora. Seu olhar compassivo fluctuava entre a doente, a moça adormecida e a candeia a crepitar melancolica, no caritô enfumarado.

Renascia-lhe, no coração, a esperança de melhoras da mãe adorada; e, ao mesmo tempo, suspeitava que aquelle prolongado somno fosse effeito de dormideiras, que lhe houvesse dado o medico. Meditava na tranquillidade angelica de The-

resinha, semi-núa, apenas coberta por uma leve camisa de esguião, preciosa reliquia de antiga abastança, e acreditava que lhe houvera Deus perdoado as culpas, porque era boa na essencia, e as purgára neste mundo. Entretanto, ella, que nunca havia feito mal a ninguem, que não abandonára os paes, nem traíra, nem occasionára a morte de homens que a amassem, ella que tudo sacrificára, aspirações de moça e prazeres, que resistira aos instinctos de mulher, para manter, em meio do paúl, a sua pureza immaculada, ali estava, acabrunhada de pensamentos tristes, cruciantes como remorsos, com a alma inquieta e o coração latejando de susto, á previsão de perigos tremendos.

Que havia feito para soffrer tanto? Que funesta influencia exercia sobre as pessoas que lhe queriam? Fôra, talvez, ella que trouxera desgraça a Alexandre. Bastou que elle lhe dêsse os cravos rubros, crestados ao calor de seu seio, para lhe imputarem um crime infamante e ser preso como um reprobó.

Teria má sina, máo olhado?... Seria dessas creaturas fatidicas, cujo contacto desorganisa e destróe? Conhecêra uma formosa moça, em cujas mãos, óvos batidos para malassadas não cresciam e desandavam em aguadilha chóca; talhava o leite; definhava e morria a planta de que ella colhesse uma flôr, ou matava com o olhar ninhadas de pintos espertos e lindos, como macias borlas de velludo. Havia, então, creaturas predestinadas

para o bem e para o mal?... Nasciam umas para o soffrimento, outras para o goso, da mesma fórma que as havia destinadas ao céo ou ao inferno?... E Deus, Deus, pae de misericordia, permittia isso, essa iniquidade revoltante?!...

E o seu espirito, fluctuando á mercê de noções incompletas do bem e do mal, das causas e effeitos reguladores da vida, se rebellava, em assomos impotentes, contra as injustiças do destino cégo e louco.

X I V

Uma surpresa auspiciosa assignalára o amanhecer: a velha enferma erguera-se, sósinha, da rêde; e, escorada a um pequeno cacete de *cocão*, envernizado pelo uso, appareceu á porta do quarto.

— Deus seja louvado — exclamou Luzia, em gárrula expansão alvoroçada.

— Seja bem vinda, tia Zephinha!... — disse Theresinha, com largos ademanes maneirosos — Abanque-se aqui, no alpendre, que está mais fresco. Ora, até que enfim... Não ha mal que sempre dure...

— É a minha promessa a S. Francisco das Chagas, de Canindé — observou a enferma — que me restituiu a saude... Eu tinha uma fé...

E o seu rosto de pergaminho, retalhado de rugas e dobras, se dilatava em meigo sorriso.

— Olhem — continuou, caqueando no seio do cabeção, bordado de *cacundês*, onde immergiam confundidos, entrelaçados, os rozarios, bentinchos e medidas de santos, que lhe pendiam do pescoço; e mostrando uma caçoila com a imagem

do milagroso padroeiro em pessima gravura, cujos milagres admiraveis attrahiam os fieis, vindos de longinquas paragens, em continua romaria á sua bella igreja cheia de ex-votos, pernas, braços, mãos e cabeças, modelados em cêra, ou toscamente esculpidos em madeira, vistosamente coloridos e marcados de chagas hediondas, muito sarapintados de sangue e arroxeados de echymoses e alguns verdadeiros aleijões, monstruosidades repugnantes; moletas e ligaduras de panno velho, duras de sanie embebida; todas essas reliquias de piedade, penduradas, em symetria, ás paredes da nave, rememorando curas, obtidas pela intercessão do santo, a quem Jesus Christo concedera a graça de marcar com o estyigma das cinco chagas.

Tambem fizera uma promessa a S. Gonçalo da Serra dos Côcos e a outros patronos celestiaes, não menos afamados pelo prestigio de sarar enfermos, desesperados da saude. Estava em verdadeiro apuro para dar conta de todas ellas; mas, o padre Antonio Fialho, ouviando-a em confissão, lh'as commutára em leve penitencia, impondo-lhe a obrigação de rezar algumas corôas, terços e o officio de Nossa Senhora, hymno myrifico, que, quando é cantado na terra, os anjos se ajoelham no céu. Nas horas de allivio, ella se penitenciava debulhando, entre vagos fulgores de esperanza, as contas luzidias de um roزاری bento pelo santo missionario frei Vidal.

— Não sinto quasi o puxado, minhas filhas, e aquelle entalo, que me suffocava, tambem des-

appareceu. Dormi, que nem um passarinho, louvado Deus.

— Eu bem lhe dizia, tia Zephinha, que o remédio, abaixo de Deus, havia de ser a sua salvação.

— Agora — observou Luzia — é continuar com elle: estamos de viagem.

— E tu a dar-lhe, filha. Espera mais um pouco. Estou tão affeita a soffrer que, si não fosse falta de fé, desconfiava ser isso visita da saúde...

— Qual, vosmecê vae arribar mesmo — affirmou Theresinha, com muita convicção.

A velha sentou-se, acariciada pela filha, que lhe endireitou as dóbras da saia e o lenço da cabeça, enquanto Theresinha preparava o chá de herba cidreira, que ella tomava todas as manhãs.

— Agora, disse a velha, com um suspiro de allivio — vocês podem cuidar do trabalho, que ficarei tomando conta da casa. Si não fosse esta pobreza, tomaria uma menina para fazer-me companhia, yarrer o terreiro, dar-me um canéco d'agua, enquanto estivessem fóra labutando... Já passei, aqui, dias e dias sem vêr viv'alma, até que a Luzia voltasse da obra... Que dias compridos!...

— Dias que não voltarão, tia Zepha, porque aqui estou eu, que a não largo mais...

— Si houvesse por ahí — continuou a velha — uma pasta de algodão, fiaria um novello para

não estar banzando sem fazer nada... e só pensando na molestia...

Às nove horas Luzia, anciosa por saber o que lhe começara a contar Alexandre, a revelação interrompida pela sobrevinda insolente de Crapiúna, partia com o almoço para o desconsolado prezo, que, mal terminada a refeição, lhe perguntou si sabia alguma coisa de novo; e, pois lhe a rapariga respondesse com simples gesto negativo, disse, á puridade, suspeitar da interferencia maligna de algum interessado em desgraçal-o.

— Sabe o que me fizeram? — continuou, amargurado — Levantaram-me uma calúnia... Você conhece a Gabrina, aquella moça morena, que perdeu a mãe, ha pouco tempo?... Pois não inventaram que eu lhe havia dado dinheiro e dois córtes de vestido?...

— O que?!... — exclamou Luzia, franzindo os sobrolhos, e encarando no moço.

— Eu que nunca alevantei meus olhos para semelhante creatura senão para salva-la, quando nos encontravamos no trabalho.

— Quem disse isso?

— Ha gente para tudo, até para levantar falsos contra os seus semelhantes.

— Mas... quem inventou esse aleive?... Ella?!... É possível que uma rapariga tão moça tenha maldade para tanto?...

— Disse que eu andava ha muito tempo atraz della, seduzindo-a com promessas de casamento e que, sósinha no mundo, sem ter quem se doêsse

della, não se lhe déra de consentir... Veja que mulhersinha mais desalmada... E eu, disse ella, lhe déra os mimos para que ella saisse logo de casa commigo...

— E você jura que isso é mentira?...

— Eu?... Eu não preciso jurar; basta, Luzia, que lhe affirme...

— Por certo... Demais, que tenho eu com os seus particulares?... Você não tem necessidade de negar... Mentira ou verdade, é livre, desempedido, senhor da sua vontade para empregar o bemquerer em quem fôr do seu agrado. Isto não é da minha conta...

— Mas... queria explicar...

— Para que? São desnecessarias para mim essas explicações. Deve dal-as ao Delegado...

— Luzia — continuou Alexandre, fitando-lhe uns olhos pisados de magoa — Você tem sido, abaixo de Deus, minha protectora, meu anjo da guarda nesta desgraça, que me apanhou. Não tenho outra pessoa que púna por mim... si me abandonar...

— Abandonar!... Não penso em semelhante ingratição. Além disso, é obrigação fazer o que tenho feito pelo senhor e ainda mais, si necessario fôr, muito embora, depois de solto, satisfaça o capricho do seu coração. Serei sempre a mesma, sómente não estou para levar fama sem proveito, como já me tem acontecido...

— Sei quanto tem soffrido por minha causa...

— Não vale a pena. Fui eu quem lhe truxe

caiporismo. Mas, só peço a Deus que me ajude a tirar-o desta cadeia. Depois, o senhor toma o seu rumo e eu o meu. Será melhor assim para ambos...

Houve prolongada pausa. Alexandre, conturbado áquellas palavras seccas e crueis, contemplava, num mixto de espanto e magoa, a figura da moça, enleada, e de olhos cerrados, quasi absor-ta em torturantes pensamentos. Rompeu elle, a custo, o opprimente silencio.

— Que rumo tomarei, Luzia, senão o seu? Para onde fôr, hei de acompanhá-la como a minha estrella, a minha guia, segui-la como o cachorro vae atraz do dono que o abandonou e o despreza. Si eu entulho o seu caminho, si quer vêr-se livre de mim, não me tire daqui; não empregue mal os seus passos... Deixe-me entregue á minha sorte, apodrecendo nesta sepultura de vivos, infamado... esquecido como um malfasejo, que nem compaixão merece. Só lhe peço a esmola de não desconfiar da minha innocencia... Caí-me em cima uma infelicidade que não sei explicar, uma vingança de mulher, de inimigos miseraveis; mas não sou ladrão... Nunca!...

— Vingança de mulher!... — murmurou Luzia, num grande entono de colera indomavel.

— Attenda-me. Essa Gabrina, além de má, é ingrata. Quando a mãe caíu doente e foi desenganada, foi commigo que se achou para arranjar remedios e um caldo chilro para a infeliz. Eu sabia que a filha era uma doida, que apressára a

morte da mãe com desgostos, arrebatos e más respostas, por isso tive sómente em mira fazer obra de caridade para não a deixar morrer á mingoa. Você sabe que morreu mesmo; e, então, a filha foi para a companhia da Chica Seridó; e nunca mais me occupei com a vida de semelhante desmiolada... É verdade que não faltou quem attribuisse os meus actos a embellezamento pela moça, que dava cabo ao machado, inculcando-se...

— Já lhe disse que nada tenho com isso, nem desconfio do senhor...

— Então, por que me ameaça com a separação?...

— Quem sou eu?... Quero evitar as más línguas, que não me poupam. Em homem nada péga, mas, em moça, tudo tisna. Eu confio em Deus acabar os meus dias, limpa como nasci do ventre da minha mãe... A pobreza não me affronta, porque tenho força para traabhar e ainda não cansei de soffrer. Sabe o que temo? Que façam pouco de mim, que me frechem com dicterios e caçoadas. Às vezes, tenho impetos de estraçalhar uma dessas creaturas perversas que me olham pelo rabo do olho, rindo pelo canto da bocca, como si eu fôra uma ridicula... Quando o senhor fôr para a sua banda e eu para a minha, tudo acabará...

— Como acabaria, si nos casassemos.

— É impossivel... Nasci com má sina...

— Bem, Luzia... Vejo que me suspeita, em

bóra não o diga francamente... Paciencia... Será como fôr do seu agrado.

Luzia amarrou, lentamente, a toalha com os pratos da refeição, que Alexandre mal encetára. Havia nos seus gestos apparencias de calma fria, resoluta. Toda ella, entretanto, vibrava com o abalo estranho, indefinido, que a invadira como um frio perfido de molestia.

— Até amanhã — disse ella, seccamente.

— Não venha mais, Luzia... — murmurou o prezo — Não vale a pena fazer mais sacrificios por mim... Arranjarei aqui mesmo o decomer. Basta. Não mereço tamanha dedicação... Deixe-me de mão, já que não quer ser ridicula...

Ella não lhe respondeu. Retirou-se, de manso, com o andar lento e fatigado de quem vae a contra gosto. Alexandre acompanhou-a, com os olhos desvairados, até que ella dobrou a esquina do João Padeiro, e desapareceu no becco do Coronel Braga. Pungia-lhe o coração immensa saudade, o presentimento de nunca mais tornar a vel-a, remorso de haver provocado a separação com o excesso de brio, reçumante nas palavras crueis com as quaes se desonerara da piedosa tarefa de visital-o todos os dias, para levar-lhe, talvez, o melhor quinhão da magra dispensa de pobre, que se priva do apenas sufficiente para não morrer á fome. Subito, elle estremeceu de pasmo, de dolorosa surpresa, ao fitar a parede, onde se fincavam os vergalhões de ferro da dupla grade...

Estavam alli, entre migalhas da comida, murchos e resequidos, os cravos rubros que elle havia dado a Luzia. . .

XV

Tão preocupada regressava Luzia da cadeia, que não reparou em D. Mathilde, debruçada sobre uma das janellas da casa do Promotor. Foi preciso que a formosa senhora a chamasse para arrancar-a da funda meditação absorvente, em que immergira o espirito, como num antro caliginoso.

— Aonde vae tão apressada, Luzia?...

— Desculpe-me, dona — respondeu ella, estacando, confusa e enleuada, como si lhe houvessem surprehendido a tortura moral — Estava tão atarantada que não vi vosmecê, quando era minha intenção falar com o seu dotô a respeito do processo.

— Entre. Estou com saudades dos meus bonitos cabellos...

— Aqui estão sempre bem tratados e muito mais cuidados do que quando eram meus — disse Luzia, libertando a opulenta cabelleira do pente que a sustinha.

— Que lindos!... — exclamou Mathilde, acariciando, com mimo, as bastas madeixas — Como estão macios... Oh! nunca vi coisa igual...

Luzia agradecia, com um sorriso contrafeito de melancolia.

— Você — continuou a senhora — parece contrariada... Que lhe aconteceu?... Sua mãe-sinha vae melhor?...

— Muito melhor...

— E Alexandre?...

— Como preso, quasi sem esperança de se vêr livre da enxovia...

— Tenho grande dó de você, Luzia, moça capaz, merecedora de melhor sorte. Mas, que significa esse ar sombrio, esses olhos amortecidos?...

Luzia não respondeu.

— Diga-me — continuou a senhora, com meiguice — quer muito a Alexandre?...

— Porque me pergunta?

— A sua dedicação illimitada áquelle infeliz só póde ser inspirada por um grande affecto, desses que não esmorecem ante os maiores sacrificios.

— Não sei si lhe quero muito... Sei que lhe devo muita gratidão por ter sido bom para nós, o protector e amigo, que nos ajudou...

— E é sómente por gratidão, que o defende com tanta dedicação?...

— Só por gratidão. Porque, então, havia de ser?...

Luzia respondia com esforço. As palavras irrompiam de seus labios, asperas, aos pedaços.

com uma falaz apparencia de calma e indifferença.

— Você não é sincera, Luzia; não confia, talvez, em mim. Ninguém é superior ao proprio infortunio; e mais humano, mais nobre, é confessal-o que o suffocar ou esconder. Soffre-se mais no repudio á consolação e ao lenitivo... É possível que não tenha consciencia do estado do seu coração, ou não saiba explicar o que nelle se passa? Não é crime amar, e Deus abençoa o amor das creaturas honestas, como um sagrado impulso da natureza, tanto mais forte quanto mais contrariado. Você é mulher forte. Os seus affectos devem ser mais intensos e impetuosos que os das outras, frageis e passivas, entre quem vive deslocada, sempre como estranha, porque não foi feita para nascer e viver entre essa gente. Nisto consiste a sua infelicidade. Você sente que, em volta, entre os seus amigos e conhecidos, ninguem a comprehende e a estima como merece. Dahi, é facil imaginar quanto soffreria si viesse a amar algum indigno de você... É um desastre que, vulgarmente, acontece, causando desgraças irremediaveis...

— Sabe que, nesse trama contra Alexandre, apparece uma rapariga que o accusa?

— A Gabrina...

— Como soube?...

— Alexandre, ainda ha pouco, contou-me tudo...

— Ah!... Elle lhe falou nisso?!... E você?...

— Que importa... Tanto se me dá que elle queira bem a ella como a outra qualquer...

— Empenha-se ainda em libertal-o?...

— Por certo. Não penso noutra coisa...

— Admiravel!...

— Púno por elle porque me diz o coração que está innocente. Ainda que fosse culpado, confessasse o crime, eu não era capaz de abandonal-o na desgraça...

— Mesmo tendo commettido o crime por causa de outra mulher?

— Que tem isso?... Elle é senhor do seu coração, póde dal-o a quem quizer. Demais, querer bem não é obrigação. Eu não poderia exigir que elle me pagasse alguns serviços de amizade, ligando-se a mim, elle um moço branco, eu uma pobre mulher de côr, sem eira nem beira, com a mãe doente ás costas, neste tempo de secca e carestia de tudo. Além disso, ninguem gostaria de casar com uma creatura, que tem o appellido de Luzia-Homem, como esse que o meu fado ruim me deu...

— De homem só tem a força; é bem bonita rapariga... Que pretende, então, fazer?...

— Quando Alexandre fôr solto, pégo em minha mãe, que está melhor, e marchou para a praia, como os outros retirantes.

— Você é uma extraordinaria creatura, Luzia. Cada vez, mais interesse me desperta...

— Reconheço que faz isso por bondade de santa... Só lhe peço que se empenhe com set

dotô para acabar esse tal de inquerito, para libertar Alexandre e a mim, que não devo me arrear daqui, enquanto elle padecer...

— Fique descansada. Farei o possivel... Aqui para nós... Meu marido não acredita na historia da tal Gabrina; desconfia mesmo que ella foi insinuada...

— Ah! Não acredita, não é?!.. — accudiu Luzia, com estranha vivacidade, illuminado o rosto, num fulgor de victoria.

— Pobre coração, que te atraiçoas — observou d. Mathilde, sorrindo, deliciosamente ironica.

— Gabrina é ingrata e vingativa como uma cobra...

— Meu anhelô é que você e meu marido tenham razão, mas desconfiarei até verificar a verdade... Oh! os homens...

— A senhora é ciumenta?...

— Como uma leôa, como toda mulher apaixonada até á loucura...

Luzia espetára na bella senhora os olhos espavoridos, onde havia algo de surpresa e prazer, ante a revelação, que estalou vibrante.

— Deve ser assim — murmurou como si monologasse — Raiva de onça contra quem lhe bole na carniça, ou lhe rouba os filhos... Fui má; offendi Alexandre. Agora é tarde... O que está feito não está mais por fazer...

— Não desespere, Luzia. É bem possivel que tudo acabe do melhor modo e você seja recompensada de tantas afflicções e cuidados. Tenha co-

ragem. Não se amofine. Não quero que os meus bellos cabellos embranqueçam por muito apurar o juizo em coisas tristes. . .

— A senhora é do céu, d. Mathilde.

— Vá socegada que, hoje mesmo, á tardinha, cuidarei da sua causa.

— Faça isso. Será obra de caridade, que não cairá no chão.

Luzia, retendo as lagrimas, rorejantes nos negros olhos anciosos, e muito grata, beijou-lhe as mãos brancas, duma macieza fina de camurça, e partiu.

Na rua, atravancada por enormes e pezados carros toscos, arrastados por muitas juntas de bois magros, escapados da devastação do gado, carros de pesadas rodas inteiriças e oblongas para que as excrescencias do circulo, nos tombadores, diminuisssem o esforço da tracção, sobrecarregados de fardos, caixas de viveres e mercadorias, amarradas entre os altos fueiros; por entre elles e os bois, deitados, rendidos de fadiga, e ruminando tranquilllos, somnolentos, e os labios cinzentos, lubrificados de baba espessa, deslisava a interminata torrente de retirantes andrajosos, esqualidos, torpemente sordidos, parando de porta em porta, a mendigarem uma migalha, ossos, membranas intragaveis, os residuos destinados a repasto de cães.

No largo da feira, a agglomeração asphixiava em redor das vendas ambulantes de mantimentos, expostos em caixões, saccos, sob os tamari-

neiros, trapiás frondosos, á sombra de toldos de estôpa, manchada de largos remendos variegados.

Magótes de creanças núas, de hedionda magreza de esquelêto, de grandes ventres, obesos e lustrosos como grandes cabaças, lançavam olhares, terríveis de avidez, sobre pilhas de rapaduras, grandes medidas de quarta, desbordantes de farinha e feijão, pencas de bananas, rimas de beijús, alvissimas tapiócas, montes de laranjas pequeninas e vermelhas, colhidas na vespera, nos pomares murchos da Meruóca.

Os miseros pequenos, estatelados ao tantalico supplicio da contemplação dessas gulodices, atiravam-se ás cascas de fructas lançadas ao chão, e se enovelavam, na disputa desses residuos misturados com terra, em ferozes pugilatos. Era indispensavel activa vigilancia para não serem assaltadas e devoradas as provisões á vendã, pela horda de meninos, que não falavam; não sabiam mais chorar, nem sorrir, e cujos rostos, polvilhados de descamações cinzentas, sem musculos, tinham a immobilidade de coiro cortido. Quando contrariados ou afastados pelos mercadores aos empuxões e ponta-pés, rugiam e mostravam os dentes roidos de escorbuto. Eram orphãos quasi todos, ou abandonados pelos paes; não sabiam os proprios nomes, nem donde vinham. Privados de memoria, bestificados pela carencia de carinhos, anestesiados pelo continuo soffrer, eram esses pequeninos mendigos gravetos de uma floresta morta, despedaçados pelos vendavaes, destroços de

familias, despersadas pela ruptura de todos os laços de interesses e affectos.

Às vezes, a morte os surpreendia durante o somno, junto de um tronco ou na soleira de uma porta. Trespassavam como passaros, sem contorções, sem estertor, sem um gemido, silenciosos, tranquillos, num socego de morte, num socego de liberdade.

Luzia atravessou, rapidamente, o largo da feira, evitando o contacto e desviando os olhos dos grupos de mendigos nauseabundos, pois se ainda não habituára ao pungente espectáculo da miseria infima, degradada e feroz. Empolgada pela commoção da entrevista com Alexandre, pelas palavras de conforto da sua adoravel protectora, rememberingo o que esta lhe dissera sobre o amor e o ciume, quasi esbarrou em Crapiúna, que a saudou cortez; e, bamboleando em ademanes amaveis, arriscou:

— Adeus, feitiço...

A moça estremeceu de susto, fez um gesto de colera, e seguiu mais depressa.

— Você não tirou ainda o juizo da Luzia-Homem? — perguntou a Crapiúna o Cabecinha, que fazia com elle o serviço de policier a feira.

— Qual o que!... — respondeu o soldado, carregando a caraça, muito despeitado — Aquillo é uma féra, braba como cascavel; mas hei de amansal-a por bem ou por mal...

— Aquella mesma não cáe com duas razões...

— Ha de ser como as outras: muita soberba, muito luxo... tudo bobages. A demora é a gente teimar e esperar com paciencia. Já lhe teria dado uma ensinadela si o estupor do Delegado não estivesse atravessado commigo...

— Eu acho que você faz mal em se metter com a vida daquella mulher...

— Já agora é impossivel recuar. Por causa daquella *não-sei-que-diga* tenho perdido noites de somno, maginando na raiva que ella tem de mim, só porque me engracei della.

— Só faltava dar o Crapiúna em namorado sem ventura.

— Não caçôe, Cabecinha. Ha mulheres mandigueiras, que põem na gente um veneno que só ellas podem tirar. Fica-se tomado por dentro de uma dôr que não dôe,mas soffre-se sem saber porque; não se tem onde botar o corpo; não ha cama nem rêde, que caiba a gente; finge-se não fazer caso; procura-se distrahir com outras mulheres, como quem se embebeda para ficar valente, ou para esquecer... Tupo pêta... O veneno vae queimando o sangue, faz febre, dôr de cabeça e fastio. E o coração vae inchando, crescendo, até que estoira...

— Você, então, cabra velho, está mesmo hervado?... Tíbes! Que cobra te mordeu!...

— Não tenho a vida para negocio; nem conheço a côr do medo; nunca fiz caso da morte, e queria de anjos para acompanharem a minha alma, as vezes que tenho visto bocca de bacamarte e

faca de ponta em cima de mim... mas, fico mesmo molle diante dessa mulher encantada; fico sem acção e aluado, quando ella passa por mim, e me repúna...

— O melhor, já lhe disse, seu Crapiúna, é pensar noutra coisa.

— Isso é bom de dizer... Nem que queira não posso. É uma desgraça. A você, que é amigo, posso falar a verdade. Tenho feito tudo para reduzir-a. Lembrei-me até de botar dormideira na jarra dagua...

— E si ficar doente; si morrer?!

— Não ha perigo. A Joanna Cangaty sabe fazer a mandinga. Mas o diabo da velha Zephinha não dorme; passa a noite tossindo e gemendo; e, agora, havia a Therezinha de se metter de gorra com ellas para me atrapalhar. Tem-me dado vontade de torcer o pescoço daquella gallinha...

— Você está se mettendo numa rascada...

— Saberei manobrar para me desapertar, quando fôr preciso. Agora, estou esperando que ella se desengane do ladrão do Alexandre...

— Qual! Mulher, quando principia a querer bem, fica viciada: larga um, arranja outro.

— Aquella não é dessas. Luzia é séria...

— Ora, adeus, seu Crapiúna. Quando dorme...

— E honrada...

— Só si fôr na testa.

— Já lhe disse.

— Está bom; está bom!... Não vale se zan-

gar por tão pouco. Nada tenho com isso. Você mesmo é quem está puxando conversa... Arrume-se com a sua donzella, ruim de amansar, e seja muito feliz. Faça-lhe bom proveito aquella joia.

— Também maldei que aquillo tudo era soberba, luxo ou aleijão da natureza, mas entrei a especular a vida, os particulares della, e verifiquei que é mesmo dura como pedra. Quanto mais certeza tenho de ser ella bem procedida, mais o diacho da rapariga se me encravilha na cabeça. Eu não gosto de mulher que me azucrine, mas também refugar como aquella é d'a gente desesperar.

— Porque não lhe promettes casamento?

— Si ella não me quer vêr nem pintado... Além disso, por mal dos meus peccados, sou casado.

— E a mulher?...

— Si ella não me quer vêr nem pintado... nem pegava do meu geito... Era um demonio em figura de gente, resinguenta e respondona. Um dia, brigámos mesmo de verdade: dei-lhe uns pescoções, e o diabinho anoiteceu e não amanheceu. Levantei as mãos para o céu. Boi solto lambe-se todo...

— Por essas e outras, é que nunca fiz semelhante asneira. Para pêzo, basta a granadeira e a muchila.

— Deixe lá... Sempre é bom ter quem pré-gue botões na farda, engomme as calças, a tempo e á hora.

— Si contas com aquella, ficas desabotoado toda a vida. Tome o meu conselho, seu Crapiúna. Quem me avisa, meu amigo é. Deixe a Luzia de mão. Olhe que lhe acontece desgraça, quando menos pensar. Você tem sangue na guelra e o coração perto da guéla. Tome cuidado.

— Sei o que hei de fazer, e ando de redeas tezas. Quando a vejo, ardo por dentro; dá-me vontade de reinar, mas fico quiéto e mudo como cascavel de tocaia, esperando a minha vez para dar bóte certo. Então nem réza de cigano, nem oração de padre velho a livra de mim. Eu cá sou homem de tenencia. Quando viro a cabeça para uma banda, nem o diabo a endireita. . .

Crapiúna saccou da ilharga uma grande faça, fina e ponteaguda, e poz-se a cortar um pedaço de fumo mapinguim para fazer um cigarro.

— Que bonita faça! — observou Cabecinha.

— *Pasmado* verdadeiro. Traspassa uma moeda de dois vintens — disse Crapiúna, fazendo vibrar com a unha o gúme afiado. Ah! si este ferro falasse! . . .

— Vamos alli, ao Antonio Bemvindo, tomar uma terça?

— Vamos lá, mas só tomo zinebra.

— Está feito.

Os dois soldados se dirigiram para a bodéga, continuando a conversar.

O sol dardejava, a pino, intensa luz sobre o largo da feira, coalhado de gente. Redomoinhos

intermittentes revolviam o pó cálido, que se elevava em espiraes, envolvendo retirantes e mercadores em bulções amarellados e suffocantes.

XVI

Desde esse dia, cessaram as visitas de Luzia á cadeia. Therezinha tomou a si, com prazer, a piedosa incumbencia de levar comida ao prisioneiro, que a recusou tenazmente.

— Deixe-se de asneiras, seu Alexandre — disse-lhe ella — Isto até parece desfeita. A Luzia não vem effectiva como dantes, porque não póde mais faltar ao serviço; e, agora, que a tia Zephinha vae melhor, não ha mais desculpa para estar recebendo a ração sem trabalhar. Poderia vir á tarde, mas você sabe que, depois das quatro horas, não deixam mais falar com os presos.

— Não me illudo — respondeu-lhe o moço, em tom de funda tristeza — Luzia desconfiou de mim. Acreditou, talvez, na historia da Gabriela, ou suppõe que tenho alguma coisa com aquella grande mal agradecida.

— Não supponha que ella esteja amuada... Qual o que!... Aquella não se afoga em poucas aguas, e a prova é que continúa a fazer o possível para obter a sua soltura...

— Sei; mas sómente para mostrar agradeci-

mento e não por merecimento meu. Sinto que está tudo acabado entre nós. Luzia é decidida, e bem percebi que não tinha mais nada que esperar quando me disse, francamente, ahi, nesse logar em que você está agora: — “Quando fôr solto, cada um de nós tomará o seu rumo.”

— Mas, por isso, não deve recusar o decormer, que ella mesma preparou com tanto gosto.

— Não ha mais razão para repartir commigo a porção, que mal chega para ella e a mãe.

— Pensei que só nós, mulheres, eramos caprichosas.

Desenganada de vencer a formal recusa de Alexandre, Theresinha distribuiu a comida pelos meninos, que estavam allí de visita aos paes presos, generosidade que lhe valeu agradecimentos de uns e de outros.

Luzia voltára, com effeito, a trabalhar na penitenciaria do morro do Curral do Açogue.

As paredes mestras estavam quasi concluidas: trabalhava-se com afinco no madeiramento da coberta, e já estava em construcção a muralha em volta do edificio, formando um recinto, onde os sentenciados pudessem trabalhar ao ar livre, ou sob telheiros destinados ás officinas. Nas barracas improvisadas moirejavam carpinteiros, de troncos nus e suarentos, no preparo das grandes vigas das amendoeiras e tacaniças do taboado para o soalho e portas da obra de esquadria. Ao ruido das enxós, falquejando o rijo páu d'arco, ao sibilar das plainas e cepilhos raspando das pranchas de ce-

dro longas espiraes encaracoladas e cheirosas, misturavam-se o dos malhos nas bigornas sonoras, onde grossos vergalhões de ferro, candentes nas extremidades, disparavam chispas de encontro aos aventaes de coiro dos ferreiros, ennegrecidos de fumaça e carvão, fabricando grades invencíveis, junto dos grandes folles offegantes, como pulmões de um monstro.

A negra torrente de retirantes operarios desliza pela encosta aspera, em marcha de cobra, conduzindo materiaes. Era o mesmo vae-e-vem ininterrupto de homens, mulheres e creanças envôltos em rôlos de pó subtil, magros e andrajosos, insensíveis á fadiga, ao calor de fulminar passari-nhos, taciturnos uns, os semblantes deformados por traços denunciadores de intima revolta impotente; outros, resignados, como herões, vencidos pela fatalidade; muitos, alegres e sorridentes, cantavam e brincavam, como creaturas felizes de encontrarem refugio do assédio angustioso da fome, da miseria, da morte.

Quando Luzia se apresentou ao apontador, houve um movimento geral de surpresa e curiosidade. Ninguem a esperava vêr de novo; era considerado morto ou emigrado o trabalhador que desaparecia da obra. Notavam que estava mais esbelta, graciosa, a côr mais clara pelo repouso de alguns dias. Havia mysteriosa alteração no seu semblante. As vigorosas linhas de energia mascula se contrahiam em curvas melancolicas, e, nos olhos meigos, fluctuava a sombra do idéal morto

entre chispas fulvas de anhelos incontentados. As attitudes languidas e os gestos lentos denunciavam fadiga moral, ou a preguiça voluptuosa das felinas amorosas. Dir-se-ia que se lhe haviam attenuado os tons varonis, e, da crysalida Luzia-Homem, surgira a mulher com a doçura e fragilidade encantadora do sexo em plena florescencia sumptuosa. Irradiavam della de sympathia, empolgando os companheiros de infortunio, como prestigiosa transfiguração. Estes não experimentavam já a repulsa que lhes causava a moça bisonha, arredia, taciturna, sempre enrolada no amplo lençól de madapolão branco.

— Como está mudada! — murmuravam as mulheres.

— E não é que a Luzia está ficando bonita! — diziam os rapazes, mutuando olhares sensuaes.

— Parece que esteve doente.

— So si rôr mal de amores.

— Quem sabe? Amor não mata, mas maltrata.

— Qual, mulher! Aquillo é o cansaço de estar fazendo quarto á mãe, que estava vae não vae. Não ha nada para escangalhar uma creatura como labutar com doentes. . . —

— Ella é um tanto soberba, mas é boa filha até alli.

— Quem é bom filho, é bom em tudo o mais — observou um velho.

Os commentarios chegavam aos ouvidos de Luzia, como échos do murmurio de maldição, que

a perseguia por toda a parte, até na igreja, no trabalho, quando atravessava a multidão de retirantes.

E ella, que antes os affrontava em retrahimentos de cólera mal confida, estremecia, agora, pallida e timida, em angustioso sobresalto de consciencia perturbada por intensa e desconhecida macula, estranha sombra de homem projectando-se no vacuo, que a innocencia lhe deixára no coração, como a pégada de um crime, ou o espectro de um remorso. Devia ser assim, cruciante, o primeiro momento após o peccado: a alma escondida, envergonhada e temerosa, nos mais intimos re-folhos das entranhas profanadas, aguilhoadas pelos instinctos insaciados, aguçados pelo gozo revelado, trahida por elles, delatores impudicos e implacaveis. Através do corpo diaphano, penetrariam depois olhares da turba, compassivos ou rancorosos, devassando as peripecias e os destroços da secreta lucta, e condemnando a victima, que não pudera vencer.

Luzia só se confessava culpada de haver perdido a energia inflexivel, que a preservara até então, como invulneravel coiraça, sem a qual não tinha já integridade moral para resistir a si mesma, varrer do coração essa indelevel imagem de homem, libertar-se do tormento de senti-la transfundida no seu ser, misturada com o seu sangue e os seus pensamentos. Impetos de rebeldia, assomos de reacção esmoreciam na delicia de capitular, e succumbir anniquilada. E se lhe figurava

que toda a gente em derredor, amigos, indifferentes, adversarios maliciosos, grandes e pequenos, testemunhavam os seus impotentes esforços, de passarinho fascinado pela cobra, a lucta desigual, o prazer com que ella se deixava vencer, apoucada e debil.

O administrador da obra, seu protector, percebera a transformação por que passára, designando-a para trabalhar com as costureiras.

— Sabe, Luzia — disse-lhe elle — A senhora do Promotor pediu-me que não lhe dêsse serviços braçaes. Ella se interessa muito por você, como eu, como todos que a conhecem. Era tambem intenção minha deixal-a repouzar. Está-se vendo quanto a fatigaram os cuidados, os vexames soffridos pela saude de sua mãe.

Luzia baixou os olhos, e córou humilhada. Preferira, á occupação sedentaria de costureira, continuar na faina de carregar agua nos grandes pótes, que estavam servindo de deposito, conduzir telhas em companhia daquelles infelizes, que vergavam ao peso de uma duzia dellas, ir ás caieiras longinquas buscar tijollos nas altas tulhas, que ao Paulo, francez, se haviam afigurado paredes na cabeça de uma mulher, rolar pezados madeiros, grandes pedras, trabalhos que lhe exercitassem os musculos e lhe produzissem o atordoamento da fadiga.

Accudiu-lhe, então, á memoria, a quadra da infancia, passada no Ipú, em casa da mestra que lhe ensinara ler; os *cócórótes* e castigos soffridos

por não resistir ao somno, quando condemnada a ficar dias inteiros sentada diante de uma almofada a trocar bilros crepitantes, entretecendo delicadas rendas e curtindo a nostalgia do ar livre e puro nos campos verdejantes e floridos da fazenda Ipueiras.

Mas... era forçoso submeter-se á ordem do administrador, tão bom e compassivo, que lhe déra muitos dias de licença para tratar a pobre mãe enferma.

Na maioria das barracas, em forma de meia agua, coberta de folhas de carnaúbeira, d. Ignacinha, que, desde as missões do padre Ibyapina, renunciara os ephemeros gozos mundanos, para se fazer beata professa, distribuia o serviço de agulha em tarefas. A Luzia, coube um enrolado de algodãozinho, onde estava cravada uma agulha, atravessando um molho de linha e sustentando, sobreposto, um dedal de cobre.

— Cosam com muito cuidado — recommen-
dou ella ás costureiras — que isto é trabalho especial para a commissão de senhoras, que me mandou seis peças de fazenda para desmanchamos em roupa. Não quero obra de carregação como a dos saccos. Vejam que as mãos estejam bem lavadas, pois tenho singular implicancia com a costura suja.

Luzia occupou o primeiro logar vago, distanciada das outras, surprehendidas com o vel-a alli, quando trabalhava sémpe com os homens; enfiou a linha na agulha e estava muito atrapalhada com

o adaptar e alinhavar peças já cortadas, quando d. Ignacinha se acercou, como sempre, enfezada e rabugenta.

— Você parece que nunca viu costura — rosnou, em tom de aspero remoque — Tamanha mulher, e não sabe por onde ha-de começar um par de ce-roulas de homem!

Luzia sentiu subir-lhe ao rosto impetuosa onda de sangue.

— Olhe — continuou a beata, armando sobre o nariz rubro e adunco grandes oculos de latão com as hastes ligadas em torno da cabeça por um cadarço preto, lustroso de banha — primeiro as pernas pospontadas e sobrecosidas; depois o gavião em separado, terminando nesta tira que serve de cós. Você ajunta as duas pernas, cosendo-as no gavião com as preguinhas, que forem necessarias para dar certo. No meu tempo, dava conta de duas por dia sem me cansar.

As companheiras de trabalho sorriam, ironicamente, da lição e do desaso de Luzia, confusa e amesquinhada, injustamente, porque sabia coser bem e depressa, mas não estava habituada a fazer roupas masculinas.

Aquella tarefa, escolhida ao acaso, era um prolongamento da obsessão que a torturava; avivava-lhe, a cada ponto da agulha, a lembrança do prisioneiro a pungir-lhe o coração com o remorso de o haver abandonado num impeto de despeito, ciúme ou capricho pueril que ella tentava em vão justificar com o pretexto de preservá-lo da influ-

encia funesta com que a marcara o destino. Causava-lhe, tambem, immenso dó o haver deixado, com desdem, no parapeito da grade da cadeia, os cravos vermelhos, emurchecidos nos seus cabellos, ao calor do seu seio, onde os guardara carinhosamente, como um talisman prestigioso.

E assim passou o dia, até que o martello do mestre da obra annunciou a terminação do trabalho, batendo, rijo, cadenciados golpes seccos, vibrantes, sobre uma das taboas dos andaimes.

Luzia ergueu-se alliviada, entregou a tarefa concluida, e partiu, anciosa por ver a mãe e Theresinha, que lhe daria noticias de Alexandre, noticias más porque elle devera ficar magoado, vendo-se tratado com tanto rigor por quem lhe devia, pelo menos, favores inestimaveis, desses que impõem o suave jugo de gratidão imperecivel.

Justificando-se, ella ponderava que, em consciencia, o reconhecimento não a obrigava ao extremo passo de consagrar-se para sempre a um homem prezo, sob a imputação de um crime grave, envolto em densa atmospha de suspeita, quando ella tinha outros deveres sagrados que cumprir, velar pela mãe e conservar a propria vida, ameaçada pelo assedio, cada vez mais apertada de privações e miseria. Estava pagando a divida de gratidão com o empenho sincero em libertal-o. Demais, não se exposera, todos os dias, ao vexame de encontrar o soldado maldicto? não repartira com elle o seu pão minguido? não chegara ao ex-

tremo sacrificio de affrontar a vergonha de vender os cabellos por causa delle?

Não, a consciencia não a accusava; mas outra voz, mais forte, vibrava dentro de seu peito, em accentos dolorosos, exprobando-lhe a covardia cruel de só haver abandonado o desditoso moço, quando, entre os dois, surgiu a figura odiada da mulher delatora, amante impudica, que apregoava a propria infamia, caricias pagas com o producto do crime, e se vangloriava de haver provocado a ruina de um homem de bem. E a sinistra voz, que a vergastava, proseguia em tom mais brando e carinhoso: "Seja elle, embora, culpado; tenha succumbido á tentação em momento de syncope do senso moral; ame outra menos digna; é um desgraçado, cuja sorte está ligada á tua por laços fataes, inquebrantaveis. O teu logar seria junto delle, consorte do infortunio, ajudando-o a carregar, o pezo da sua falta, a arrastar a calcêta deprimente... porque o amas... Entretanto, Alexandre é innocente e soffre duplamente, porque lhe infringiste a tua desconfiança. Vae, mulher caprichosa e barbara, prostra-te aos seus pés; unge-lhe as mãos impollutas com o balsamo das tuas lagrimas, com os teus beijos de virgem, e pede-lhe perdão da tua fraqueza vil. Não luctes, de balde, contra o destino inexoravel. Aquellas pobres flôres murchas se radicam no teu duro coração, como o cardo á rocha, e revivem enseivadas com o suor da tua angustia, coloridas com o teu

sangue, envenenando-te com o filtro magico e inebriante, que distilla emanações de fragrancia suavissima.”

Luzia acelerou a marcha para chegar a casa, encontrar pessoas amigas e evitar a sugestão daquella voz intima e eloquente, que lhe derrubava todos os meios de defesa, engendrados para resistir ao secreto impulso, preservando-a da sorte de Theresinha, pranteando o homem cruel que a maltratava e relembrando, com saudade, a sua sensualidade, impetuosa e brutal como a dos toiros bravios; para ficar livre de eleger, opportunamente, aquele que deveria completal-a, que lhe abriaria as portas do céu ás aspirações de moça; ou o homem que ella empolgaria num atrevido lance poderoso, como o dos gaviões arrebatando a presa, conquistando-o victoriosa.

No seu espirito inculto, essas idéas se chocavam em confusão, aterrando-a; sobre o tumulto, ardido fragor de peleja encarniçada, permanecia, dominando-o, inconfundivel como um clangor de clarim, a seductora, a mascula voz do demonio tentador....

XVII

O becco da Gangorra terminava na várzea, que o rio Acaracú inundava nas cheias, em um renque de casas velhas habitadas por michelas e soldados do destacamento. Belóta occupava uma dellas, paredes meias com o quarto de Therezinha, que só alli apparecia, raramente, para mudar de roupa, ou, consoante ella dizia, vigiar os seus terrens, um bahú tauxeado de pregos doirados, uma pequena mesa desconjuntada, o pote d'agua e alguns objectos de cosinha.

Á porta de Belóta, quasi ao escurecer, Romana, Joanna Cangaty e Maria Caiçara conversavam acoradas e *cigarreando*, muito desenvoltas e palradeiras. Romana, sempre roliça, com os cabellos duros de pomada cheirosa, aljofrada de empolas de suor adiposo, a ponta do nariz curto e arrebitado, e mostrando os dentes ponteagudos, contava casos escandalosos, que as outras contestavam, ou ampliavam e commentavam com insinuações picantes e grosseiras, ou se espraiavam em mexericos triviaes sobre a chronica da ralé. Joanna Cangaty, a mais seria das tres, mettida a rezas e

bruxarias, desde que por uma praga, irrogada pela mãe, ficara com o utero escangalhado de um aborto, obra do demonio, porque a consciencia não a accusava de haver feito por onde, dava-se certo recato e modos de mulher séria, muito temente a Deus. Maria Caiçara, bem conformada, galante rapariga, a qualquer graça de Romana, despejava o riso em gargalhadas estridulas.

— Então — dizia Romana — o tal Alexandre está cada vez mais embrulhado?

— Não sei — observava a Cangaty — Quem houvera de dizer?! Eu, meu Deus perdoe-me, não vi elle furta; por isso não digo nada; mas ha coisas que só pintadas pelo cão...

— Qual o que! — continuou Romana — A Gabrina que o diga. Quando soube que elle estava todo babado pela Luzia-Homem, desembuchou e contou tudo...

— O que ciume não fizer...

— E fez muito bem, sá Joanninha. Você, comparando mal, quer bem a um homem, tem confiança nelle, nas suas promessas, si elle não lhe corresponde e a traição, não tem mais obrigação de guardar fidelidade. Não é?... Não taltava mais que estar empátando a rapariga com outra de olho e já de casamento tratado. Iam embora juntos e, muito que bem: Gabrina que ficasse com os beijos com que mamou ou com cara de bêsta...

— Pois eu — atalhou a Caiçara — só quero quem me quer. Entojou de mim?... Melhor!.. Homens não faltam.

— É porque você, mulher, nunca teve paixão de fazer a gente perder noites de somno...

— Paixão é bobage, sá Joanna...

— Então você não sabe que a Gabrina queria bem ao Alexandre, calada, sem dar demonstração? Andava atraz d'elle bebendo ares; ficava horas esquecidas na porta do armazem da Commissão, olhando p'ra elle com os olhos melados de piedade que parecia quererem engolir vivo o moço?...

— Historias...

— É o que lhe digo, por esta luz. Deus dê muitos annos de vida a quem ella pediu uma oração forte, a do "Santo Amancio te amanse", para amolgar o coração do homem ingrato.

— E aquella bestalhona acredita na virtude dessas bruxarias?

— Bruxarias?!... Bata na bocca, Romana, para não ser castigada. Com santo não se faz mangação.

E a Cangaty entrou a contar casos assombrosos, que não conseguiram dominar o scepticismo de Romana.

— Mas — ponderou Caiçara — si ella estava mesmo caída pelo Alexandre, como é que foi contar a historia do dinheiro e dos côrtes de vestido dados por elle, e agora anda toda derrengada com o Crapiúna?

— Tudo por pique. Ciume faz reinação do demonio, e torna uma pessoa boa malvada como uma cascavel. Depois, ella e Crapiúna se enten-

dem; soffrem do mesmo mal; andam os dois com o juizo entornado: ella pelo Alexandre, elle pela Luzia-Homem. Não sei como isso acabará. Talvez nalguma desgraça...

— Qual desgraça, qual nada. É uma coisa que se vê todos os dias. Desenganados, cada um vae para a sua banda cuidar em outra coisa... Amor desencontrado.

— É porque você não conhece o Crapiúna, nem a Gabrina. Elle é o que se sabe, capaz de tudo, até de mandar gente desta para melhor; ella, uma bichinha teimosa como uma mosca, e ruimsinha que faz dó. Não se me dava de jurar que ella inventou aquella historia para desgraçar Alexandre... Ronha não lhe falta.

— O que?!...

— Cala-te bocca... Não está mais aqui quem falou... Façam de conta que não ouviram nada.

— Você que diz isso, sá Joanna, é porque sabe alguma coisa.

— Não sei nada. É uma scisma que tenho.

— Ella não tinha astucia para inventar uma historia tão bem contada, tão cheia de circumstancias. Si não foi do furto, quem lhe deu dinheiro para comprar um par de brincos de ouro?

— Sei lá! Não quero esmiuçar a vida della, nem a de ninguem; mas vocês não a conhecem, repito: é capaz de dizer que Deus não é Deus e não ha ninguem mais manhosa debaixo daquella sondião de menina!

— O quê, sá Joanna! Você parece que inticou com a rapariga!

— É muito arrebitada e mal-ensinada; mas eu até gosto della...

— Olhem quem está alli — exclamou Maria Caiçara, apontando para Theresinha, que abria a porta do quarto.

— Bons olhos a vejam! — disse a Cangaty, com modos amaveis — Por isso é que a tarde está tão bonita!...

— Boas tardes — respondeu Theresinha, secamente.

— Por onde tem andado, que mal pergunto?

— Por ahi mesmo... — tornou Theresinha, entrando para evitar bisbilhotices, e dar tréla ás tres vadias, muito do seu conhecimento como calanas, que nada poupavam.

Belóta mantinha tavolagem, frequentada por parceiragem de infima condição e mal afamada, Zé Zoião, Candido da Bertolina, eximios artistas da vermelhinha, operosos contribuintes da estatística criminal e heróes de todos os disturbios que agitavam a paz da cidade. Elles se encarregavam de attrahir as victimas: comboieiros e matutos ingenuos; e, depois, como viciosos de raça, repar-tiam, ao jogo, as quotas das extorsões.

Crapiúna era frequentador assiduo, principalmente quando se jogava o monte, partida de sua predilecção.

Os outros parceiros não se davam bem com elle, por ser muito *resinguento*. Por qualquer pre-

texto, armava barulho e, muita vez, estivera a pique de fazer agua suja, inconveniente aos creditos da casa.

Desde que tomára a peito quebrar o encanto de Luzia-Homem, andava-lhe a sorte arrevezada. Perseguiu-o um *caiporismo* incessante, que o tornava ainda mais irritadiço e trefego, principalmente quando Belóta, chasqueando, insinuava que elle estava contra o sentido do rifão, sendo infeliz no jogo e no amor, e attribuia as perdas consideraveis, que elle soffria, ao facto de andar com o juizo passeiando, em vez de fixal-o nas cartas ensebadas e sujas do baralho, recurvado em fórmula de telha pela pressão do partir, repetindo-lhe a cada *pichotada*, que jogador não guarda cabras.

Nessa tarde, o jogo fervia lá dentro, e as tres mulheres continuavam a grasnar, aguardando as gorgêtas dos afortunados, e fazendo de vigias para avisarem aos jogadores a aproximação do sargento Carneviva, que era um duende para os soldados. Em achando banca armada, podiam os viciosos contar com os mais severos castigos, o serviço dobrado com moxila ás costas em ordem de marcha e sarilho, quando não eram esfregados com surra de espada de prancha, ou de cipó de raposa.

Crapiúna estava num dos seus peiores dias. Perdera já quantia tão avultada, que os parceiros procuravam, surprehendidos, atinar onde *arranjara* elle tanto dinheiro. Os prejuizos montavam vinte mil réis, que haviam passado, suavemente

para os bolsos do Zoião e do Candido, nos quaes Crapiúna encarava desconfiado, attribuindo a bafóta, em que eram uzeiros e vezeiros, tamanha fortuna.

— O senhor — disse-lhe Zoião, cravando-lhe, de esguelha, os grandes olhos esbugalhados — parece que está maldando de nós!

— Não estou maldando — resmungou Crapiúna — mas tanta sorte junta é de fazer a gente desconfiar...

— Pois si desconfia — avançou o Vicente, em geitos arrogantes — o remedio é não jogar mais nós. Veja o seu Belóta si se queixa...

Candido, velhaco e pouco expansivo, não falava, exasperando com um sorriso ironico o soldado infeliz.

— Não me queixo — observou Belóta — porque estou com o juizo no jogo. Você, Crapiúna, não tem razão. Estou com um olho no padre e outro na missa, e não admittiria trapaça... principalmente em minha casa.

— Nem nós seriamos capazes de abusar... — acrescentaram, quasi ao mesmo tempo, os outros parceiros, com uma vasta exhibição de escrupulo.

— Vocês são capazes de tudo! — tornou Crapiúna, irritado.

— Veja como fala!

— Tenho visto o que fazem com os matutos. Comnigo fia mais fino... Si eu perceber qualquer tramoia...

Foi-se azedando a discussão até falarem todos, em tumulto, trocando injurias e doéstos, apesar da intervenção conciliadora de Belóta, para evitar um conflicto.

Theresinha, que fechára a porta da rua para mudar de roupa, foi attrahida pelo rumor e não resistiu á curiosidade de saber donde provinha. Dirigiu-se, cautelosamente, ao pequeno quintal; e, firmando os pés nas fendas dos tijolos carcomidos, guindou-se acima do muro que dava para a casa visinha. Dahi descortinou a tumultuosa scena, a furia de Crapiúna, as ameaças dirigidas aos parceiros venturosos, as replicas destes, cheias de malicia ironica, audaciosos, porque, alliados como estavam, não se arreceiavam do insolente soldado, nem eram homens que morressem de caretas, mesmo das mais pintadas.

Chegou o momento em que esteve imminente a conflagração. Vicente, sempre calmo, sempre sorridente, considerava, que tanto direito tinha Crapiúna de desconfiar delles quanto estes; entretanto não o faziam, porque não queriam cascavilhar na vida alheia.

— Para saber — atalhou o Candido — onde você desenterrou botija para ter tanto dinheiro para perder.

— Olhe — accrescentou Zoião — si eu quizesse falar era capaz de o desgraçar...

Crapiúna estremeceu, e levou, de repente, a dextra ao cabo da faca, escondida debaixo da farda.

— Pois fale, seu miseravel — bradou elle, ganhando de raiva — que te hei de obrigar a morder a lingua damnada.

— Olha Zoião, meu amigo Crapiúna — implorava Belóta, entre os dois. — Nós somos todos amigos velhos. Para que este baticum de bocca... Daqui a nada ouvem lá fóra.. Pelo amor de Deus... Seu Candinho, você que é mais moderado tenha mão no Zoião, mais no Vicente...

— Pois então, seu Belóta — ajuntou Zoião, com os olhos faiscantes — era o que faltava, um individuo...

— Depois digam que sou eu quem está intimitando!...

— Que — continuou Zoião — não póde levantar a cabeça diante de homens de mãos limpas, querer ter voz altiva para insultar os outros!... Tenha mão nelle, que é soldado como você e deve respeitar a farda...

Crapiúna rosnava, acovardado, como fêra acuada, subjugado pela serenidade do adversario. Livido, de olhar fulvo, ensanguentado, resmuneava surdas ameaças, e Zoião, com inquebrantavel energia, continuava:

— Não pense que digo isto por estar em companhia e aqui na casa de Belóta... Sou homem para o senhor em toda a parte, e como quizer. Si tem Pasmado, eu tenho Pajehú, ferro de qualidade que nunca me envergonhou... Si o seu já quebrou o preceito, o meu tambem não está em jejum...

— Pelo amor de Deus — supplicou o Belóta, com lagrimas na voz — Basta!... Basta!... Está acabado por hoje, meus amiguinhos da minh'alma... Vocês parecem crianças...

— Olha, cabra, toma a benção ao Belóta...

Depois desta ameaça, Zoião deixou-se conduzir pelo Candido, que chofrou esta pilheria:

— Até mais ver, seu Crapiúna, quando quiser a desforra... Damos lambuje...

Theresinha, espiando anciosa, por cima do muro, lamentava o desrelace pacifico da contenda.

— Você sempre arma cada rascada, seu Crapiúna — observou Belóta, ainda agitado.

— Aquelle homem é um precipicio — murmurou o soldado — Si não fosse você... Deixe estar que os desafôros não caíram no chão...

— O melhor é você não fazer caso...

Belóta, com maneiras manhosas de consumado velhaco, tinha enorme predominio no camarada, que tanto era aggressivo e rixoso, quanto cobarde, quando entestava um adversario consideravel. Isto succedêra no caso da Quinotinha, a que o Alexandre defendera, com uma coragem evidente, bonita...

Depois de muitos conselhos e exortações, Belóta pretextou necessidade de ir ao corpo da guarda, promettendo voltar sem demora.

Vendo que Crapiúna se dirigia para o quintal Theresinha, desceu, ligeiro, do posto de observa

ção, e correu. Mal teve tempo de chegar á porta, atraz da qual se escondeu, tremula de terror.

O soldado, dextro como um gato, saltou por cima do muro, e dirigindo-se para o fundo, suspendeu um velho caixão, atulhado de coisas imprestaveis, de sob o qual tirou uma bolsa de coiro de onça, cheia de dinheiro.

Emquanto o soldado contava, humedecendo os dedos na lingua, as notas miúdas, dilaceradas e sordidas, Theresinha, no esconderijo, procurava, em vão, conter as pernas vacillantes, quasi a vergarem. Pelos seus olhos espavoridos, passou a visão do responsorio, em casa de Rosa Veado. Uma das sombras, aquella que, com esgares de louco, a arrebatava em volteios macabros pelo ar, em nuvens de fumaça suffocante, estava alli corporisada, bem nitida, contando o dinheiro furtado. O glorioso Santo Antonio operara o milagre. Por precaução criminosa, talvez para arriscal-a, Crapiúna escondera o furto, denunciál-a-ia mais tarde, e ella seria, como cúmplice de Alexandre victima de uma prova esmagadora.

Entre o terror de se achar a sós com o soldado em tão estreito espaço, ser por elle presentida e descoberta, testemunhando o terrivel segredo, e o prazer de haver colhido certeza da autoria do crime, Theresinha vacillava na resolução por tomar, sem se embarçar nas malhas da rêde, em que pretendia apanhar o criminoso. Teve impetos de gritar, de surprehendel-o em flagrante, e arrastal-o á presença do delegado. Isso, porém,

seria perder-se, sacrificar-se, inutilmente, porque Crapiúna seria capaz de eliminá-la, estrangulá-la, sem piedade. Ella não poderia lutar, fragil como era e aberta dos peitos, contra um homem vigoroso e armado de uma faca hedionda, cujo cabo de chifre, incrustado de arabescos de oiro, surgia-lhe da ilharga. Ah! si tivesse os musculos da Luzia!

As pernas lhe tremiam, cada vez mais bambas; os dentes se chocavam com estalidos seccos, toda ella tiritava inundada de suor gelado, que lhe empapava os cabellos na fronte, e lhe corria pelo dorso, como vermes pegajosos. A cabeça andava-lhe á roda; e, na visão perturbada, o soldado se afigurava desdobrado em outros eguaes e pequeninos, que avançavam para ella com tregeitos de palhaços. A misera debatia-se para fugir, implorar soccorro, como na angustia de um pesadello.

Os rapidos instantes que se allí demorára o soldado lhe pareceram infindaveis; e quando recobrou a posse de si mesma, saindo do esconderijo, pé ante pé, com meticulosas precauções, livida, espavorida, viu que o quintal estava deserto. Nada denunciava a presença d'elle: o caixão estava no mesmo logar, onde permanecia, havia muito tempo; não viu pegadas no chão, nem o mais leve vestigio.

E a bolsa?... Ella não ousava verificar si fôra reposta onde a vira.

— Seria realidade ou sonho? — inqueria ella, procurando despertar a memoria, fixar idéas e recompôr o facto, em todas as suas minucias — Te-

ria, na verdade, visto Crapiúna transpôr o muro, suspender o caixão e contar o dinheiro?... Seria a revelação efeito da intervenção do Santo?...

Nessa dolorosa incerteza, esgotadas as forças, com os quadris doloridos, como si os houvesse traspassado a faca do soldado, marchou tropega, para o interior do aposento, então quasi escuro, e, subjugada de ineluctavel torpor, derreou-se na rêde, armada a um canto.

Era quasi noite. Não se ouvia mais o grazinar das tres mulheres, que haviam partido para a delicia de um goso, fariscando, numa insaciedade, a fortuna dos jogadores.

XVIII

O relógio da Matriz dava oito horas, quando Theresinha despertou sobresaltada, tomando pela claridade da aurora o luar que se coava pelas frestas do telhado. Seu primeiro movimento foi para erguer-se, ir ter com Luzia, dar-lhe, como costumava, notícias de Alexandre, e contar-lhe a excellente novidade. Mas, o corpo enlanguecido de tão violentas commoções, do torpor do somno, recusou obedecer. Ella permaneceu encastoada na rêde, encadeando idéas dispersas, e fixando bem, na memoria, o episodio que duvidava ainda fosse sonho, ou realidade. Por fim, assaltou-a o medo de estar só na penumbra do quarto, povoado de fantasmas, rumores suspeitos que se lhe figuravam passos de homem aproximando-se, halitos anciosos, como a sua propria respiração offegante.

Com esforço voluntarioso ergueu-se, espreguiçou-se para distender as articulações entorpecidas, e abriu, de manso, a porta.

O becco estava deserto, banhado de luz intensa, suavemente argentina. Na casa fronteira, allumiada pela foixa luz de uma véla de carnaúba,

chorava, em magoados vagidos, uma creança enferma, acalentada pela mãe, que murmurava monotonas cantigas, cortadas de suspiros. Era a angustia do coração a estostrar de pranto.

Theresinha espreitou todos os lados; fechou a porta sem estrepito, e partiu, dirigindo-se para a várzea, por uma estreita senda, cavada no sólo, ladeada de cisqueiros, farejados, afocinhados de cães magros e murchos, que se esgueiravam desconfiados. Ella passou, depois, cosida aos altos muros do fundo dos quintaes, até chegar á encruzilhada das ruas, cheias de escravos, retirantes, gente suja, gente esqualida, carregando pótes d'agua, colhida nas cacimbas abertas na areia do rio, a conversar, resingando, em voz alta, com rasgadas desenvolturas de chufas, de arregações obcecos, com risos estridentes de malicia.

Ao chegar á rua, suspirou libertada do pavor afflictivo; e, outra vez, gosando uma doce serenidade d'animo, seguiu na direcção da igreja do Rosario, relembrando os incidentes daquella tarde, a scena do jogo, a cobardia no esconderijo, e o terror que lhe não permittia verificar si Crapiúna deixára a bolsa de coiro de onça debaixo do caixão. Em todo caso, estava satisfeita com o haver logrado a certeza do verdadeiro criminoso, indicado pelo infallivel, pelo glorioso Santo Antonio, e a convicção de concorrer para a libertação de Alexandre e a felicidade inteira de Luzia. E reputava-se engrandecida por essa boa acção, renovada do passado de culpas, de crimes talvez, dos

quaes fôra responsavel inconsciente, e, sobretudo, a principal victima. Entidade diminuida e inutil, fluctuando sobre uma suja torrente de vicios incontinentes, sentia-se valorisada, sentia-se forte e sentia-se prestante. Duas creaturas, pelo menos, neste mundo de ingratidão, de perfidia e de miseria, seriam reconhecidas á sua dedicação.

Enlevada no doce conforto do becco, Theresinha foi subindo a rua do Rosario até ao largo. Em redór do Cruzeiro, erguido defronte da igreja, sobre um solido pedestal de alvenaria, crenes, ajoelhados, rezavam padre-nossos, ave-marias e o terço, murmurando, nuns tons soturnos de devota cadencia.

Do piedoso borborinho, sobresaía a voz de D. Ignacinha, ao recitar, com solemnidade de padre, o *gloria-patris*, respondido pelos fieis, numa algaravia, um mistiforio de latim e portuguez: — *Os que perderem em principio, agora im sempre por todos os seculos, seculóro. Amem, Jesus.*

A moça prostrou-se, commovida, abeirando-se do grupo, pouco e pouco engrossado pelos transeuntes, de uma reverencia grave, na maioria mulheres, de alvos mantos, a espelharem ao luar, claro como o dia. Havia muito, seus labios se não entreabriam á florescencia da préce consoladora, nem despertava, aos efluvios purissimos da fé, sua alma agrilhoada ao peccado. Dos habitos piedosos da infancia, apenas conservava o de persignar-se antes de dormir, antes de tomar banho. Não se re-

cordava da ultima vez que rezára, a não ser a oração sacrilega em casa da Rosa Veado.

Terminados os mysterios do terço, D. Ignacinha entoou, com pompa, numa voz fanhosa e aspera, o canto de contricção — “Oh! Senhor Deus bem amado...”, acompanhado por todos os devotos, com uma dissonancia apparatusa, irremediavel. Aos derradeiros versiculos, houve uma contricta, houve uma longa pausa. Recolheram-se todos com Deus, curvados e humildes, preparando-se para o solemne epilogo do acto religioso, a supplica commovente de misericordia. Quando esta echoou, entoada pela beata, em accentos plangentes, as pessoas, affastadas da egreja, reunidas em ródas, na calçada, tanto que ouviam a supplica, ajoelhavam e batiam tambem nos peitos, repetindo, em leve, em sentido balbucio, a invocação á misericordia divina. Theresinha curvou-se, compungida, e pediu a Deus, sinceramente, perdão dos seus peccados.

Ergueram-se os devotos, como um rebanho de ovelhas, espantado na malhada nocturna, e debandaram em todas as direcções, depois de beijarem o pedestal da grande cruz negra, que o luar destacava, com melancolicos fulgores.

Ao toque de nove horas, desmancharam-se as ródas de confabulação amistosa; trocaram-se saudações habituaes e arrastaram-se as cadeiras para o interior das casas, cujas portas se fechavam com estrepito.

Naquelle tempo, terminavam a tal hora, com

excepção das raras casas da fidalguia da terra, as visitas, fossem de cerimonia, fossem intimas. É consideravel esta nota.

Luzia passeava, impaciente, sob a latada, cujas palhas, muito seccas, farfalhavam ao violento embate das rajadas tépidas.

— Que horas são estas?! — exclamou, avistando Theresinha.

— Fui ao meu quarto — respondeu esta — mudar a roupa e peguei no somno...

— Pensei que havia acontecido desgraça... Tardaste tanto... Estava num pé e noutro anciosa... E... Alexandre?...

— Na mesma. Poucas palavras e muito succumbido... Mette dó vel-o, coitado!

— Perguntou por mim?

— Não. Eu é que fallei de você. Disse-me que não lhe podia pagar o que tem feito por elle; entrou a repetir que já está desesperado... Sempre a mesma ladainha.

— Tem razão. Ha quasi um mez que pa-dece...

— Deixe estar que, mais dias, menos dias, se descobre a verdade. Deus ha de permittir que isso seja breve, talvez amanhã...

— Amanhã?!... Dessa esperança estou farta.

— Não desespere, Luzia. Quem espera sempre alcança. Você nem póde adivinhar o que vaé acontecer.

— Sabe, então, alguma novidade?...

— Não. É um palpite.

— Um palpite á tôa?...

— Lembra-se, Luzia da minha alma, lembra-se do responsio?

— Sim. E depois?...

— Não lhe dizia eu que tinha fé no milagre? Pois é por ter fé que prevejo a proxima libertação de Alexandre. Diz-me o coração que elle está alli e está na rua. Ainda ha instantinho rézei no cruzeiro do Rosario, e uma voz interior dizia-me, com segurança: Deus tarda, mas não falha...

— Então elle nem perguntou por mim!?

Luzia prescrutava, com olhares insistentes, o pensamento de Theresinha, suspeitando que ella lhe occultasse a verdade, ou que soubesse algo que, por compaixão, lhe não queria revelar. Essa reserva mental devêra influir naquelle ar de mysterio, velado de ironia, palavras vagas, em completa discordancia do genio expansivo e alegre da rapariga, uma deleitosa creatura sem aspirações, resignada ao seu quinhão mingoado da partilha das coisas boas deste mundo, feita pela Providencia. Entretanto, ella testemunhava, com funda magoa, a anciedade, o desconcerto de Luzia.

Esteve a pique de revelar-lhe o descobrimento do dinheiro; mas, por um justo egoismo, desejava reservar para si, exclusivamente, a caridosa iniciativa da libertação do prisioneiro, si bem que não houvesse ainda atinado como tirar partido do que vira, ou tornar valioso o seu testemunho unico, porque não ousara verificar si a bolsa ficara no logar onde Crapiúna a escondera.

Era por medo, por cobardia indesculpavel que se não houvera assegurado dessa circumstancia importante, ella que tinha affrontado perigos e estava callejada de supportar as vicissitudes da vida? E si elle houvesse tirado o dinheiro? Tornar-se-iam inuteis o descobrimento, o tormento d'aquelles angustiados, d'aquelles inolvidaveis instantes, porque nada valeriam as suas affirmações.

Seria possivel que assim se desvanecessem as esperanças da imminente victoria da verdade á calumnia, urdida contra o pobre moço?...

Luzia por sua vez, meditava, com os claros olhos fitos na clara lua, a librar-se no céu, de um fino e doce azul. Seu pensamento adejava em redor de Alexandre, que, indifferente, não perguntara por ella, merecedora do castigo desse desdem, a rendida á voz diabolica que, das entranhas, lhe bradava, com insistencia lancinante: "és culpada pelo teu excessivo amor proprio, pela tua soberba!..."

Seguia-se a revolta, com assomos fanfarrões de defesa inconsciente, futil.

— Não quer saber de mim? — pensava ella — Melhor. Fosse eu outra, faria o mesmo. Deixal-o-ia entregue á sua sorte, desobrigando-me de tamanha canseira, pois muito tenho feito para demonstrar-lhe a minha gratidão. Talvez isso lhe conviesse para desembaraçar-se do compromisso de ligar á sua vida uma mulher pobre com a mãe doente, duas boccas a reclamarem de comer, neste tempo de carestia, e maior somma de trabalho.

Seria uma loucura pensar em casamento em semelhante crise. Elle, sosinho, poderia supportar privações, vencel-as ou succumbir consolado de não fazer falta a ninguem, como defuncto sem choro. . .

E Gabrina? . . . — Não iria esta ou outra igual occupar, no coração vasio, o lugar que Luzia abandonara? Não procuraria elle, na triste conjuncção do naufragio das suas esperanças, uma affeição que o consolasse, um refugio carinhoso, embora impuro de lasciva, onde se abrigasse para espairecer, como quem se intoxica de bebidas capitosas para curar dissabores, ou se afoga na vasa infecta de um pantano?

Seria horrivel. E Luzia estremecia, sob um pavor, como si fôra ameaçada do espolio de um bem inestimavel, de coisa a que tinha direito sagrado, coisa que ella criara, e á qual transmittira parte da sua alma, planta que tratara com desvelado carinho, regada com o suor das suas afflicções e o orvalho das suas lagrimas, ameaçada de ser desarraigada por mão criminosa, quando lhe desabrochavam, pujantes de viço, coloridas e perfumosas, as primeiras flôres. Não tinha energias varonis, musculos poderosos para defender o seu bem querido, e esmagar o espoliador! . . . Não tinha o indeclinavel dever de lutar pelo que era seu, e constituia, já, elemento essencial da sua existencia, como si defendesse a propria vida, o patrimonio inexaurivel dos thezoiros do coração, o pre-

cioso quinhão da ineffavel ventura que, neste mundo, só no amor se encontra?

Como púas lancinantes, esse egoismo, que é, a summa de todos os instinctos da especie, tanto mais vehementes e indomaveis quanto menos culto é o espirito da mulher, não contaminada de peccado, na exuberante razão do organismo sadio, asanhava-lhe as iras, a lhe morderem como cobras o coração, que lhe projectava nas veias uma torrente abrazada de odio a Gabrina, a todas as mulheres que lhes disputassem a presa adorada, contra si mesma, que o abandonara, contra as coisas que a cercavam, testemunhando o seu penar, contra aquelle astro radiante a illuminar a lucta travada no ambito escuro da sua alma, como lampada tristonha a revelar o monstro de paixão acuado na caverna das entranhas, latejantes de desejos...

Passava-lhe, então, pela mente allucinada, a torva idéa de vingar-se, rebaixando-se, de polluir-se, de atolar-se no charco da lascivia, saciando-se até á embriaguez, ao primeiro encontro, fôra embora cumplice do immundo crime o mais hediondo dos homens, Crapiúna, outro qualquer, ainda mais vil e detestavel, comtanto que a sua depravaçãõ, com requintes de despejo, fizesse soffrer Alexandre, o desalmado, o frio homem, que não perguntara por ella a Theresinha.

E a voz diabolica, vibrando em mysticas melodias, de um tom angelico, e dominando o tumulto da sua alma atribulada, repetia: "Porque te golpeias assim? porque te maceras nessa lucta mor-

tificante e esteril, fragil creatura?... Vae; curva-te, com escrava, aos pés do ente adorado, beija-lhe ás mãos, unge-as com o balsamo do teu pranto, porque o amas...”

Uma exhortação de alto romantismo, a dessa voz de anjo e diabo...

Despertou-a do scismar torturante a voz de Theresinha:

— Que bonito luar, Luzia. Dá vontade á gente de passar a noite em claro. Como está bem visível S. Jorge e o cavallo empinado. Dizia-me um tapuyo velho da Serra Grande que a lua protege a quem quer bem. Quando uma tapuya gentia tinha saudades do marido ausente, olhava para ella, e lá lhe apprecia o retrato da creatura querida, ou nella casavam, conduzidas pelos olhares, as almas do par, separado por leguas de distancia.

Luzia, machinalmente, olhou para a lua a navegar serena no céu nitido, e pensou que, áquelle momento, Alexandre tambem a contemplava, triste e só, por entre as grades do carcere infecto.

— A lua — continuou Theresinha, com melancolia — leva recados e juras dos noivos, e amollece o corpo da gente. E o tapuyo dizia que ella era mãe da terra, das coisas e das creaturas vivas; protegia as plantações, mandando chuva e orvalho, aquecia os ninhos chocos, dava cheiro ás flôres em botão e cio aos animaes. Tambem tirava o juizo á gente, quando se zangava... Ah! que saudades me faz o luar! Foi por uma noite destas, que co-

nheci o Cazuza pela primeira vez... Ai, ai... Deus... meu pae...

E ella se esticava, num grande bocejo de volupia, deitada sobre a esteira, desalinhas, pelo vento, as roupas leves, os olhos quasi cerrados á immortal saudade do primeiro amor, sempre vivo no inquieto coração devastado.

— Tomara que já amanheça — continuou, bocejando — Como custa a passar a noite!... Em que está você tão embebida, Luzia?

— Eu!... Estou imaginando na minha triste vida...

— Arre lá com tanto disfarce! Você, minha negra, não se abre commigo. Estava, mas era longe d'aqui, résando á lua como as tapuyas.

— Você tem coisas, Theresinha!...

— Não chorei na barriga da minha mãe, mas adivinho. Porque não diz logo que está com o juizo em Alexandre?

— Como hei de pensar em quem não faz caso de mim!... Nem perguntou a você, por mim...

— Não perguntou porque?... Porque você, por pique, não foi mais á cadeia. Você é caprichosa, elle tambem... Mas não se me dava de apostar como ambos os dois estão arrependidos...

— Acha, então, que, depois do que houve, eu deveria entreter uma... coisa sem fundamento, sem esperança?

— Qual o que! A gente faz de um argueiro um cavalleiro, fica amuada, jura por quantos santos, faz fincapé... É o mesmo que nada. Quem

quer bem não tem vergonha. Eu, rolada neste mundo, que o diga.

— E a historia da Gabrina?

— Mentira, tudo mentira. Não duvido que ella levantasse, com aquella cara de santa, toda denguiques e innocencias, o falso-testemunho. É uma rapariga bem parecida, bem feita de corpo, mas tem a alma deste tamanhinho. A Chica Seridó tem comido candêas, desde que tomou conta della. É capaz de tudo, meu Deus perdoae-me. Não duvido que tenha feito esse maleficio por ciume...

— Por ciume?...

— Pensa que todos os homens se babam por ella, e, como Alexandre não lhe deu tréla...

— Demais, que tenho eu com isso? Tanto se me dá que ella goste d'elle, como que não goste. Só me empenho para elle ser livre. O mais... está acabado...

— Que soberbía, Luzia! Você ainda é castigada.

— Porque? Si não faço mal a ninguem...

— Deixe estar. Quem for vivo verá... Não ha mal que sempre dure... Amanhã!... Ah! miseravel, tenho aqui o fio da meada!

Theresinha, como si falasse a um ente miseravel, estendeu, com ar triumphante, o punho cerrado.

— Bem dizia eu — exclamou Luzia — que você sabe alguma coisa...

— Ora si sei... Vae ver... Amanhã, si Deus

quizer... Não; o melhor é não dar á lingua...
Espere...

E Theresinha, muito lenta, muito languida, entrou a murmurar, baixinho, com uma ternura tiritante, uma canção, da qual Luzia distinguiu bem esta quadra:

A traição, meu bem, ature:
Diga que é cega e não sabe.
Não ha mal que sempre dure,
Nem bem que nunca se acabe...

XIX

Theresinha voltou, no dia seguinte, ao becco da Gangorra, á hora da revista, quando os soldados estavam reunidos no quartel, estabelecido em uma velha casa fronteira á cadeia.*No sobresalto de quem se esconde, esgueirando-se para evitar a curiosidade da vizinhança, entrou no quarto, e se fechou por dentro. O silencio augmentava-lhe o susto. Foi preciso repoisar para adquirir coragem.

A porta, que dava para o quintal, estava entreaberta, como ficára na vespera. O caixão velho lá estava, regorgitando de troços, lavado de luz intensa, em contraste da penumbra do aposento, sem o menor signal de haver sido desviado, ou da presença de ser humano naquelle sitio.

Com o peito offegante, pallida de afflicção, o ouvido attento ao menor ruido, a moça ajoelhou, e, com um esforço sobre posse, ergueu um dos angulos do caixão, muito pesado, muito cheio; e, sustentando-o de encontro ao hombro, fendeu com mão tremula, o espaço entre o fundo e o chão. Seus dedos crispados experimentaram repugnante

contacto. Retirou, rapidamente, a mão, como si a houvesse passado pela pólpa ascorosa de um réptil. Um calefrio varou-lhe os membros, as forças abandonaram-na, e o caixão caiu, percutindo o solo com um som cavo.

Transida de pavor, ella esperou alguns momentos, immovel e attenta, sempre de joelhos, apoiada ao muro. Recobrado o animo, limpou com a fimbria da saia o copioso suor que lhe inundava o rosto, respirou agoniada, como si lhe faltasse ar; abanou-se com o vestido, movendo de um para outro lado a cabeça, quase desfallecida. A bolsa de Crapiúna estava alli. Não havia duvida; ella havia sentido o contacto electrizante dos pellos de coiro de onça. Aguilhoada pela curiosidade de examinar-lhe o conteúdo, não ousou de fazel-o: seus musculos flacidos e fatigados não poderiam repetir a exploração. Além disso, começou a sentir a dolorosa punção inguinal e o aperto do peito, que a acommettia toda vez que era assaltada por fortes abalos.

— Ah! . . . Si eu fosse mulher de talento, como Luzia — murmurou, desalentada, erguendo-se a custo.

Certa da permanencia da prova do crime, restava escolher meio de utilisal-a. Seria necessario surprehender Crapiúna alli, quando voltasse em busca de dinheiro e obter o auxilio de um homem bravo e forte, capaz de entestar com o soldado, prendel-o e conduzil-o á presenca da autoridade. Lembrou-se de Raulino Uchoa que era vigoroso

e arrojado, quando menos pela brava fascinação das historias que contava da vida aventureira. Era, demais disso, amigo de Alexandre e devotado a Luzia, que o salvara dos chifres do toiro sanhudo. Era, porém, indispensavel que ella e elle ficassem escondidos de tocaia, esperando, horas, talvez dias inteiros, a occasião propicia.

Occorreu-lhe, então, procurar o sargento Carneviva, que ella o sabia em excesso rigoroso para com os soldados, e andar muito prevenido com Belóta e Crapiúna, por serem jogadores incorrigiveis. A essa idéa, d'uma felicidade que farte, ella vibrou de jubilo, ella vibrou de colera, misturados, na mesma expansão impetuosa, os nobres anhelos de victoria e antegoso cruel da vingança.

— Has de pagar o novo e o velho — exclamou ella, com ameaças, e triumphante — Hei de mostrar, ladrão safado, quem é taboa de bater roupa e quanto vale esta cachorra!...

E partiu em busca do sargento.

A essa hora, estava Luzia trabalhando na officina de costuras do morro do curral do Açougue.

Confiara-lhe D. Ignacinha a superintendencia das meninas talúdas, depois de verificar a sua pericia, o seu exemplar procedimento, o recato de maneiras e linguagem, tão raros naquella quadra de carencia de nutrição physica e moral. Seria ella um exemplo vivo para aquellas pobresinhas, condemnadas á mendicidade, orphãs ou abandonadas pelos paes, expostas ao contagio da infecção, que

dilua as baixas camadas da sociedade, desfibradas pelo innominado flagello.

Entre ellas estava Quinotinha, um futuro de formas, em cujas linhas, ainda angulosas, se debuxavam, nuns longes de curvas graciosas, os primeiros signaes da puberdade. Luzia acolheu-a com sympathia; e, quando soube que era a menina libertada por Alexandre da sanha monstruosa de Crapiúna, dedicou-lhe os mais carinhosos cuidados. Fruía deliciosa sensação ao contacto della, ao exercitar-lhe as pequeninas mãos delicadas no manejo da agulha e no ajustamento das peças de costura, sensação de mãe testemunhando a florescencia da força e da intelligencia nos tenros rebentos do seu lar. Ella a distinguia das outras meninas, desasseadas, esgrovinhadas, como pombas privadas do arminho das pennas candidas, de olhos toldados, como si por elles já houvesse passado a sombra funesta do crime; muitas indifferentes ás caricias, aos conselhos, de grandes olhos parados, ardendo num brilho fulvo de fébre, e sempre voltados para o telheiro onde roncavam, fumegando, os enormes caldeirões de comida. Quase todas pareciam esgalhos enfezados, condemnados ao estio-lamento precóce, a se consumirem, varas estereis, na coivára de vicios, que se ia alastrando, como incendio em matagal resequido, e mais não era outra coisa essa massa de familias, erradicadas dos lares, desagregadas e descompostas.

Contemplando Quinotinha a trabalhar, Luzia se embebia no enlevo de um sonho, onde se dissol-

viam as amarguras, as tristezas do presente, e surgia, entre resplendores suaves de aurora, o desejo da maternidade, dar-lhe Deus uma filha assim formosa e sadia. E já considerava, num goso, em toda a sua sublimidade, esse prazer ineffavel de mãe, quando a estreitava ao seio fremente, lhe amimava os cabellos de menina e a beijava com afan, com a meiguice, o doce frenesi das mães amorosas.

Evolava-se o sonho, e ella considerava que a rapariguinha poderia servir de companheira á mãe enferma e a ella mesma, como irmã caçula, si os tempos não fossem tão ruins; poderia repartir, com ella, a sua pobreza, o seu quinhão parco, como fizera com Alexandre. Chegou mesmo a falar-lhe nisso, mas Quinotinha respondeu-lhe que era a mais idosa de oito irmãos, uma escadinha de meninos que terminava num de peito, e não podia abandonar a mãe, coitada, já abandonada pelo marido.

Depois disso, Luzia lhe teve mais amor, e mesmo mais sorrisos, e mesmo mais cuidados. Havia, entre ambas, a solidariedade do mesmo infortunio, de sentimentos identicos, dedicação e amor filial, com a differença de ser a menina uma creatura ingenua e feliz, pela inconsciencia da miseria, e ella mulher rebellada contra a sorte, assaltada de absurdas aspirações, tendo o coração apertado entre magoas, dissabores, esperanças desfeitas, murchas como os cravos rubros de Alexandre.

Uma tarde, terminada a tarefa, Quinotinha

saiu acompanhada de Luzia, que lhe notava algo estranho no semblante, de ordinario tranquillo e risonho.

Caminharam em silencio, algum tempo.

— Ha muitos dias — disse a menina, enleada e hesitante — que ando para lhe dizer uma coisa.

— Você?! — exclamou Luzia, com interesse, com surpresa.

— Sim, eu mesma...

— Vamos lá... Diga...

— Vosmece conhece seu Alexandre? Aquelle moço que está preso por causa do furto da Comissão?...

— Conheço, sim...

— Quero muito bem a elle... Sá Luzia tambem gosta d'elle?

Luzia não respondeu; e a menina continou:

— Todo o mundo gosta daquelle homem...

— Mas... a que vem isso?

— Eu lhe conto. Sá Luzia sabe onde é a casa de Chica Seridó? Pois fui lá, outro dia, buscar um remedio, que a mamãe mandou pedir e estava esperando entretida com a Gabrina, aquella mocinha bonita, que tambem gosta de seu Alexandre, quando ella me largou de repente, e foi para o terreiro conversar com uma pessoa. Espiei para fóra e fiquei tremendo de medo: era o Crapiúna, aquelle soldado que, de uma feita, quase se pegou com seu Alexandre... Fiquei quieta e, então, ouvi elle falar muito zangado: ralhava tanto, que fiquei

com pena de Gabrina. Elle dizia: — “Você não tem palavra. Ficou de ir lá em casa e me enganou!” Ella respondeu por aqui assim: — “A Chica estava com os olhos em riba de mim, que não me deixou um instante.” — “Você está mentindo, menina — tornou elle a dizer-lhe com muita mácriação. — Nem por eu lhe dar um par de brincos de ouro e os córtes de chita...” — “Mas eu não fiz o que você disse? — respondeu a rapariga, também com maus modos. — Não fui jurar em casa do Delegado...”

— Vamos. Conte-me tudo — irrompeu Luzia, anciosa e alvorotada, devorando a menina com o olhar em fogo. — Vamos, diga a verdade.

— Não estou mentindo — balbuciou Quinotinha, espavorida pelo gesto ardente da mestra — Creia-me por esta luz...

— Não tenha receio. É para bem delle, do pobre, que está penando innocente...

— Espere. Deixe-me lembrar. Ella disse mais: — “Que queria você, seu Crapiúna?” — “O que me prometteu... Olha, diabinho, tu me tens custado os olhos da cara e... si não fosse porque...” — Aqui, ella fastou p’ra traz, e disse-lhe:

— “Si é por causa da porqueira destes brincos e daquelles molambos, pode levar tudo. Basta a dor de consciencia de ter alevantado um falso... Ainda quer mais?!...” — Crapiúna, estava-se vendo, ficou furo de raiva e em termos de arremetter para ella...

— Estás bem certa do que dizes, Quinotinha?!...

— Eu? Como em Deus estar no céu... Por signal que elle abrandou, quando ella disse que, si duvidasse, não se dava de contar tudo; que mentira por pique, para se vingar de Alexandre... que não fazia caso della... O soldado ficou calado um instantinho e pediu-lhe que não fosse má-sinha, que, si falasse, seria presa com elle, desgraçando-se os dois para fazerem beneficio a um homem que, além de tudo, a despresava por causa de outra mulher. Si ficasse quiéta e fizesse o que elle queria, poderiam viver, sem ninguem desconfiar, como Deus com os anjos. — “Olhe — disse elle por fim — si eu fosse malvado, poderia encalacral-a... Mas não faço isso, porque você é o meu unico amor da minha alma.” Continuaram a conversar, mas tão baixinho, que não pude ouvir, até que a Chica Seridó gritou lá de dentro por ella... Então, eu disse commigo: Que gente malvada! Vou contar tudo a sá Luzia. Não contel logo, porque tive medo que ralhasse commigo por eu andar escutando conversa de gente grande...

— Ralhar contigo?!... Pois si foi Deus quem te collocou alli para seres testemunha da verdade... Fizeste muito bem, Quinotinha; assim é que faz uma menina bem ensinada. Nem podes imaginar o bem que fazes a duas creaturas: a elle e a mim. A mim, que libertaste de um grande pezo, que me esmagava o coração.

E enlaçou a menina nos braços robustos; conchegou-a ao peito, convulso, que arfava, com alvoroço, desesperadamente; beijou-a em febril

transporte de ternura, como beijam aos filhos as mães amorosas.

— Agora — disse a menina, libertando-se dos afagos de Luzia — deixe-me ir que é tarde. . Não diga nada, nem que lhe contei. . .

— Vae descansada. . .

Quinotinha partiu a correr, e Luzia continuou o caminho para casa.

A lucidez da narrativa, d'uma segurança minuciosa, attestava a sinceridade da menina. Alexandre, pensava Luzia radiante, estava salvo, salvo da infamia e rehabilitado para ella, por sua vez libertada das sombras crueis da suspeita. Elle resuscitara, e, da prisão nojenta, ascendia para o céu das suas aspirações, aureolado pelo soffrimento. E ella abençoava a voz demoniaca, aquella voz seductora e intima, que lhe falava com a sinceridade mystica de um canto angelical, e a impellia docemente para o martyr, repetindo: "Vae, curva-te como escrava e culpada, unge as suas mãos generosas com as tuas lagrimas, porque o amas."

Si Alexandre a amasse, elle perdoar-lhe-ia; ella era, agora, culpada de haver desconfiado, por mesquinho impulso de despeito, por ter recusado ao pobre a consolação da sua presença, a caridosa visita diaria á prisão, e por não resistir á crueldade pueril de devolver-lhe as pobres flores murchas, symbolo triste de affectos mortos,

XX

Theresinha conversava com a tia Zephinha, numa rutila impaciencia de olhos alegres, quando Luzia chegou a casa. Falava de Alexandre, amaldiçoando a justiça que o conservava na cadeia, havia mais de um mez, por causa de imputes feitos pelo hediondo soldado, de parceria com a Gabriela, dodivanas, positivamente, quasi a despencarse no mundo, arrastada pela falta de juizo e os pessimos exemplos, porque a morada da Chica Seridó era logar de reunião de gente mal reputada, freguezes de suas mézinhas e feitiçarias.

O semblante claro e, claramente, expansivo de Luzia, denunciou-lhe a vontade que lhe alvorçava o coração.

— Como vem mudada! — exclamou Theresinha — Você parece que viu passarinho verde?

— É porque tenho de que, — respondeu Luzia, beijando as mãos descarnadas da mãe.

— Vamos lá. Conte-nos isso, que tambem tenho boas novidades.

— Já sei quem é o ladrão...

— Ora! Isso é velho para mim, como a serra dos Côcos.

— Sabia então?...

— Olé! Não sabia, mas suspeitava.

— Pois eu sei. Foi mesmo uma coisa mandada por Deus.

E repetiu, sem reservas, a revelação de Qui-notinha.

— Franqueza por franqueza — disse Theresinha, resoluta — Eu também tenho muito que dizer, coisas que me andam embuchando ha muitos dias. Primeiro que tudo, fiquem sabendo: Cra-piúna está preso...

— Preso?!... — exclamaram, a um tempo, Luzia e a velha.

— A onça deste pasto está muito bem guardada no chilindró...

— E quem conseguiu isso?

— Esta sua criada — affirmou Theresinha, com emphase, batendo no peito, com largo gesto de contentamento.

Contou, então, como descobrira o esconderijo do dinheiro, as afflicções supportadas com heroismo; fanfarroneou a coragem, o sangue frio; apesar de fraca, não era mofina, e mais não morrera de terror quando se viu a sós com o malfasejo soldado. E passou a narrar a entrevista com o sargento Carneviva:

— Que quer você? — disse elle, muito apu-

rado, riscando com proficiencia grave, mappas e tabellas.

— Vim aqui dar parte... — respondeu, perturbada pela severidade do homem de má cara, muito barbada e muito fechada.

— Anda depressa, que estou muito occupado. Commando o destacamento na ausencia do tenente, que foi fazer uma diligencia, e não tenho tempo para trélas.

Theresinha, muito sobresaltada, denunciou-lhe a scena do jogo em casa de Belóta e a briga de Crapiúna com os paisanos.

— Bem desconfiava eu que aquelles malandros tinham casa de jogo na Gangorra — rebentou o sargento, com colera, cheio de censura disciplinar — Deixa estar essa córja que os arranjaréi... É só isso?

Logo que a moça começou a narrar o episodio de ter descoberto o dinheiro no quitazinho do seu quarto, o sargento, em crescente interesse, largou a régoa, tirou cautelosamente o tira-linhas da bocca, onde o sustinha atravessado, e pejado de tinta, e cravou indagadores olhos na delatora.

— Como é isso? — inqueriu, com surpresa — Então aquelle homem que está preso?...

— Innocente, meu senhor; limpo como salto da barriga da mãe...

— Delle — atalhou, rapidamente, Carneviva que não queria duvidas — Veja o que está dizendo a mulher...

— Vossa senhoria, si quizer, pôde ver com o

seus próprios olhos... Depois, eu não tenho necessidade de mentir...

— Lá isso é historia. De enredos de mulheres estou farto. Vocês, quando teem raiva dos soldados inventam e mentem como deslambidas. Emfim, vou indagar o caso da jogatina. Oh! Cabecinha!...

— Prompto, seu cadete.

— Que é do Crapiúna?

— Está na guarda da cadeia.

— E o Belóta?

— Tambem.

— Mande rendel-os e que venham já á minha presença.

Cabecinha partiu, e Theresinha fez um movimento para retirar-se e evitar a acareação com os soldados.

— Não, senhora — ordenou Carneviva — Fique para deslindarmos já esse negocio.

Poucos minutos decorreram. Crapiúna entrou primeiro, e não pôde disfarçar a surpresa de encontrar, na sala do sargento, a moça, transida de susto pelo vaxeme. Belóta chegou, depois, com ares humildes, timidos.

— Que historia foi essa — perguntou Carneviva — do jogo em sua casa? Já lhe não havia dito que, á primeira denuncia, você, seu Belóta, ajustava commigo novos e velhos?

— Saberá vossa senhoria — balbuciou Belóta — que é menas verdades... Até tenho andado doente...

— Qual doentel... Você quando faz marroteira, dá-lhe logo na fraqueza...

— Por Deus, seu cadete...

— Vamos lá. Quero saber de tudo... E, si mentir, arranco-lhe com a chibata o coiro do lombo...

— Vossa senhoria me perdoe... Foi, foi... uma brincadeira... a... a leite de pato...

— Bom. E o senhor? — perguntou o sargento, voltando para Crapiúna, que dardejava sobre Theresinha olhos ferozes.

— Eu não sei nada — respondeu elle, seccamente, e sem hesitação.

— Ah!... Então você não esteve jogando em casa de Belóta com os vagabundos Zoião, Candinho e Vicente da Henriqueta?

— Vossa senhoria não ante atraz de historias desta mulher, que mente como uma cadella vadia.

— Então o senhor — atalhou Theresinha, pulando, irritada pela injuria — não esteve quase se pegando com os outros? Não foi aqui o seu Belóta quem apartou a briga!?... Não é verdade que, quando elles foram embora, saltou para o meu quintal paredes-meias?...

O sargento impoz-lhe silencio, com um gesto rapido e energico. Crapiúna empallideceu, e Belóta, espantado, sem atinar com a significação da palavra da moça, interrogava o camarada com o olhar.

— Vamos, seu Belóta — ordenou o sargento

— Bote para fóra o que sabe. Vamos, que temos pannos para mangas...

Belóta, sempre cheio da intransigencia das ameaças do sargento, acobardou-se e contou o caso, amenisando-o com disparatadas justiificavas. Fôra uma brincadeira de amigo, uma coisa á tôa, que terminára num bate-bocca.

— E aqui, este mestre?

Crapiúna olhava, de soslaio, para Belóta.

— Saberá vossa senhoria — respondeu este — que o seu Crapiúna não estava...

— Você está mentindo, seu diabo...

— Quero dizer... sim senhor... Não estava não, senhor...

— Veja bem o que está dizendo.

— Não estava no... no... principio; chegou... quasi no fim... Mas, juro que não vi elle saltar o muro...

— Bom. Chegou no fim, hein!?

— É menas verdade — interrompeu Crapiúna, num impeto de audacia insolente — Este homem diz isto para se desenrascar.

— Não negue, seu Crapiúna — retorquiu Belota — O senhor estava. Eu, mesmo contra mim, falo a verdade como homem. Si, porém, eu disser que vi você saltar o muro, minto porque deixei o senhor sósinho em minha casa, e fui ao quartel.

— E você, seu Crapiúna, o que foi fazer ao quintal visinho?...

— Já disse a vossa senhoria que é mentira dessa lingua damnada.

— Também será mentira que tirou debaixo de um caixão uma bolsa de coiro de onça?...

Crapiúna ficou livido, e atirou, desesperadamente, um gesto de ameaça a Theresinha.

— A bolsa? — exclamou elle, machinalmente, tomado de pasmo.

— Sim, senhor, — affirmou o sargento, com ironia. — A bolsa onde guarda o seu dinheiro, a sua botija encantada.

Trahido pela inesperada revelação e irritado pelos gestos affirmativos de Theresinha, Crapiúna, a custo, soffreava os éstos da colera que lhe queimava o coração.

— Eu sei lá dessa historia de bolsas... — respondeu, apparentando serenidade — É verdade que cheguei no fim do divertimento; tive uma turra com o Zoião, uma bobage... Mas...

Carneviva levou o apito á bocca, e tirou d'elle tres trillos agudos e violentos. Apareceram immediatamente quatro soldados.

— Bem. Vamos pôr isso em pratos limpos. Ah! Eu bem suspeitava que havia falcatrua... Todos os dias uma queixa. Furtinho para aqui, gatu-nagem para acolá... Cambada que é a vergonha da farda!... Corja de ordinarios...

Depois, pondo á cinta uma garrucha, ordenou aos soldados:

— Vamos! Acompanhem-me com estes dois homens: desarmem a esses coisas ruins.

À aproximação dos camaradas, Crapiúna recuou, e levou immediatamente a mão ao sabre; mas, o sargento lh'o arrebatou com um movimento rapido, com um movimento energico.

— Olha lá!... Não se engrace commigo, sei Crapiúna... — observou elle — Vamos e muito direitinho... Commigo não se brinca, vocês sabem....

Partiram em escolta, acompanhados por magótes de pessoas, no trajecto pela rua. Chegando ao quarto de Theresinha, Carneviva ordenou que se affastassem, e entrou com os soldados ficando á porta uma sentinella. Nessa occasião, chegou o subdelegado, attrahido pelo ajuntamento e, informado da occurrencia, passou a dar a busca.

A bolsa foi retirada de baixo do caixão e aberta. Havia nella dinheiro, joias e alguns fragmentos de papel escripto, versos de canções populares e o rascunho de uma carta a Luzia.

O subdelegado inqueriu então Crapiúna:

— De quem é esta bolsa?

— Não sei — respondeu o soldado, impavido de furor. — Pergunte a essa mulher que é a dona da casa...

Os camaradas presentes affirmaram que a bolsa era muito conhecida; pertencia a Crapiúna.

— Bem — concluiu a autoridade — Vou levar o facto ao conhecimento do delegado, a quem está entregue o inquerito, para lavrar o auto. O senhor sargento terá a bondade de mandar recolher os ho-

mens incommunicaveis, e comparecer com as testemunhas na delegacia.

Luzia e a mãe ouviram a narrativa, num enlevo de alegria, num enlevo de pasmo, com as almas nos olhos, como si lhes revelassem casos fabulosos, casos sobrehumanos. Era possivel que Theresinha houvesse realisado tão assombrosa façanha?

— Vocês não imaginam — continuou ella — como tinha povo na rua. Parecia procissão, quando levaram os soldados para o xadrez. E a cara do Crapiúna?... Ficou verde, amarello, encarnado como uma pimenta; botava-me uns olhos ensanguentados que me varavam... Eu, que vi o bicho bem seguro, ferrei tambem os olhos nelle como quem diz — arre diabo!... Quando passou por mim, resmungou: — “Deixa estar, sua aquella, que me pagará... Diz á tua parceira Luzia-Homem, que não hei de ficar toda a vida preso...” Senti um frio no coração, quando o malvado disse isto.

— E agora — perguntou Luzia — vão soltar já Alexandre?

— Sei lá... Disseram-me que comparecesse amanhã na delegacia para a trapalhada de depoimentos e não sei quê mais.

— Ah! Theresinha — gritou Luzia, com um abraço vehemente, radiante — Você é um anjo, um anjo!

— Que anjo, que nada!... Sabe o que sou?

Mulher e bem mulher, de cabello na venta. Ninguém m'as faz, que não pague com lingua de palmo. Chegou o meu dia... com dois proveitos num sacco: Crapiúna preso e Alexandre limpo de pena e culpa... Foi uma sorte! Viva o glorioso Santo Antonio! Ah!... si eu tivesse foguetes! Xii... tô... tô!... Viva Santo Antonio!... Vivô... Vivô!...

E, lestes, escarnicando do scelerado, saciada de vingança, fazendo piruetas que lhe agitavam os seios, contorciam os quadris e enrolavam, em espiraes, as saias em torno do corpo esbelto, desnudando as pernas ageis, toda ella palpitando, toda ella a se mexer em requebros sensuaes de dança, com sapateados freneticos, e vastas chibanças de triumpho, e rindo e cantando, numa alegria louca, a sua figurinha escanzelada de retorta providencial se destacava, evidente, no fundo illuminado pelo rubro disco da lua cheia, a surgir, lentamente, em magnifica ascensão.

X X I

Propagou-se, rapidamente, a noticia da prisão de Crapiúna, como verdadeiro autor do roubo do armazem da Commissão de soccorros. Não havia duvida. Um conjuncto de provas esmagadoras: a bolsa reconhecida por todos os camaradas; as declarações de Belóta que, insistindo em ignorar o facto, confessava causar-lhe admiração o dispor elle de tanto dinheiro para perder ao jogo grandes sommas e fazer prodigalidades com raparigas e pagodes; o depoimento de Theresinha, confirmado, de uma irrefutabilidade minuciosa; o rascunho da carta ameaçadora, entregue por Luzia ao delegado, no dia da prisão de Alexandre, e os testemunhos de Chica Seridó e Gabrina, encerraram o soldado numa culpa evidente, indiscutivel.

Seridó confessou que nutria sempre instinctiva repugnancia ao soldado, por seus modos atrevidos com as mulheres, muita falta de respeito, caçoadas inconvenientes; nunca, porém, lhe passara pela cabeça que elle fosse capaz de tão feia acção, como essa de levantar um impute que clamava aos céos e — o que lhe parecia ainda mais grave —

seduzir uma rapariga innocente e bestalhona, como Gabrina, para ajudal-o na obra nefanda de culpar um innocente.

— A pobresinha fez isso — dizia ella ao delegado, na sala de audiencia da camara municipal, apinhada de curiosos — sem maldade; e (para que hei de estar com historias mal contadas?) porque andava inclinada para seu Alexandre, depois dos beneficios que delle recebeu. Ponha o caso em si, meu senhor. Vossa senhoria sabe que mulher, quando vira a cabeça, é capaz de tudo. Quem quer bem não toma conselhos; não enxerga desgraças, nem se importa com perigos. Ella tinha no coração aquelle amor encoberto e não me disse nada. Esta bichinha que aqui vê, esta não sei-que-diga disfarçou tão bem que eu, macaca velha, nada maldei. Mettia a mão no fogo por ella, creia-me... Aquelle malvado homem, percebendo que a pobre estava enciumada, seduziu-a, com promessas de mimos, a tomar uma vingança do moço. Eu sabia que seu Crapiúna gosta de Luzia-Homem, tanto assim que, uma noite, me pediu para ir fazer uma réza, na casa della para abrandar-lhe o coração. Fui com elle e mais o seu Belóta, muito contra a minha vontade; mas (para que hei de negar?) fui e não pudemos fazer nada, porque estiveram acordadas até fóra de horas. Saberá vossa senhoria que sou mulher de proposito; mesmo contra mim, falo a verdade. Fui fazer a réza, mas não ha mal nisso. É com as minhas orações e mézi-

nhas que arranjo o bocado para a bocca, sem ser pesada a ninguem, Deus louvado.

— Que oração forte era essa? — perguntou-lhe o Promotor.

— Si eu disser sem ser rezando, mesmo de verdade e com fé, ella perde a virtude.

— E acredita nella?

— Ah! seu dotô, queria ter de anjos para acompanharem minha alma, as pessoas beneficiadas por ella. Não foi uma nem duas... Muita senhora dona de familia e consideração...

Emquanto a Seridó falava, Gabrina, de pé, ao lado della, cravava os olhos sombrios na fimbria do casaco de cassa, cujas rendas enrolava e destorcia machinalmente, entre os dedos hirtos. Os musculos do seu rosto, lindamente oval e d'uma côr lindamente morena, emoldurados em cabellos negros e crespos, não trahiam abalos violentos: estavam immoveis, e apenas se percebia pelas narinas, dilatadas e palpitantes, a sua respiração entrecortada de suspiros abafados.

Contemplavam todos a mocinha de fórmãs flexiveis e delicadas, apenas livres das linhas incompletas da infancia e desdobrando-se em contornos graciosos; e, lastimando achar-se ella complicada no crime, todos a envolviam numa atmosphera de sympathia que os impulsos passionaes despertam.

Por fim, perguntou-lhe o Promotor:

— É verdade o que diz esta senhora?

— É, sim senhor — respondeu com voz que mais parecia um sopro.

— Foi Crapiúna quem lhe insinuou esta calúnia?

— Foi, sim senhor. . .

— Porque não resistiu?

Gabrina ficou calada.

— A senhora amava Alexandre?

Como si o coração, muito tímido, lhe despejasse no seio a repoisada torrente de lagrimas, ella prorompeu em convulso pranto, escondendo o rosto no seio da Seridó, que a amparou, que a enlaçou nos braços, com maternal carícia.

— Bem, bem — concluiu o Promotor — Não a martyrisarei mais. Socegue. . .

E, voltando-se ao Delegado, disse-lhe em voz baixa:

— Realizaram-se as minhas previsões. Temos a eterna historia, um drama de amor. . .

Nesse momento, entrou Alexandre no recinto, fechado por uma balaustrada, e destinado aos jurados. Seu olhar aceso de febre, luzindo na sombra das palpebras roxeadas, fixou-se piedoso na febril rapariga; e, no rosto macilento, assomou um ligeiro sorriso amargurado.

— Approxime-se — ordenou o Delegado.

Elle deu alguns passos vacillantes para a frente, perturbado pelas mal contidas exclamações de dó, que chegavam aos seus ouvidos sequiosos, naquelle instante, do caricioso écho de vozes amigas. Os que alli estavam eram todos curiosos, envisca-

dos pelo escandalo, ou indifferentes e desoccupados, procurando diversão no desenlace do inquerito policial, á excepção de Theresinha, que o contemplava silenciosa, sentada a um canto.

Muitos commentavam os estragos que a infecta enxovia produzira na saude do moço.

— Senhor Alexandre — disse-lhe o Promotor, a voz sonora e grave — um conjuncto de indícios, de elementos de prova bem accentuados e persuasivos, determinou o vexame que soffreu. Ia sendo victima de um desses erros que, infelizmente, não são raros na historia dos tribunaes e que, por lamentavel lacuna, não encontram nas leis, meios completos de reparação. Orgão da justiça, lamento, sinceramente, fosse recolhido por infundadas suspeitas de tão grave imputação; teve, porém, a ventura de sair illeso dessa provação supportada com heroismo. O verdadeiro criminoso está descoberto. Nada impede, agora, que a justiça proclame a sua honra restaurada com a liberdade que, neste momento, lhe é concedida.

Perpassou pelo ambiente, um sussurro de approvação unanime, porque, desmascarado o ardil do soldado, ninguem nutria duvidas sobre a autoria do crime.

Não era possivel que um moço bem procedido e de abonados precedentes fosse capaz de tão vil acção. Por outro lado, todos confessavam, então, justificadas suspeitas contra Crapiúna, quando não fosse por qualquer motivo definido, pela má cara do homem, seus costumes dissolutos, ou por méro

palpite. Não fôra, entretanto, o feliz acaso de surprehender Theresinha o esconderijo do dinheiro, ou, como ella affirmava, sinceramente, a intervenção do glorioso Santo Antonio, o innocente seria denunciado, processado e condemnado. E toda aquella gente approvaria, com igual enthusiasmo, a justiça inexoravel.

O Delegado voltou-se para o carcereiro e, indicando-lhe a Seridó e Gabrina, ordenou:

— Recolha aquellas mulheres.

— O que?!... — exclamou a Seridó apavorada — Pois eu sou presa por fallar a verdade? Que culpa tenho, seu Delegado, do malificio dos outros? Eu, que não matei, não roubei, que nunca fiz mal a ninguem... que não tenho rabo de palha!...

Gabrina olhava em torno espantada, como si despertasse atordoada pelo nevoeiro de mau sonho. Estancaram-se-lhe as lagrimas e succederam-lhes violentos soluços.

Quando o carcereiro se approximou, e a intimou com a frieza fulminante do officio, dizendo: "Vamos", acommetteu-a o terror da prisão. E enquanto a Seridó implorava piedade, justificando-se com protestos de innocencia, lamentos e supplicas, ella, com desenvoltura de creança que se refugia no seio paterno, agarrou-se a Alexandre.

— Perdoe-me, seu Alexandre — supplicava, com gritos vibrantes — Não deixe que me levem presa! Que vergonha!... Não, não é possivel!... Peça por mim; valha-me pelo amor de Deus!...

Ai!... ai!... que eu morro!... Quem me acóde!... Minha gente, tenha pena de mim, de uma pobre filha sem mãe?... Ah! seu Alexandre da minha alma, pelo leite que mamou, peça por mim que lhe quero tanto bem... Valha-me, valha-me por tudo quanto há de mais sagrado. Peço por alma de sua mãesinha, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo... Sim, por tudo, pela luz dos seus olhos, pela vida de... de... Luzia!...

Esgotadas, nesse esforço sobrehumano, as derradeiras energias, a pobre inteiriçou-se; seus braços froixos penderam dos hombros de Alexandre; a cabeça, escondida nos cabellos desgrenhados, inclinou-se sobre o seio e ella caiu emborcada, como um corpo desarticulado e morto, aos pés do moço, transido de espanto e piedade.

Acercaram-se da misera algumas mulheres e a Seridó, que pedia um canéco d'agua, um capuxo de algodão queimado, e a esfregava, com força, sobre o peito.

Alexandre dirigiu-se ao Promotor:

— Si lhe mereço alguma coisa, seu doutô, tenha compaixão daquella pobre. Ella não soube o que fez... É quasi uma creança...

— Tem razão — observou o Promotor, convido docemente — É possível evitar... Demais seria uma violencia inutil...

XXII

Para se arrancar á commoção forte daquella scena que o amollecia, e apertava o seu chupado organismo, Alexandre deixou o salão das audiencias, seguindo-o, de perto, Theresinha, muito zangada pelo acto de generosidade que elle praticara em favor de Gabrina.

— Com aquella carinha de enfinta, — murmurava ella — de alfinim, que com qualquer coisa se derrete, não me engano. É muito másinha de bofes. Com aquella parte de gostar de você, não se lhe dava de ser causa do muito que penou na cadeia. O amor deu-lhe p'ra maldade. Era bem feito que ella fosse gemer e chorar no xadrez para saber si é bom levantar falso testemunho aos outros. Não ha nada melhor que a gente ser fingida: faz quanta perversidade ha e no fim de contas, basta se derreter em choro e ter um vágado para ser perdoada. Eu, não me importa de dizerem que tenho más entranhas. Quem me fizer paga, tão certo como dois e dois serem quatro. E então a Chica Seridó? Como ficou piedosa e innocente, ella que é a alma damnada de tudo... Aquillo tem

mais artes e ronhas que diabos nas profundas do inferno... Fosse commigo, ficavam as duas ensinadas para toda a vida.

Alexandre não se justificou. Continuaram a caminhar: elle silencioso, ella resmuneando a censura. Quasi ao pé do armazem da Commissão, elle perguntou, inesperadamente:

— E Luzia?

— Foi trabalhar — respondeu Theresinha, amuada.

— Porque não veio com você?

— Porque teve vergonha de se expor diante de tanta gente. Disse-me que estava alcançado o que desejava: a sua liberdade; nada mais tinha que fazer. Não pregou olhos a noite inteira, esperando que amanhecesse o dia de hoje. A tia Zephina não cessava de agradecer a Deus. Si visse como a pobre alminha estava contente... Nem parecia a enferma que conhecemos, engilhada, encolhida, cortada de dores....

— Coitadinha!... E... Luzia? Ainda está zangada commigo?

— Que zangada?... Aquillo foi um repiquete de ciumes. Quiz, á fina força, fingir de coração duro e forte, mas desenganou-se. Uma penca de corações não vale um grão de milho. Deu-lhe a paixão na fraqueza, e aquella creatura, forte como um boi, entrou a fazer coisas de creança; ficou logo meia léza e capionga; deu-lhe para maginar, olhando para o tempo e querendo sustentar capri-

cho, mesmo depois de haver sabido, pela Quinotinha, do aleive da Gabrina.

— E.. depois?

— Depois?... Entrou a repetir que nada tinha feito em seu favor, que a mim, somente a mim, se devia tudo, quando foi ella que me deu o dinheiro para a Rosa Veado rezar o responso.

— Que pretende ella fazer agora?

— Diz que espera poder ir, em breve, para as praias, logo que a mãe possa viajar.

— Sempre essa idéa.

— Teimosa é ella. Isso é verdade.

— Sabe, Theresinha? Ainda estou meio encandeado e parece um sonho estar livre daquelle inferno. Toda essa gente a andar aqui pela rua, a me olhar espantada, causa-me tonturas. Como que me falta o chão debaixo dos pés.

— Isso passará...

— Tenho, aqui no nariz, o fodor da cadeia, a inhaca dos presos. Que horror! Cem annos que eu viva, nunca esquecerei esses dias de martyrio.

Alexandre falava lentamente, falava fatigado, com profunda impressão de magoa no rosto macilento, que a barba crescida e inculta tornava ainda mais triste. Queixou-se de dores ao lado direito, debaixo da costella mindinha, de falta de ar e de uma tosse secca que o accommettia quando respirava, mesmo a curto folego.

— Aquella cadeia — dizia elle — matou-me. Nunca mais hei de ter saude.

A Commissão de soccorros o recebeu com de-

monstração de compassivo affecto, lamentando os vexames soffridos pela infame imputação. Foi-lhe pago o ordenado integral: e, como reparação, teve accesso para o posto de administrador dos depositos de viveres, percebendo, além da ração, sessenta mil rês em dinheiro, uma riqueza naquelles apertados tempos.

Theresinha commentava o factó, os males que vêm para bem, e, logo, achou muito justo esse procedimento da Commissão; e, todavia, observava que o dinheiro não lhe pagaria as ruinas da saude, os incommodos e, mais que tudo, a vergonha de ser apontado como ladrão, como um infame que havia roubado o decómer dos pobres famintos, para saciar vícios abjectos, tudo por causa de suspeitas que ella, mulher ignorante, mal sabendo ler por cima e assignar o nome, repellira desde o primeiro momento, porque o coração lhe dizia que elle não tinha cara de se sujar com o alheio. Admirava como os homens da justiça, que sabiam lei em grandes livros de lettras embaraçadas, homens de oculos, que sabem tudo, não tinham logo percebido que o criminoso não era outro senão Crapiúna. Quantos innocentes não estariam pagando culpas alheias por causa da cegueira da justiça. Quantos não ficam livres de culpa, apesar de autores de crimes escandalosos, perpetrados perante Deus e o mundo, á luz do dia, como aquelle nefasto Bentinho que matara Bertho, como quem mata um cão, e apenas ficou recolhido alguns dias

à sala livre, por ser capitão e filho do maioral da terra!

E suspirou entristecida, succumbida á dolorosa recordação do barbaro amante, arrastado pelo cavallo desembestado, deixando nos tócos, pedras e cardos, farrapos sangrentos do corpo esphacelado.

Aglomeravam-se retirantes á porta do armazem para verem Alexandre, cujo prestigio de martyr augmentava com as novas attribuições de administrador. Uns, sinceramente, lamentavam o facto; outros o adulavam com fingidas lamurias, para serem preferidos na distribuição de rações bem medidas, com lavagem, como elles diziam, porque outros empregados de coração duro mediam farinha e feijão sem cacúlo, rapando a bocca do litro, poupando, como usurarios, os dinheiros do Governo e o decomer que a Rainha mandara dar de esmola aos pobres.

Alexandre procurou fugir á curiosidade da multidão, recolhendo-se ao fundo do armazem, onde ficou, apesar dos insistentes rogos de Therezinha para irem juntos á casa de Luzia, que estaria anciosa por vel-o; e, como elle recusasse obstinadamente, ella se despediu, enfadada, dizendo-lhe:

— Vou embóra. Já que teima em não me acompanhar, irei sosinha. Direi a Luzia que você está doente e apparecerá amanhã. Não falte, não negue essa consolação áquella pobre creatura que,

abaixo de Deus, só pensa em você, seu ingrato! Capricho não se fez só para mulheres.

— Pobre de mim.

— Pobre, não. Bata na bocca. Diga rico bem rico, porque uma prenda igual a ella só encontram os afortunados. Você fala de farto. Os homens todos são assim, cheios de luxos e desdens quando são queridos. A demora é saberem que a gente gosta delles: começam logo a botar cafangas.

— Diga o que quizer, Theresinha. Está no seu direito. Não me zango com isso, nem exijo nada; basta o muito que tem feito por mim. Mas, não posso acreditar que Luzia me queira, como você diz. Que faria no logar della?

— Cada um sabe de si e Deus de todos. Eu faria o que sempre fiz, e por isso apanhei muito na minha ruim cabeça. Hoje, torço as orelhas, que não botam sangue. Ah! quem ama não tem tico de vergonha. É verdade que você, agora, está melhorado de sorte, quasi rico...

— Prefiro o trabalho na ladeira da Meruóca, ás vantagens que tenho aqui.

— Deixe-se de luxos. Veja si é ou não como eu digo: este quer se metter no cafundó da serra, a outra só pensa em sumir-se para o lado das praias. Historias!... O que vocês querem sei eu... Deixa-me ir que é quasi de noite... Até amanhã... Veja bem, seu Alexandre, o que me prometteu!... Até amanhã... Agora vá fazer feio commigo...

XXIII

Nunca estivera Luzia mais attenta, mais solícita na occupação de directora das meninas costureiras. Fingindo indifferença aos commentarios e informações, resmungados de grupo em grupo, sobre o extraordinario caso do dia, ás perguntas indiscretas, alheia aos gracejos inoffensivos, levemente maliciosos, das companheiras de trabalho, respondia com meias palavras, com evasivas curtas de quem se não quer importunar de olhares impertinentes, de mexericos, de insinuações. Mas, as meninas mais talúdas cochichavam a respeito da mestra; trocavam gracejos contemplando-a, de soslaio, muito espantadas de que el' não acompanhasse o contentamento dos amigos de Alexandre, que eram, então, muitos, quando devera ser a mais interessada no desfecho do aleive urdido pelo sceletrado Crapiúna.

Notava-se-lhe, no entanto, certo cuidado excepcional no arrumo dos cabellos em grossas tranças luminosas, d'um brilho escuro de cobras negras, a escolha do vestido de chita cabloca, guarnecido de rendas, e as posturas faceiras, a disfar-

çarem o alvoroço do coração. Seus olhos, onde brilhavam lampejos fugaces, se fitavam, a curtos intervalos, na foz da larga estrada da cidade, e seus ouvidos, com avidéz aguçada, colhiam phrases soltas, palavras esparsas dos trabalhadores que chegavam, e traziam noticias ultimas dos ultimos acontecimentos.

— Estive na Casa da Camara — dizia um — Tem gente que faz mêdo. A sala estava atonetada, e os soldados não deixavam mais entrar o povo que se espalhava por fóra, pela escada do *rendengue* (1) a baixo, até á rua. Ouvi dizer que a Chica Seridó contou tudo...

— Eu vi o Crapiúna — affirmava outro — Estava como uma onça acuada. Os olhos pareciam duas brazas.

— Não viste a Gabrina? — inqueriu uma mulher — Pois eu tive pena della. Fazia apertos no coração. Tão moça, tão bonitinha e faceira e implicada na historia do roubo. Eu, Deus me livre de tal, si me visse em semelhante vergonheira, era capaz de morrer.

— Foi sempre uma desmiolada — accentuava uma velha — Conheço-a desde menina. Era um diabinho em figura de gente. Tambem a mãe, Deus perdoe os seus peccados, não se importava com ella, fazia-lhe todas as vontades... Sempre digo que essa criação d'agora não presta. Filhos muito senhores de si, por qualquer descuido, si

(1) Pequeno sino da antiga casa da camara.

desgarram. Os meus não punham pé em ramo verde. Muito amor, mas muito respeito e cabresto curto.

— Nestes tempos de miseria — ponderou um carpinteiro idoso — ninguem tem folga para cuidar da criação dos filhos. Vão se criando ao Deus dará, como filhos de pobre.

— Os mais bem criados não estão livres de uma desgraça. Não valem cuidados, nem vigilancias; a miseria entra pelas gretas das fechaduras, empresta o ar e tira o juizo.

— Quando saí — informou um recém-chegado — a Chica ainda estava falando. Ella, que tem partes com o demonio, estava se vendo para explicar a embrulhada das saccas de feijão e de farinha recebidas de Crapiúna, os côrtes de vestido e os brincos de oiro. Imaginem vocês que aquella innocente, passada pelos corrimboques, não maldou. Si eu fosse delegado, ella ia, mas era p'ra cadeia, para não se fazer de besta, pensando que os outros teem um tê na testa.

— Ladina como ella só... Quem a ouvir, não a leva presa.

Luzia não perdia uma syllaba do que se dizia. Colhia, aqui e alli, fragmentos de narrativas, observações, noticias incompletas, que devorava na ancia de saber tudo, principalmente o que concernia a Gabrina e a Alexandre, de quem não haviam ainda falado. E Theresinha? Onde se metterá? Por onde andava que não vinha para dar-lhe,

como promettera, informações seguras, annunciarme a feliz nova da libertação do preso, ou trazel-o?

Correram horas de anciedade, da pungente tortura de esperar, supportada de rosto sereno, onde não havia uma contracção de impaciencia.

As sombras informes da penitenciaria, das grandes paredes de andaimes complicados, se alastravam pela encosta do morro; o anilado perfil das serranias se esfumava em turva neblina de mormaço, e a viração, caída como um halito de febre, revolvía o pó em torno das moitas mortas, rugia nas palhas dos alpendres e barracas, annunciando o pendor do sol para o occaso flammejante.

Do alto do morro ella divisava a faixa de oiticicas seculares, marcando o contorno do leito do rio estanque, e a cidade, como um enorme crustaceo farto á sesta, as torres da matriz alvejando em plena luz, o vermelho, o vasto telhado da casa da Camara, no qual, tanta vez, demorara o olhar saudoso e compadecido do homem querido, soffrendo, alli, aviltante prisão, e donde ella, enterrecida, esperava, agora, ver alar-se o anjo da esperanza triumphante. Mas, não partia de lá, nem o écho de uma voz de alviçaras, nem um signal auspicioso animava a paysagem, tocada de tons quentes de braza, numa immobilidade de coisa morta, num silencio triste de sitio desolado, quando elia desejava que a natureza, as coisas vivas, as coisas mortas participassem da sua anciedade, do seu desejo quasi raro, quasi ignorado.

As meninas cosiam, diligentes, agrupadas em derredor da mestra, numa garrulice de passarada inquieta. Ranchos de operarias davam a ultima de mão ao trabalho do dia; retirantes fatigados da derradeira caminhada se alliviavam das cargas de material, e os feitores contavam, e notavam em cadernos apolegados, o pessoal que vinha chegando lentamente.

Appareceu por ultimo, Raulino, rubida figura de bretão, muito alto, muito magro, de musculos tumidos, os revoltos cabellos ruivos empoeirados, erguidos em trunfa sobre a fronte tostada.

— Então? — inqueriu Luzia, erguendo-se a enconral-o.

— Está solto. Não o vi, porque havia gente como formiga defronte do armazem. Theresinha saiu com elle. Estava desfigurado, dizem, como quem se levanta da cama de molestia maligna. Credo! Parecia um defuncto em pé.

— Não falou com elle?

— Fiz o possivel; mas tinha pressa de chegar aqui antes do ponto.

— Está mesmo livre. Não é, seu Raulino?

— Tão livre como eu, que lhe estou falando. Tambem não foi sem tempo, porque si o pobre ficasse mais alguns dias na cadeia, talvez fosse desta para melhor. Saía dalli para a cóva.

— E agora?...

— Agora... é cuidar da saude, e trabalhar. Pobre não tem direito de ficar doente. Barco parado não ganha fréte...

— Acha que ficará bom?

— Alexandre é rijo e moço. Com alguns dias de ar livre, fica capaz de outra, do que Deus o livre. Aquillo é madeira de lei; o cupim da molestia hade custar a roel-a.

— Ainda bem.

Luzia voltou-se para as meninas, e ordenou-lhes que dobrassem as costuras, embóra não soasse ainda a hora de terminar a taréfa. Pensou, então, em abandonar o trabalho, voar a casa, onde, talvez, a estivesse Alexandre esperando, ansioso. Mas, primeiro a obrigação, o cumprimento do dever remunerado pelo pão de cada dia. E ficou, aparentemente, calma, resignada á lentidão do tempo, porque o sol, que o governava, como que havia parado, desceu escandescido, na calma immensidade de oiro alastrado.

D. Ignacinha errava, rabujenta, entre as turmas de costureiras, resmungando censuras graves, cheias de desgosto.

— Tudo muito mal feito, obra albardeira, mal acabada e feita á pressa: não paga o pirão que custa.

— Vocês mesmo — continuava, com asperezas fanhosas de voz, trahindo a irritação incoherente de celibataria — não se emendam. O que lhes digo sobre o serviço entra por uma orelha, e sae pela outra. Estas costuras encardidas bem mostram que foram feitas por porcalhonas. Vejam as da Luzia. Dá gosto lidar com uma pessoa assim cuidadosa e cumpridora dos seus deveres. Os

pospontos parecem feitos por machina. Vocês me põem doida. Estou vendo a hora de perder a paciência e o juízo. Si vivem grazinando na conversa, em vez de olharem o que estão fazendo.

E mais rubro se accendia, riscado de veiasinhas tensas, o grande nariz da beata, montado de grandes oculos scintillantes.

Quando chegou a turma de Luzia, estranhou que as peças costuradas já estivessem todas arrumadas em pilhas.

— Como? Tão cedo, e já acabada a tarefa?

— É que eu — observou Luzia, enleuada — desejava sair hoje mais cedo. . .

— Porque não me disse ha mais tempo? Póde ir. Você merece contemplações. Dá conta do serviço, como uma moça de vergonha.

Accrescentou depois, sorrindo, com ironia, e cravando nella os pequeninos olhos maliciosos:

— Hoje é dia grande para você, sua sonsa. Já me disseram: sei tudo. Vá, ande, e seja bem succedida. Como é para bom fim, não me importa de dar-lhe um suétosinho. . .

Luzia corou; agradeceu o favor, e partiu ve-loz, açoitada pela ventania morna e violenta que lhe relevava as fórmãs, collando-lhe, como uma tunica de estatua, o vestido ao corpo, mal disfarçando os graciosos contornos, modelados por inspiado escopro.

O coração pulsou-lhe inquieto, ao avistar o tecto da casinha, vergando ao pezo das telhas enegrecidas pelas intemperies, deslocadas pelos tu-

fões. Naquelle abrigo, onde gemia a mãe doente, e que ella amava como logar do soffrimento dos fortes resignados e dos crentes; naquelle sitio, onde Alexandre lhe propuzera viverem eternamente juntos, ligados pelo mesmo affecto espontaneo e sincero, e lhe déra os cravos vermelhos que lhe haviam envolvido o coração com raizes vigorosas, e o inebriaram com o seu perfume suavissimo; sob aquelle tecto velho, a vacillar sobre as forquilhas de aroeira, passara dias de amargura, noite de vigilia torturantes, e os momentos mais venturosos de sua existencia humilde, ignorada; e alli, áquella hora melancolica, contrastando com as pompas deslumbrantes do crepusculo, encontraria a satisfação dos seus supremos desejos.

Exhausta da caminhada, estacou para tomar folego e concertar as vestes, como quem se apparelha para um lance de effeito. Proseguiu, livida e tremula, com precauções de menina criminosa na imminencia de castigo merecido.

A latada do alpendre estava deserta. Sobre a trempe fumegava uma grande panella de barro. Os utensilios domesticos estavam arrumados no giráo. O silencio, um silencio triste de abandono, era interrompido pelo queixume dos ganchos de ferro, donde pendia a rêde, em que a mãe se baioçava, defronte da porta do quarto escancarada.

— Que é isto? — perguntou-lhe a velha — Suppuz que viesses com Alexandre...

— Não — respondeu ella. — Vim do morro.

— Não foste á cadeia?

— Fui trabalhar.

— Que modos, filha? Esperava ver-te alegre e ditosa...

— Quem sou eu para merecer tanto?

— Tens alguma coisa? Estás cansada, não é?... Sempre digo que te matas sem proveito com os teus excessos de labutação.

— Theresinha não appareceu?

— Não.

— Sabe que Alexandre já está livre?

— Deus seja louvado!

— Agora vamos cuidar de nós — concluiu Luzia, atirando o manto branco sobre a corda atravessada ao canto do quarto. E, voltando ao alpendre, tratou do jantar da doente, que a seguia com os olhos carinhosos, olhos de mãe.

— Bem mereço este castigo. Sou eu a culpada. Abandonei-o por soberba, capricho... Teve razão. Não devia perguntar por mim — murmurou, enchendo de calda a tijella. — Eu, no logar d'elle, não viria atrás de uma ingrata fe-roz... Ah! os homens nada desculpam; não perdoam... São vingativos porque não são capazes de querer bem como nós, que, por elles, esquece-mos tudo...

— Que tens, filha? — repetiu a velha, recebendo o caldo fumegante. — Choraste?

— Não — respondeu ella, a voz salteada, commovida. — É a fumaça que me faz arder os olhos...

E sentou-se á soleira da porta, desmanchan-

do, lentamente, as bastas tranças, do lustre fulvo da aza da caraúna, as tranças que vendera por causa delle, dessa creatura ingrata, que os seus olhos, flebeis de decepção e de saudade, procuram, em vão, topar, de subito, surgindo onde o caminho torcia, encoberto de moitas mortas de mofumbas e juremas, a cujos galhos, desordenadamente hirtos, contorcidos, a ventania vulturna dava movimento, gestos de afflicção, nuns silvos de estertor.

XXIV

Separando-se de Alexandre, Theresinha começou de sofrer a extenuante reacção do esforço empregado para salvá-lo. Essa generosa empresa, que a sequestrara á influencia deleteria dos hábitos de viciosa passiva, que lhe despertara affectos adormecidos no coração, encrostado ao attrito do infortunio e lhe deparava a ineffavel satisfação de ser util, fôra, muitos dias, o pólo da gravitação do seu espirito. Nesse periodo de agitação do cerebro ocioso e vasio, ella só pensava na iniquidade do constrangimento de um innocente, no martyrio da enxovia immunda, na arrogancia petulante de Crapiúna e no cruel insulto, que a chicoteara como um rêlho. Alcançado o anhêlo de justiça e vindaicta, parecia faltar-lhe o razão de viver. As petalas de sua alma, sob um fino, um suave orvalho do bem, se contrahiam tristonhas, como folhas que, saciadas de luz e oxigineo, se encolhem para adormecerem ao avisinhar da treva, e se expandem viciosas ao raiar da seguinte aurora. Ella, porém, se sentia sepultada em noite sem esperanza de alvorecer, sem o consolo delicioso do sonho a doirar

a ignominia da realidade, onde inmergira, como num tremedal de lama gulosa.

Restava, entretanto, o remate da obra meritoria, a felicidade de Alexandre e Luzia; vel-os casados, muito amigos um do outro; e fruir o saboroso quinhão de ventura do lar abençoado. Mas, os dois pareciam separados pela teia de aranha de melindres futeis ou amarrados ao poste de caprichos injustificaveis. Seria mais nobre, mais humano, se estreitarem em decisivo amplexo, como faria ella, sem ponderar conveniencias, escrupulos, circumstancias, num arroubo de paixão victoriosa.

As reservas de Luzia irritavam-na como esulta resistencia. E murmurava, caminhando a esmo, injurias contra ella, recriminações a Alexandre, um *mazanza*, que ficava no armazem embocado de fadiga, quando a liberdade e o amor deveriam restituir-lhe as forças, dar-lhe azas para voar, como um passarinho evadido para junto da creatura querida.

— Arre lá! — exclamava indignada — Que se arranjem, que se separem, cada um para o seu lado. Que me importa! . . . Bem-querer não é obrigado, nem eu tenho nada com isso. Eu me intrometti demais em negocios alheios. . . Chega a metter-me raiva tamanha cerimonia entre pobres diabos, que não tem onde cairem mortos, quanto mais vivos. . .

Considerava depois, que não mudaria o seu destino si elles fossem felizes. Ella seria esquecida, por que o dia do beneficio é vespera da ir

gratidão. Na embriaguez de gozos divinos, não se lembrariam della que havia soffrido por elles; não teriam uma palavra de dó da pobre Theresinha, mulher á tôa, desprezada como vil trapo humano, atirado ao monturo dos residuos sociaes, vagabunda sem rumo, sem triste vintem para comprar um bocado, carecendo de tudo e não sabendo onde buscar cinco patacas do aluguel do quarto, abandonado, havia mais de mez.

Á recordação dessa divida, surgia a horrivel idéa de ser forçada a volver ao poste da infamia, onde passara noites acorada á soleira da porta, fumando cigarros, mutuando gracejos torpes com as visinhas; ou, solitaria, bocejando, a lutar com o somno, aguardando o inesperado amante, que a provesse de alimento para o dia seguinte: deixando-lhe o immundo bafio hircico de homem luxurioso, impregnado na sua pelle. Vinha-lhe, então, invencivel nojo á passividade abjecta de coisa que se vende, taboa de lavar roupa, como dissera Craiúna; assaltava-a o terror de volver áquelle lamaçal infecto, como si o contagio da pureza, o exemplo da honestidade impolluta e forte, em combate com a miseria, lhe houvessem infundido no coração, fechado aos affectos sãos e bemfazejos, um nobre impulso de amor proprio. Faltava-lhe, porém, coragem para resistir ao pendor criminoso, volver a trabalhar como as outras desgraçadas, nas obras da Commissão, carregar agua, tijólos, areia. Que poderia fazer para ganhar, além da razão, algum dinheiro, uma creatura franzina, des-

acostumada a esforços musculares, e, por cumulo de males, aberta dos peitos? . . .

— Como ha de ser, Deus do céu? — exclamava afflicta — Como hei de viver agora, sosinha, sem parentes e adherentes nessa desgraçeira! . . .

E seguia, lentamente, na direcção da casa de Luzia, contornando os quintaes e as casas extremas da cidade, para evitar o tracto nas ruas cheias de gente, mendigos, enfermos e a praga de meninos esfomeados.

Na várzea, varada de trilhos claros que riscavam o chão negro, ella encontrou, áquella triste hora da tarde, magotes de retirantes, cobertos de pó, marchando em filas tortuosas, das quaes, como de um rastilho de supplicio marcado pelas victimas, se destacavam individuos ou familias, que paravam emaciados, rendidos de cansaço e se sentavam para repousarem, recobrem alento e comporem os andrajos, antes de penetrarem na cidade.

Esse espectaculo de todos os dias, na sua monotonia sinistra, não a impressionava mais, porque se habituara á visinhança da miseria nas fórmas mais lugubres e vis. Vira crianças, a sugarem os seios murchos das mães mortas; cadaveres desses entesinhos abandonados sobre a estrada, devorados por urubús e cães vorazes; creaturas, ainda vivas e exangues, torturadas pelas biccadas de carcarás a lhes arrancarem, aos pedaços, as carnes ulceradas e podres. Vira mães desnaturadas occultarem em crateras de formigueiros, o fructo de amores criminosos, ou traficarem com filhas impu-

beres; paes desalmados, incestuosos e delinquentes dos mais torpes crimes, como si o concurso de todas as dores e de todas as baixezas, condensando-se em enorme e fantastico supplicio, os houvera transformado em monstros hediondos, rebaçando-se em lances tragicos de ferocidade inconsciente. Diante della haviam tombado, fulminados pela fome, individuos de apparencia sadia e robusta, estrebuchando no chão como epilepticos a tragem terra adherente aos dedos sangrentos e blasphemarem contra Deus impassivel que os desamparava, os renegava, filhos peccadores, condemnados, em vida, ás torturas daquelle innominavel inferno da miseria.

Milhares de creaturas haviam sido provadas nesses transes inenarraveis; no emtanto, ella havia apenas soffrido o ferrete da ignominia. Era, pois, incomparavelmente, mais feliz que aquelles pobres alquebrados, que passavam lentamente, restos de uma raça de trabalhadores heroicos e fortes, desbaratada sob o latego do castigo do céu. Si devia cair mais, descer mais fundo no sorvedoiro da infamia, padecer como aquelles martyres, desejaria ser levada por uma molestia para a vida onde ninguem soffre.

Á sua imaginação desvairada volviam, com esses pensamentos tristes, as figuras de Alexandre e Luzia: ella caminhando para a praia, confundida no exodo, conduzindo a mãe estropeada; elle, feliz, bem collocado no emprego e apoiado na confiança dos Commissarios. E não se conformava com o ro-

mance passional sem desenlace, empatado pelo egoismo de ambos.

Desviando-se, insensivelmente, Theresinha foi ter ao sobpé da encosta ingreme cerrada pelos rochedos, chamados Fortaleza, nos quaes terminava o renque de casas da Leonor, onde morava Rosa Veado. Ahi o caminho, que era uma breve ladeira cavada entre pedroiços, estava obstruído por um grupo de trez individuos, uma familia que subia a passo tardo, tangendo um velho burro, pellado e esqueletico, carregando duas malas e, no meio da carga, os utensilios domesticos e o oratorio de cedro envernizado, cheio de santos. Um velho, de longas barbas brancas, puxava o animal pelo cabresto; ao lado, ia a mulher, tambem idosa, de formas cheias; atraz, marchava uma rapariga loira, de corpo franzino e flexivel, accusando o despon-tar da adolescencia. O burro, de grandes orelhas bambas, vacillava a cada passo, e era animado pelos seus conductores com palmadas carinhosas nas ancas, estalidos de labios soando como largos beijos, e vozes de estimulo. Mas o misero bufava, ar-quejava, a mal se podia equilibrar sobre as patas corridas de suor, tremulas, hesitantes.

— Que maçada! — resmungava Theresinha, obrigada a seguir o moroso grupo, parar quando elle parava, a marchar com elle, bem chegada á mocinha loira — Esta só a mim acontece...

Entretanto, o animal, vergado de fadiga, ti-rava-lhe funda piedade. O oratorio, encimado pela pequena cruz singela, a balançar surgindo dentri

o amarradio de cordas de crina, evocava meiga saudade, fantasmas de anjos esvoaçando a travez de sua memoria obscurecida, recordações vagas, mysticas commoções, talvez provocadas pela parte dos santos no infortunio dos adoradores, aquella familia de crentes, que não os abandonava, como tutelares do lar vasio.

— Vamos, vamos! — dizia a mocinha ao animal — Caminha mais um bocadinho; estamos quasi emriba.

Essa voz tinha sonoridade consoante ás recordações de Theresinha; era a de uma pessoa querida, morta, ou, havia muito, ausente, depois de feliz encontro na sua carreira aventureira pelo mundo. Quem seria? Onde ouvira falar aquella creatura, que lhe alvoroçava o coração? E á revolta contra o obstaculo, sobreveio intensa curiosidade de ver a mocinha, de saber quem era.

O burro, com supremo esforço, deu mais alguns passos e chegou ao cimo da pequena ladeira, junto dos grandes molhes de granito rectangulares e erguidos a prumo, como ameias de uma fortaleza. Ahí, como se houvesse esgotado o alento, vacillou, respirou com força; soltou um surdo gemitido doloroso, e caiu anniquilado, contemplando com os grandes olhos supplices o velho que puxava o cabresto para lhe suspender a cabeça, ao passo que a moça tentava erguel-o pela cauda.

— Alliviemol-o da carga — ordenou o velho — Está affrontado, pobre Macaco. . . Tambem ha trez dias que nem retraços tem comido!

O caminho estava desobstruído e franco; mas Theresinha apiedada do pobre animal, estacára tremula e livida, cosida aos rochedos, numa postura de horror, pregando o olhar esgazeado no grupo suggestivo, a poucos passos de distancia.

— Macaco! Será possível! — gaguejou ella, espavorida.

Vendo-a alli parada, a mocinha se dirigiu a ella:

— Minha senhora, faça a esmola de nos dar uma mãosinha para tirarmos a carga daquelle pobre.

— Maria da Graça! — bradou Theresinha.

— Sá dona conhece-me! Minha Nossa Senhora!... É... é...

Maria recuou, transida de susto, mal confiando nos seus olhos.

— Que é?... — perguntaram, a um tempo, os dois velhos, muito empenhados em tirar o oratorio de cima do burro, immovel, estirado no chão,

— É... é a Theresa — respondeu a mocinha, com um grande gesto de espanto.

— Theresa! minha filhinha!... — exclamou a velha, num grito de surpresa alegre, no qual retumbava a ternura toda do coração de mãe. — Tu!... tu aqui?

E, atirando-se á filha, enlaçou-a nos braços beijando-a com apaixonado frenezinho na face, na frente, nos cabellos, como quem sacia longa e crua sede de amor.

Hirta e gelada, desfigurado o rosto por vio-

lentas contracções de estupor, e livida como um morto, Theresinha não pôde fazer um gesto; mas, a carícia maternal lhe agitava todas as febras do coração, e todo o seu corpo tremia convulsionado. Só os olhos espantados, viviam, scintillando com uma lucidez ingenita.

— Theresa, filha da minha alma, — continuou a mãe — Deus te abençõe! Minha Virgem Santissima, é ella mesma!... Seu Marcos, veja, é a nossa filha!...

O velho erguera-se. As grandes barbas, alvejando á luz do sol poente, davam venerando relevo ao esqualido rosto, macerado, tostado pelo mormaço do sertão. Os pequenos olhos azues, de um azul de céu empoeirado de neblinas, brilhavam no fundo das orbitas sombrias, com um bruxoleio de lampada de santuario. Na postura, nos andrajos e na voz soturna e firme, corporisava a nobreza da miseria resignada, da miseria superior.

— Theresa de Jesus! — murmurou elle, com um suspiro, que lhe assomou aos labios, como um silvo de tormenta — Já pedi a Deus que perdoasse os seus peccados. Estes santos, que nos acompanham, sabem que rezei por ella, como um pae réza por uma filha ingrata, perdida e morta.

Ao choque destas palavras de condemnação implacavel, Theresinha cambaleou, e caiu prostrada de dôr, nos braços da mãe angustiada.

Maria da Garaça contemplava, muito afflicta, o pae e a mãe, e, no transe incomprehensivel, con-

siderava a intensidade da scena, dolorosa, inconsideravel.

— É nossa filha, seu Marcos — continuou a velha, acariciando a filha e conchegando-a ao seio. — Tenha dó della, meu marido do coração! Veja como está acabada a nossa filhinha!...

— Você sabe, mulher — gemeu Marcos — que já padeci por ella todas as dores deste mundo...

— Tambem ella tem soffrido... É uma infeliz...

— Infeliz! assim foi de sua vontade...

— Seu Marcos...

— Sabe que mais, mulher? Vamos cuidar deste pobre animal, nosso amigo velho, que não nos abandonou e está aqui morrendo por nossa causa... Ah! os bichos têm, ás vezes, mais coração que as creaturas.

— Meu pae! — soluçou Theresinha, como si as duras palavras lhe estrangulassem as entranhas.

Elle, porém, parecia intangivel. A supplica da filha, queixumes de alma penitenciada a estorcêr-se no cilicio da vergonha, não échoou no coração, donde elle arrancára, num paroxismo de opprobio, a polluida imagem da peccadora, que não podia volver a profanar o tabernaculo do culto incondicional á honra e á integridade da familia. No peito lhe ficara um buraco lugubre, o ninho vazio transformado em cóva, encerrando, para sempre, um sublimé affecto estiolado.

A um gesto imperativo do pae, Maria da Graça, despertada da estupefacção que lhe gelava o sangue nas veias, o ajudou a desatar a troixa de rêdes, as azêlhas dos dois bahús, cobertos de coiro crú e tauxeados de prégos doirados e, por ultimo, as silhas da cangalha que, retirada do suarento dorso do burro, lhe expoz as mataduras da espinha, as chagas rubras dos omoplatas, sobre as quaes vieram adejar, zumbindo, grandes varejeiras, de azas nacaradas e revestidas de scintillantes coiraças, oxydadas de verde metallico. No espaço voavam, em largas espiraes, urubús famintos, dos quaes alguns mais ouzados se despenhavam, de azas quasi fechadas, até perto dos rochedos, onde poisavam, aguardando o abundante repasto da carniça ainda viva.

Macaco, alliviado da carga, tentava erguer-se sobre as pernas deanteiras, rolando um olhar de terror para os lugubres passaros, que pontuavam de negro as arestas das rochas; mas, faltavam-lhe as forças e recaía offegante.

— Sí ao menos — dizia Marcos — houvesse por aqui um pouco dagua e alguns retraços. . .

Clara, indifferente á sorte do animal, acariciava e consolava a filha desditosa:

— Tem paciencia, meu coração. Teu pae tem impetos de crueldade, mas passam, porque a alma é de oiro. Coitado! Soffreu tanto por ti. . .

— Tem razão. . . tem razão, mamãe — gemia Therezinha. — Sou uma ingrata, uma doida,

mas... assim mesmo... não sou tão ruim que mereça menos compaixão que este animal...

E entrou a chorar em convulsão, murmurando frases intelligíveis, que o pranto e os soluços entrecortavam.

— Seu Marcos, meu marido da minha alma — supplicava a mãe. — Tenha pena desta pobre.

— Ah! papae — balbuciou, tremula, Maria da Graça — tenha compaixão della... Coitadinha de Thereza...

— Era melhor — resmungou o velho, abalado pelas lagrimas da mulher e da filha, que era o seu idolo — melhor seria que essa mulher, em vez de estar ahí a chorar, ella que conhece a cidade, nos ajudasse, mostrasse que ainda tem prestimo...

Theresinha ergueu-se de repente; enxugou o rosto na saia e partiu. Sabia que Rosa Veado morava perto, no renque de casas da Leonor, e foi procural-a, seguida pelos olhares da mãe e irmã, tomadas de surpresa, ao passo que o velho teimava em reanimar o burro com palavras affectuosas.

Pouco depois ella voltou, trazendo uma grande cuia cheia d'agua. Presentindo o precioso liquido, Macaco nitriu surdamente, como si sorrisse de satisfação; ergueu a cabeça e, agitando os grandes labios negros e avidos, a sorveu, a longos, a ruidosos tragos.

— Deus lhe pague — disse o velho, restituindo a Therezinha, a cuia vazia. — Disseram-me que era possível encontrar aquí uma pousada,

um tecto caridoso, onde pudesseamos descansar da viagem através desse sertão ingrato.

— Deram-me — balbuciou Therezinha, hesitante de medo — a chave daquella casa, a casa da fortaleza, onde ninguem móra ha muitos annos, porque é malassombrada. . .

— Virgem Maria! . . . Credo ! — exclamaram Maria da Graça e Clara, numas projecções espavoridas de olhos sobre a velha casa desaprumada, cujas paredes, esburacadas e marcadas de grandes chagas de rebôco, pareciam apoiadas nos rochedos. Hervas mortas pendiam das goteiras desdentadas, donde esguichavam piando, em desordenado vôo, grandes morcegos, estonteados pela tenue luz crepuscular.

Pouco depois, o grupo estava cercado de moradores da vizinhança, cada qual mais curioso e empenhado em soccorrel-o. Vieram em seguida, e quasi sobre os passos de Therezinha, Rosa Veado e o Chico, um guapo typo de homem; a Marciana que mantinha, nas proximidades, uma bodéga bem sortida e possuía já algumas libras de oiro em obra, comprado aos retirantes a troco de generos alimenticios; e, esgueirando-se por entre os circumstantes, o bando infallivel, barulhento de meninos, os mais pequenos nús, os outros enrolados em trapos, em molambos.

— Anda, Francisco — ordenou Rosa ao filho — dá um adjutorio a estas creaturas. . . Abre a casa; leva as malas. . .

— Amanhã — exclamaram os meninos, tri-

pu diando em volta do burro — urubús têm festal
Este mesmo está aqui e está no céu das formi-
gas!...

Rosa Veado tomou o oratorio; beijou-o, com
reverencia, que outras mulheres, outras devotas
imitaram, silenciosamente.

— O senhor — observou ella ao velho Mar-
cos — tem coragem. Eu não passava a noite na-
quella casa amaldiçoada, nem que me matassem.

— Eu só tenho medo dos vivos — ponderou
o velho.

— É que mercê não sabe o que nella se tem
dado, coisas de arrepiar coiro e cabelo...

— Que me importa visagens e almas do outro
mundo, ou artes do demonio? Por ora, eu careço
que me arranjem alguma coisa para matar a fome
deste animal...

— Não é difficil — atalhou Marciana. — Mas
o senhor deve saber que o milho está pela hora
da morte...

— Ainda tenho meios, graças a Deus, e, além
da paga, ficaria agradecido.

Marcos desatou da cintura uma faixa elastica,
tecida de algodão, e tirou della alguns patações
de prata. Á vista das moedas, desapareceram as
hesitações de Marciana, que se desmanchou logo
em cumprimentos e palavras de pezar pela sorte
da familia e prometeu provel-a, sem demora, na
necessario, preparando a casa malassombrada para
aboletal-a com a possivel commodidade naquella
noite.

Não era raro apparecerem, entre os retirantes, familias abastadas que haviam abandonado os lares, levando o dinheiro e joias sem valor por não terem o que comprar, mesmo a preços exorbitantes. Marcos, depois de inutil resistencia, viu-se nessa triste situação. De esperança em esperança de mudança de tempo, vira os gados morrerem nos campos devastados; consumira, com parcimonia cautelosa, as provisões accumuladas, os surrões de farinha de mandioca, os paíós de milho, arroz em casca e feijão; as matalotagens em salmoira ou empilhadas se esgotaram por encanto, porque não tivera coragem de recusar esmola aos famintos que passavam pela sua fazenda. Os vaqueiros, aggregados e pessoal de fabrica, empregados na labutação de criadores e agricultores, na maioria escravos velhos e crias de casa, não tinham que fazer; eram bocças inuteis. Alforriou-os; deu-lhes liberdade para ganharem a vida.

Cansado de resistir e lutar, aguardando, em vão, signaes de inverno, viu-se, afinal, só, sem um amigo, um companheiro, um vizinho, numa redondeza de dez leguaes, exposto aos assaltos de bandidos, que enchniam a região, e resolveu emigrar. Arrumou em algumas malas o indispensavel, a roupa da familia e algum dinheiro, enterrando o resto com a prataria, velha baixela e joias numa brenhã de serrotes asperos e pedregosos. Organizou o comboio com trez burros e outros tantos cavallos de sella, e partiu na direcção de Sobral, a cidade intellectual, rica e populosa, emporio do

commercio do norte da provincia, na qual o Governo estabelecêra opulentos celeiros.

Na longa e penosa travessia, á falta dagua e pasto, morreram os cavallos, depois dois burros. Foi forçado a abandonar malas, reduzir as cargas a uma só para que Macaco, o animal sobrevivente, a pudesse aguentar. Pela primeira vez na vida, tiveram de viajar á pé, a curtas jornadas, para não fatigarem o animal e poderem supportar, sem se estropiarem, a penosa marcha de exilio.

Muita vez, arranchados á sombra de oiticicas frondosas, offerecera um patacão por uma cuia dagua. Os raros bebedoiros subsistentes ficavam longe da estrada real: era preciso fazer enormes desvios para os alcançar. Cortava-lhe o coração vêr a filha, a meiga Maria da Graça, descorado o rosto de creança na moldura dos cabellos de oiro, rendido o fragil corpo, os pesinhos dilacerados pelas agruras dos caminhos e verêdas, os rubros labios resequidos e rachados, as entranhas devoradas pela sêde, adormecer no regaço da mãe, também mortificada, mas resistindo resignada, com esse valor divino que torna invenciveis as mães afflictas.

Elle soffria a tortura inegalavel de não a poder socorrer, mesmo com o sangue de suas veias, de pedir, em vão, ao céo luminoso, impassivel, sorridente, a gotta de orvalho que alentasse aquelle lyrio, nascido nas ruinas de sua alma, a verga emurchecido, tostado pelo sol inexoravel, quando no delirio da febre, a pobresinha, com ancia, bal-

buciava: "Água: . . . água, papae!"; e elle via dos olhos da mãe, resignada e heroica, a implorar misericórdia ao Deus de amor e justiça, por intercessão daquelles santos companheiros de infortunio, rolares grossas lagrimas silenciosas.

Quando algum comboieiro lhe cedia, de graça, a metade da sua *borracha* dagua salôbra, recusando a prodiga paga por não ter animo de vendel-a a christãos, Marcos, superior ás dôres physicas, sorria de alegria de vêr saciadas e salvas da morte horrivel as creaturas idolatradas e o fiel animal, e apenas humedecia os labios e sentia alentarem-se-lhe as indomitas energias para chegar ao termo da dolorosa viagem pelo sertão combusto.

— Deus é grande! — exclamava, em arroubos de fé inquebrantavel. — Coragem, mulher, animo, filhinha! . . . Vamos para diante, parar aqui é morrer! . . . Mais alguns dias, estaremos salvos! . . .

A salvação estava em Sobral, na cidade formosa e opulenta, o oasis hospitaleiro anhelado pelas caravanas de pegureiros esqualidos.

E chegaram, padecendo todas as inclemencias da jornada, caminhando á noite para evitarem a torreira do sol. Por inculcas, souberam que no suburbio da cidade, poderiam encontrar um rancho, modesto abrigo, onde pudessem esperar dias menos afflictivos.

A casa mal assombrada era quasi uma tapéra. O repuxo das paredes; os esteios esconsos, cobertos de coimcias abandonadas; o tecto, velado sob

empoeiradas colgaduras de teias de aranha; o telhado desfalcado, invadido de hervas mortas; as portas emperradas e o chão, aluido por tuneis de formigueiros, signalavam longo abandono. Essa vivenda maldita, preservada pela superstição, estivera sempre fechada. Ninguem lhe conhecia já o proprietario, cujo procurador, morto havia muitos annos, deixára a chave á custodia de Marciana.

Ao penetrar no asylo de duendes onde se ouviam, á noite, gemidos lancinantes, rumores de correntes arrastadas, assobios diabolicos, Rosa Veado, que se encarregára de preparal-a para aboletar os hospedes, persignou-se, balbuciou uma Ave-Maria e acostou-se ás outras mulheres, apiedadas da familia de Marcos. Mal acenderam a vela, uma coruja espantada esvoaçou, gaguejando pavorosa gargalhada de louco, e enormes vampiros agitaram a luz, o ar deslocado pelo remigio das grandes azas desvairadas.

— Credo! — gritaram as mulheres, recuando de medo. — Te desconjuro, pé de pato!

Passado o susto, entrarem e vasculharam, num instante, a sala, impregnada de forte cheiro de estrume de morcego.

Uma levou as redes e as atou aos cantos nos armadores enferrujados; outra sobraçou, reverente, o oratorio que foi collocado sobre uma das malas conduzidas pelo Chico, que foi depois á venda da Marciana buscar um póte d'agua e um canéco de folha de Flandres novo. Apareceu, por sua vez

a bodegueira, trazendo um bûle com café, trez ca-saes de chcaras de ruim lonça, esmaltada de flores vermelhas, um pires com assucar escuro mascavado e algumas roscas e bolachas, duras como pedra.

— Ahi está, seu capitão — disse ella a Marcos — Já tem onde encostar o corpo e o que foi possivel arranjar para entreter a barriga. Até amanhã. Vossa senhoria deve ter o corpo pedindo rêde... Com Deus amanheça. Si precisar de alguma coisa, é só bater na derradeira porta da esquina.

Marcos contemplava, penalizado, o burro, que Therezinha alimentava com punhados de milho amollecido; tomou Maria da Graça pela mão, e recolheu-se.

— Vae dormir, filhinha...

— E mamãe?

— Está com a outra, tratando o Macaco. Virá mais tarde.

Clara ficára ao lado da filha infeliz, animando-lhe os cabellos, dirigindo-lhe palavras de amor e conforto, e recommendando-lhe que supportasse, com paciencia, as explosões da colera paterna, até conseguir ser abençoada.

— Elle tem razão, mamãe — balbuciava a moça, com voz embargada pelo herculeo esforço para conter o pranto. — É o castigo, castigo merecido pelos meus peccados, que são muitos. Não peço que me perdõe, mas tenho padecido tanto com o abandono, que não poderei mais viver só-

sinha no mundo. Rogue a papae que não me bôte para fóra de casa. Embóra não me tenha mais como filha, porque morri para elle, deixe que eu fique, como negra captiva. Tratarei o Macaco, carregarei agua, tomando conta da cozinha, da roupa, pois não me desprezo de fazer todo o serviço.

— Sei que não és má, filha do coração. Foi aquelle malvado, meu Deus perdoai-me, que te botou a perder... Eras uma creança...

— Não o culpe, mamãe. Cazuza era bom e me quiz bem até morrer. Só depois de ficar sem elle foi que me senti na desgraça, por não ter viv'alma caridosa que me amparasse.

— Porque não voltaste?

— Tive medo e... vergonha. Faltou-me coragem para affrontar a ira do papae...

Passaram as duas horas conversando, e alimentando, aos poucos, o precioso muar desfallecido. Por fim, teve Clara de obedecer aos repetidos chamados do marido para não o exasperar.

— Anda — disse ella. — Teu pac já está impaciente. Vem commigo.

— Não preciso de descanso. Vá, mamãe, que ficarei vigiando este pobre.

Clara imprimiu-lhe na fronte um longo beijo, e partiu, murmurando: "Pobre filha! Deus te abençoe. Parece que lhe quero ainda mais por ser infeliz."

O rigido velho, curtido de preconceitos e fechado o coração nas resoluções inabalaveis, como

num tumulto, não podia conciliar o somno. A espaços, erguia-se da rêde, ia á porta, sempre aberta; contemplava a filha culpada, acocorada ao lado do burro enfermo; e, no mysterioso silencio da noite estrellada, ouvia um murmúrio dolente, um estertor de fonte, que se estanca, o pranto de Therezinha velando o animal para que os urubús, postados nas arestas dos rochedos, como vedetas sinistras, não o devorassem vivo.

XXV

Com irrepresivel impaciencia, esperou Luzia que algum dos raros conhecidos lhe trouxesse as ultimas noticias dos acontecimentos do dia. A cada momento, se lhe afiguravam vultos de homem, esboçados nos cumulos da poeira, que o vento rijo da tarde revolvía, em rodomoinhos, pela estrada, como um signal do vento baixo, rasteiro, signal de secca. Talvez Alexandre livre, remido da infamia, radiante de ternura a lhe sorrir com amor. Tinha estremecimentos de jubilos commedidos; a ephimera visão fugia com as columnas de pó desfeitas, e a pobre recaía desilludida numa dolorosa apathia de quem espera em vão.

Ninguem apparecia. Alexandre, cheio de brio, magoado pela crueza com que ella o tratara, não viria, contido pelo mesmo proposito que a condemnava a estar alli, a estorcer-se em voluntario supplicio, estimulada de futil obstinação em resistir ao impulso de correr a recebê-lo no limiar do carcere.

Nem viv'alma. Estavam todos, áquella hora, recebendo, em razão, o salario da semana, pago aos

sabbados, nos postos de distribuição de soccorros, ou na obra da penitenciaria. Ella via as suas meninas amadas, Quinotinha e outras da tenda de costuras, sobraçando saquinhos cheios de viveres; as suas companheiras de trabalho aguardando a chamada, a tagarelarem com a garridice de maracanans nos roçados; outras tristes, desconsoladas, recebendo os quinhões que deveriam passar às mãos de atravessadores, em paga de adiantamentos usurarios; muitas agrupadas em torno da figura herculea, vermelha e ruiva de Raulino Uchoa, com a distincção de typo de outra raça, entre os ouvintes, emaciados de privações, minados pelos toxicos das raizes de mucunan, de páu mocó, esboroadas em farinha. Elle costumava *matar o tempo* com a narrativa pintoresca das façanhas inveirosimeis de amansador de animaes bravios, orelhudos que nunca tinham visto gente, as africanas de vaqueiro de fama, temido dos barbatões mais feroces das catingas e carrascões impenetraveis, as proezas de caçadas de onças acuadas em furnas sombrias, onde elle as aggreidia, armado de uma simples azagaia. Contava das viagens extraordinarias, aventurosas pelo sertão inundado, da intrepidez com que affrontava o impeto dos rios desbordantes, nadando em cavaletes de molungú no tempo — até parecia sonho — em que Deus ainda se lembrava, piedoso, do Ceará, para dar-lhe chuvas copiosas e fertilisadoras dos campos, trombas dagua devastadoras, rôtas nas cumiadas das serras, descendo em catadupas raivosas, invenciveis,

pelos talhados, encostas verdejantes, arrastando rochedos, arvores, plantações, até se espriarem na planície, á maneira de um mar, arrombando açudes, soterrando bebedoiros, cavados durante a secca. Descrevia com a linguagem fantasiosa, ardente, de vigoroso colorido, com as imagens vivas, suggestivas do rude estylo sertanejo, o fragor das correntes raivosas, de concerto com o ribombo ininterrupto da trovoadá, o relampear das nuvens negras e massiças, os zig-zags fulvos a riscarem o céu, com letras cabalísticas, ameaçadoras, traçadas pela ira de Deus; o estrondo horrivel dos coriscos, o pavor do gado, haurindo, a largos sorvos, o ar saturado de ozona, reunido, em magótes, nos comoros da planície encharcada.

Presos aos labios do narrador imaginoso, os retirantes mal continham lagrimas, ouvindo-o evocar entre episodios da vida sertaneja, factos e coisas, dons do céu, para sempre perdidos, agua, verdura, roçados, safras opimas, alegria e fartura, cortados os corações pela amarga saudade de recordar tempos felizes.

Luzia meditava, fitos os olhos, com uns gestos de suffocado pranto, nas rubras chammas vacillantes, desprendidas dos tições, quasi apagados, espevitadas pelo vento e crepitando nuns feixes de scentelhas intermitentes.

— Ninguem — murmurou ella, magoada pelo abandono — Nem viv'alma! E Theresinha? Que será feito daquella cabeça de vento? Onde se metteria? Nem pensa em mim, que a espero... Ai!

si ella soubesse... Qual... está com elle, e eu, coitada de mim...

Cada vez mais espessa, a nebrina da tarde, com uns restos de calor, entrava a redondeza. Casas, arvores mortas confundiam-se desconformes, no esboço da paisagem, esfumada em claro-escuro. As manchas das sombras alastravam, como um liquido negro, devorando os tons luminosos. No céu purissimo, piscavam, espertas, álacres, como uns pequeninos olhos, estrellas e constellações. Papaceia, o astro da melancolia, librava-se no poente ainda claro, como lucida lagrima, mensageira da dôr ignota, occulta nas profundezas mysteriosas do espaço, tremeluzia prateada como pólo das esperanças e das magoas dos tristes, e parecia vacillar attrahida pelo sol, atufado em nuvens purpureas.

Pela estrada, abeirada á casa, passavam mulheres e meninos conduzindo as rações. Vinham da cidade ou do morro do curral do Açougue; deviam de saber de Alexandre e Therezinha, mas Luzia não ouzou interrogal-os. Apareceu, depois, Romana á frente do grupo de bandoleiras desenvoltas. A roliça cabloca, de dentes aculeados, não ria dessa vez. Lamentava, com as outras, a sorte de Crapiúna, que se desgraçara, apanhado na arapuca armada ao outro. Mettia-lhes intenso dó o Belóta, tão bom para ellas, uma victima da amizade, ou das más companhias. Nada diziam em defesa de Crapiúna; consideravam, entretanto, injustiça prenderem o outro, homem incapaz de fazer

mal e sempre bem procedido no serviço. Só tinha o defeito de jogar, mas o Governo devia saber que elle não se podia manter com o réles soldo; era homem como os paisanos. Ninguem vive enchendo a barriga de vento como os camaleões.

— Olha a Luzia! — observou uma — Nem parece que o homem della foi solto!

— Vôte! — atalhou outra — A modos que estaria mais alegre si elle ficasse na cadeia toda a vida.

— Qual o que!—ponderou Romana—Aquillo é soberbia. Quer mostrar que não faz caso de nada neste mundo. Impafia alli é matta. Deixa estar que ha de ser castigada.

— Aquillo, mulher, é calibre do sangue. Nem o demonio tira. Por isso é que vive sempre apartada das outras, mettida com ella, cheia de coisas como si fôra uma senhora dona.

— Conheço muitas mais melhores que não se desprezam de tratar bem e falar com a gente.

— Só a Theresinha lhe caiu em graça. As duas se entendem. Deus as fez...

Esses commentarios eram feitos em voz alta, para que Luzia os ouvisse; esta, porém, minada embora de rancor surdo a Romana que não a poupava com insinuações perversas, d'uma ironia picante, e passava por alli de proposito para molestar-a, fingia não ouvir, resistindo ao impulso de assaltar-a, arrancar-lhe a lingua damnada, esmagal-a aos pés, como réptil nojento e venenoso.

O grupo desapareceu. Passaram depois des-

conhecidos que, confundidos ao lusco-fusco, a saudavam com boa noite.

A velha mãe reclamava os seus cuidados, para illuminar o quarto e dar-lhe o remedio, que, abaixo de Deus, a salvára.

— Tiveste noticias de Alexandre? — perguntou-lhe ella, interrompendo o terço, resado a meia voz.

— Não — respondeu Luzia, com fingida indifferença — Depois de saber que estava solto, fiquei descansada... tirei d'elle o juizo...

— E Theresinha?

— Sei lá!...

— Estou tão acostumada com ella, que já lhe sinto a falta quando se demora...

— Ainda é cêdo. Virá quando a lua sair...

— Sabes que mais, filha. Acho-te hoje tão mudada!

— É que estou maginando no que devemos fazer, agora que não temos já obrigação de velar por elle. O coração me pede que vamos embora; mas não podemos. Não ha remedio senão ficarmos. Será como Deus quizer. Eu terei sempre forças para trabalhar e viver... sem ser pesada a ninguem, apesar de me despresarem e fazerem pouco de mim.

— Não fales assim, filha. Os fortes tambem enfraquecem quando Deus os desampara.

— Deus! Deus já não se lembra de nós, que somos christãos, que o adoramos e amamos...

— Tem fé nelle, que é pae de misericordia.

— Para falar a verdade, mãesinha, eu, ás vezes, não acredito em nada. A desgraça endurece o coração. Por causa della, os paes abandonam os filhos; maridos desprezam as mulheres e as creaturas viram bichos, ou ficam peiores que elles. Para o fim do mundo, só falta que as mulheres não tenham mais filhos, pois já ninguem ama.

— E eu que pensava...

— Em que?

— Não te quero pôr de confissão, mas... sempre desejava saber si Alexandre nunca te falou em casamento.

— A mim?

— Pensei que se engraçara de ti. Fiquei com a mosca na orelha desde aquelle mimo dos cravos.

— Os cravos! É verdade que, um dia, elle me disse: "si casássemos, iríamos viver juntos em uma casinha da ladeira da Matta-fresca. Não respondi sim, nem não. Depois appareceu o impute, e foi preso. Soffri mais com essa desgraça do que elle; até parecia que todos me olhavam como ladra, e só o abandonei quando suspeitei que era igual aos outros homens, queria bem a outra e me enganava cruelmente. Á ultima vez que vi elle, deixei-lhe os cravos na grade da cadeia. Essas pobres flores, guardadas no meu seio, como um breve milagroso, não podiam mais ficar commigo. Elle que as desse a outra. Mais tarde arrependi-me: revoltei-me contra esse ciume á tôa, que não me envergonhava, porque as mulheres ricas tambem se enciumam; mas era uma fraqueza. Tive impetos de

pedir-lhe perdão. Uma voz, que vinha daqui, do coração, aconselhava que eu quebrasse a teima de abandonal-o e fugir delle... Seria rebaixar-me, fazer como essas que continuam a querer bem ao homem que as despreza, surra e maltrata; seria contra o meu genio de não dar o braço a torcer, de não dar parte de fraca, de soffrer calada.

— E é por isso que tens andado capionga? Ah! coração de mãe adivinha.

— Era...

— Pois foi muito feia acção desconfiar delle.

— A gente não suspeita por querer.

— Quando se quer de verdade, não ha suspeita que entre no coração. Eu nunca maldei do defuncto teu pae, quando elle passava mezes ausente, comprando garrotes no Piauhy. Só pensava que poderia apanhar molestias, morrer sem confissão e em não estar eu a seu lado para tratar delle.

— Era seu marido. Alexandre não é nada meu. Ninguem me tira da cabeça que, agora, limpo de pena e culpa e por ser bom, caridoso e bonito homem, todas as mulheres querem bem a elle. Homem que soffre é, comparando mal, como Jesus-Christo. As mulheres andam atraz delle.

Houve, então, longa pausa. Nos pequeninos olhos parados da velha, desanimados, demorava uma funda impressão de surpresa, com um brilho gasto de magoa.

— Além disso — continuou Luzia, com um ligeiro movimento dos hombros — Ellas teem o mesmo direito que eu. Mas não me conformo...

Pode mais do que a minha vontade essa suspeita, que me põe o coração escuro e máu... Sabe, mãe-sinha, em que estou pensando agora?... Um horror, que até tenho vergonha de dizer... Antes uma boa morte que descobrir a outra pessoa o que me passa pela mente... Olhe...

E sussurrou, com voz soturna, como um sopro de cansaço, ao ouvido da velha:

— Imagino que, neste momento, elle está com Theresinha...

— Credo! filha!

— É um horror, não é?... Parece que estou vendo elles juntos, alegres e satisfeitos. Elle todo agradecimentos; ella cheia de si... Sim, porque si está solto a ella o deve... Ella tem direito á recompensa. É justo que não se lembrem de mim...

— Que maldade, filha de minha alma...

— Sim, como não hei de ser má, de ter más entranhas, si uma cobra venenosa me morde o coração! E sou culpada de tudo por ser desconfiada... soberba... maldita... Luzia-Homem é o que eu sou... uma bruta desalmada...

— Que coisa sem pé nem cabeça! Estou estranhando isso... Socega... Theresinha, tão boa para nós, não tarda ahi, quando a lua nascer.

— Veja aquelle clarão... Já está fóra.

— Ella foi cheia trêsantonte. Aquillo é fogo no pasto.

Havia, com effeito, no horisonte, um clarão de incendio, onde surgia, lentamente, um enorme disco.

— Qual — exclamou Luzia, com uns gestos violentos, e um amargo tom de sarcasmo — Aquella mesma? Onde está, está muito bem... gozando o que muito lhe custou ganhar... Não se me dava de apostar...

— Não faças juizo á tôa — disse a velha, com energia — maldando da outra...

— Não maldo por querer. É uma coisa que me vem á cabeça e que me tira o juizo... Ah! Eu não era assim. Não era. Em nada pensava, nada tinha, que me affligisse ou me tirasse noites de somno. Não fôra o seu puxado, vivia socegada, pensando sómente no dia d'amanhã, em ganhar a vida. Era feliz, consolada com a minha sorte.

— Não eras, não. Nunca te vi assim... São repiquetes de máu genio que passam depressa. Agora, si não te dás bem aqui, si te sentes mal, iremos, como querias, para as praias. Raulino irá comnosco...

— Para a praia! Não vou mais, não... posso. Hei de ficar aqui até quando Deus permittir... Até... morrer. Quem sabe?

— Ahi está! Não te entendo. Ha bocadinho, falavas nessa viagem que não te saía da cabeça... Agora...

— Pensei melhor.

— Qual filha! Andas tão atarantada que já não pensas coisa com coisa.

— É mesmo, mãesinha. Até parece que estou léza. Ah! si eu pudesse esquecer tudo como si fôra um sonho, desses que a gente dá graças a Deus

e cria alma nova, quando se acabam... ou se desperta...

— Tu estás, mas é muito alterada. Vem dormir, anda, que Theresinha rebenta por ahí sem demora, e as duas vão levar a noite grazinando como duas amigas.

A velha Josepha benzeu-se ao terminar o terço, interrompido pelo dialogo com a filha. Ergueuse apoiada ao portal, e gemendo, tanto lhe custava distender as articulações emperradas; e, arrastando as grandes chinellas, dirigiu-se, claudicante, para a rêde. O quarto estava illuminado pela candeia mortiça, crepitando na cantoneira, asseiado, muito arrumado; as malas encostadas á parede, duas rêdes armadas nos angulos, e, no chão, a esteira de Therezinha, a pelle de carneiro, um simples tapete para se não resfriarem os pés da enferma. De uma corda, pendiam varias peças de roupa.

— Deixa-me — disse a velha, arfando de fadiga e afastando a filha que pretendia ajudal-a. — Deixa-me andar sósinha para experimentar as minhas forças. Si me acostumo a estar sentada e a andar pelas mãos dos outros, fico mesmo enferrujada de todo... Ah! si Nossa Senhora me tirasse esta canseira, podia eu dizer que estava sarada... Isto vae devagarinho... Molestia é como preáca de frécha: entra no corpo de repente, e custa a sair.

— Tenha fé — disse Luzia, mais calma e com meiguice, abrindo a rêde para que ella se sentasse

— isto vai passar. Quem a viu e quem a vê, nota logo grande melhora.

— Tenho esperança de rolar mais alguns dias por este mundo, e só peço a Deus que me não faça soffrer, quando chegar a minha hora. Bem sei que não hei de ficar para semente... Tu, que és o meu sangue, tomarás o meu lugar, sendo o que eu fui, uma mulher de bem, trabalhadeira e temente a Deus.

— Não fale nisso.

— Como não falar, si não me saê da cabeça o pensamento de morrer, deixando-te sósinha, sem encosto, sem protecção.

— Quando tal acontecesse, quando Deus me castigasse com essa desgraça, eu teria coragem para supportal-a. O trabalho não mette medo a Luzia-HOMEM.

— Bate na bocca, filha. Luzia, mulher e bem mulher, fraca como as outras, é o que tu és.

Ella sentia a verdade das palavras da mãe. A anciedade, as duvidas, as suspeitas cruéis, em tumulto absurdo e monstruoso comprovavam a sua habilidade de mulher amorosa. Comprehendia, então, a perversidade de Gabrina, vingando-se de Alexandre por meio da declaração falsa; comprehendia porque havia mulheres criminosas, que se rebaixavam satisfeitas, que se depravavam despuddoradas, arrojadas, por impulsos de paixão irresistível, fóra da senda do dever, olvidando honra, familia e o decôro, que é o esmalte das almas bôas, para tombarem, desfigurados o corpo e a alma, até

á lama do enxurro humano, como nojentos de-
jectos do vicio.

Havia, entre essas miseras, culpadas por depravação moral, desviadas pela educação, contaminadas pelo contagio do exemplo. A enorme maioria, porém, era de inconscientes, sem imputação, dignas de perdão como pensava ella, que não podia expungir do coração os máus instinctos, que o dominavam e alli grélavam, comoervas damninhas, á sombra propicia da suspeita e do despeito. E Luzia que padecera pela prisão do homem amado, que sentira nas proprias carnes o stygma com que o pretendiam marcar, que seria capaz de fazer por elle o extremo sacrificio da propria vida, seria capaz de estrangulal-o, de arrancar-lhe as entranhas, de cevar-se no seu sangue, á simples idéa de vel-o nos braços de outra mulher.

— Eu morreria descansada — disse a mãe, suspirando — si te deixasse casada com Alexandre, que seria incapaz de te dar má vida.

— Casada! — retrucou a filha, arrancada, de subito, ás tristes idéas. — Quem quererá se casar commigo? . . .

— Não digas semelhante coisa, tamanhas asneiras. . . A mim, me palpita o coração que amanhã terás vergonha dessas suspeitas, porque Alexandre virá e tudo passará, como si nada houvesse acontecido. Tu, então, arrependida, reconhecerás que, quando moça está influida para casar, não

tem o juízo assente; vê tudo pelo avesso, de pernas para o ar, e fica mouca aos conselhos.

No meu tempo, as raparigas não pensavam nisso; quando davam fé estavam na igreja com o moço escolhido pelos paes. Hoje, está tudo mudado... Meninas, que ainda cheiram a cucuiros, já têm opinião e caprichos como qualquer mulher feita. Deus louvado, sempre foste muito bem procedida e obediente. Veiu-te, agora, essa influencia de querer bem... Já não veiu sem tempo... já tardava e não tem nada de mal; mas, é preciso ter juízo para não desmanchar o que está tão bem principiado. Vê bem o que te digo; deixa-te de historias e teimas. Si procurares com uma candeia, não encontrarás outro tão do meu gosto.

— E si elle não me falar mais em casamento?

— Paciencia! É porque não tinha de ser.

— E eu?...

— Tu!... Pois não és mulher forte, capaz de viver sósinha, sem ser pesada a ninguem, trabalhando para comer?... Não és Luzia-Homem?...

— Eu não sou nada — murmurou Luzia, abraçando a mãe e escondendo-a quasi na onda de cabellos revoitos. — Sou uma infeliz, que está sendo castigada, sou uma doida, que não sabe o que faz... Perdõe-me, mãesinha da minha alma...

— Ai que me tiras o folego — gemeu a velha, suffocada pela vehemente caricia da filha. — Não reparas que só tenho de gente a figura com a pelle sobre os ossos? Deixa estar que tudo ha de sair bem, si Deus não mandar o contrario... Dá-me

outra colher de remedio. Quero vêr si pégo no somno. Fecha a porta e vem dormir.

— E Therezinha?

— Deixa estar que ella não se perde. Sabe de olhos fechados o caminho da casa.

— Tem razão, mãesinha. O melhor é esperar socegada o que tem de acontecer.

Depois de dar o remedio á mãe e accomodal-a para passar a noite, Luzia saiu ao terreiro a passeiar em roda da casa, a contemplar a lua, que ascendia em pleno esplendor. Interrogou o céu e a terra, silenciosos, impassiveis; espreitou em todas as direcções, até onde a sua vista alcançava, e prescrutou os mais leves rumores que a viração lhe trazia em rajadas violentas. Nada correspondia á sua anciedade. A solidão lhe recusava alento ás debeis esperanças e conforto ás magoas, que os conselhos maternas não conseguiram aplacar de todo. Entretanto, a confiança á mãe idola trada fôra um transbordamento salutar, e ella experimentava a sensação de desafogo, como si o coração, libertado de cruciante aperto, pudesse pulsar sem se contentar em estreito ambito. Legeiro torpor lhe invadia os membros, que ella tentava em vão estimular, distendendo-os em contorções preguiçosas a lhe desenharem, com harmonioso relevo, as linhas vigorosas, exuberantes de graça.

— Não teimes em esperar, filha — observou a mãe — até fôra de horas. Anda, e fecha bem a porta. Eu não descanso enquanto estiveres ahí

a rondar de um lado para outro, como quem está malucando.

— Amanhã é domingo, mãesinha. O luar está tão bonito que a gente tem pena de se deitar. Parece dia...

— Que horas são?

— O Setestrello já está alto e as Tres Marias estão descambando. Ainda agorinha tive um susto! Correu uma zelação, que parecia uma tocha.

— Deus a guie. É signal de desgraça. Anda, anda, vem para dentro, que a friagem de pôde fazer mal.

Luzia obedeceu. Depois de fechar a porta, tomou a benção á mãe; e, desatando os cordões da saia branca, estirou-se, extenuada, na esteira, onde Theresinha dormira tantas noites. E, todavia, molle de fadiga, não pôde, conciliar, calmamente, o somno. Torcia-se, mudava de postura, como si o seu corpo robusto excedesse ao molde alli deixado pela amiga auzente, cuja recordação, engastada em seu cerebro, era o carvão da suspeita, comburente, agora, em braza de remorso.

Ella imitava as desenvolturas da outra, da creatura dedicada, que renunciára todos os seus habitos para participar, com a placidez de uma consciencia satisfeita, da pobreza e das tristezas daquelle misero lar. Julgava ouvir passos cautelosos, abafados pelo ruido das folhas agitadas pelo vento, e Therezinha e Alexandre lhe appareciam como espectros, exprobrando-lhe a injusta descon-

fiança, e exigindo reparação. Accusada por si mesma, Luzia não se podia defender; a culpa era demasiado evidente. Abandonada pelas energias musculares, que eram o seu stygma, oberada de vergonha, ella supplicou, em attrição, lhe perdoassem; e, como si um filtro purificador lhe lavasse a alma da macula do cruel peccado, adormeceu no delicioso enlevo de um sonho de ventura infavel.

XXVI

Não acabara Luzia de pentear os cabellos que, depois de vendidos eram tratados com maior carinho, quando chegou Raulino, conduzindo a troixa de mantimentos e uma grande cabaça d'agua.

— Muito bom dia, sá Luzia!

— Bom dia, seu Raulino. Você vem hoje carregado.

— É que aumentei a troixa com a cabaça e contrapezo que lhe mandaram.

— Para mim?

— Sinharsim. Metti os pés da rêde quando vinham quebrando as barras e maginei que vosmêcês estariam carecidas d'agua. Como estou morando, agora, na cadeia nova, para botar sentido nas obras, de noite, enchi a cabaça na jarra e fui á cidade receber as rações porque as do armazem da Commissão são melhores e medidas com lavagem. Foi uma lembrança mandada por Deus, porque, chegando lá, topei na porta o Alexandre...

— Alexandre!

— Em carne e osso. Depois de dar-lhe mão de amigo, pedi-lhe que me aviasse depressa para

poder eu chegar aqui cedinho. Elle, meio banzeiro, perguntou por vosmecê, pela tia Zephinha e pelos outros conhecidos. Coitado! Está branco, com a cara encerada, que mette dó vêr, tão desfeita uma creatura, que vendia saude...

— Está doente?

— Como quem passou obra de um mez enterado naquella prisão pórca e fedorenta que mais parece um chiqueiro que morada de christãos.

— É horrivel!

— Mas a demora foi dar noticias de vosmecê, ficou ligeiro e alegre que não parecia o mesmo. Mediu... Mediu é um modo de fallar: fez a olho, as razões. Era o que a mão dava. Elle por uma banda e eu pela outra. E não fomos mais longe porque já era uma dôr de consciencia. O homem quer bem a vosmecês mesmo de verdade. Fez perguntãs e reperguntas; quiz saber do puxado da tia Zephinha; si sá Luzia ainda estava na obra, si passou lá trabalhando o dia de hontem, um horror de coisas que fui respondendo só para dar-lhe gosto. Agora está como quer. Ha males que vêm para bem. Melhorou no emprego e recebeu uma dinheirama de coiro e cabelo.

Luzia desembrulhava os generos e os arrumava, apparentando indifferença á loquacidade de Raulino, que falava pelos cotovellos. Os sertanejos ladinos são, em geral, admiráveis narradores, de imaginação accesa, fecundos em descripção, cujos menores incidentes são debuxados com vigor.

— Que é isto? — perguntou Luzia, indicando

um guardanapo de linho amarrado nas quatro pontas.

— Isto é pães — respondeu Raulino. — Quando eu vinha vindo, a dona do Promotor chamou-me e deu-me essa trouxinha, dizendo por aqui assim: “Leve isto para Luzia, seu Raulino, diga-lhe que estou muito agradecida pelo trabalho da roupa para os pobres, uma perfeição de costura. Diga-lhe mais que appareça: desejo muito vêr os meus bonitos cabellos.”

Luzia baixou os olhos, e estremeceu ligeiramente.

— Ora, — continuou o sertanejo — eu não entendi bem o que a dona queria dizer, mas fiquei maginando que tambem gosta, como todo o mundo, d’essa sua cabelleira, comparando mal, parecida com as das mães-d’aguas encantadas, lavando-se na lagôa em noite de luar, com os cabellos de vara e meia boiando e embaraçando-se nos agua-pés cheirosos, como eu vi com estes olhos, que a terra fria ha de comer, de uma feita, que eu estava de tocaia, esperando patarrões brabos. A noite estava clara que nem dia. Cansado de esperar e resfriado pela fresca do sereno, passei por uma madôrra.

Quando dei fé, ouvi o barulho de um corpo espalhando a agua; levei a lazzarina á cara, e, pensando que eram os patos, ia papocar fogo. Divulguei, então, o corpo de uma mulher, luzindo molhado e nadando como uma marréca. Ainda fico frio quando me lembro dessa visagem. Os meus cabellos se arripiam como espinho de quandú.

Quiz gritar, mas tinha um nó na garganta. Passou-me uma nevoa pelos olhos e deixei cair a espingarda. Quando dei accôrdo de mim, affirmei bem a vista para vêr o que era. A lagôa estava serena como um espelho. Tudo quiêto. Só ouvia sapos ateimando: *foi, não foi*, e os cururús roncando. Não quiz mais saber de historias; apanhei a arma e metti o pé na carreira. Só tomei folego quando avistei a casa. Sá Luzia a modos que não me acredita?

Luzia sorriu, com branda ironia.

— Pois fique sabendo — continuou Raulino, com muita convicção — que não foi só a mim que ella appareceu. O Izidro, rapaz destemido e caçador de fama, tambem viu a mãe-d'agua de uma feita que estava tarrafeando curimatans. Por signal que não apanhou uma triste piaba naquella lagôa, que tinha mais peixe do que agua. Voltou da pescaria com as mãos abanando, capiongo, meio lézo e contou o caso á noiva, moça (falando com o devido respeito) bonita como uma imagem. Ella ficou desconfiada e quiz, por fina força, ir, fóra de horas, á lagôa. O rapaz fez todo o possivel para tirar-lhe da cabeça semelhante doidice; disse-lhe que era um perigo porque as mães-d'agua são ciumentas das moças que estão para casar, que houvera muita desgraça por causa disso; pediu, rogou por tudo quanto havia de mais sagrado. Ella prometteu não ir, mas cada vez mais desconfiada teimou, porque mulher, quando malda, não chega ao moirão com duas razões. Fugiu de

casa quando estavam todos recolhidos e foi á lagôa. Não lhe conto nada. Ao amanhecer, deram por falta da moça. Foi um Deus nos accuda. Ninguém dava noticias della. O noivo ficou como um doido; mas, lembrando-se da historia da mãe-d'agua, poz-se a rastejar e encontrou o rasto da chinellinha da infeliz, bem marcado no caminho orvalhado.

Acompanhou-o com outras pessoas, tambem rastejadoras, e foram bater na beira dagua. Estavam maginando no que teria acontecido, quando ouviram uma risada de mangação. Pensaram que era a moça escondida para zombar delles. Bateram o matto em redór, o pacoval, cheio de ninhos de azulões e papa-arroz. Nada. Os passarinhos fugiam espavoridos, e um bando de garças, alvas como capuxos de algodão, voava remando no ar. Os homens olharam uns para os outros sem saberem o que fizessem. O Izidro, mais morto do que vivo, numa afflicção de metter dó, encarou nagua como si quizesse ver-lhe o fundo. Quem déra a risada? Aonde fôra a moça parar? Onde se escondera? O rasto alli estava provando que ella não voltára para traz. . .

—Mas. . . é verdade isso? — inquiriu Luzia, com terror.

— Acredite, como si estivesse vendo. Eú não sou homem de inventar, nem de dizer uma coisa por outra. Ouça o resto. Um vaqueiro velho foi buscar uma cuia, pregou dentro uma véla acesa e largou-a em cima d'agua. A cuia vagou á tóa, de

um lado para outro, conforme assoprava o vento; foi, depois, seguindo para o centro, até que ficou parada, obra de cincoenta braças de distancia. Nisto, o Izidro, num abrir e fechar d'olhos, tirou o gibão de coiro e largou o braço n'agua. Chegando ao logar, onde a cuia estava parada, mergulhou, e... Que horror!... Nem gosto de me lembrar... Num instantinho, voltou á flor d'agua; tomou folego e mergulhou outra vez... Quando deram fé, elle surgiu com um corpo nos braços e nadou para a terra como um desesperado. Vinha como um bicho feroz, arquejando, enlameado, coberto de hervas e raizes encharcadas. Os outros foram ao seu encontro para ajudal-o. Trazia a noiva morta. Os olhos azues da defunta estavam esbugalhados e vidrados. A bocca meia aberta, parecia querer falar. Tinha as mãos juntas sobre o peito, aqui, lá nella, e amarradas em nó cêgo, com as duas tranças de cabellos loiros, compridos como os seus, sá Luzia...

— Que desgraça! Credo! Morreu de ciumes!...

— Que ciumes! Foi afogada pela mãe d'agua. A malvada amarrou-lhe as mãos para que a pobre se não pudesse salvar, pois nadava como uma piaba. Era della a risada que ouviram; ria da sua obra maldita... Depois dessa tragedia, os comboieiros, que navegam para aquellas bandas e passam de noite pela beira da lagôa, ouvem, arripados de medo, aquella risada medonha.

— Isto é busão! — disse do quarto a velha, attenta á historia.

— Ah! tia Zephinha, vosmecê estava acordada?

— Desde madrugada.

— Busão ou não — ponderou Raulino — o caso é verdadeiro. Quando a gente não póde explicar as coisas diz que é busão; mas o facto é que ha no ôco deste mundo velho muita coisa, que nem doutores, nem padres conhecem. E, com esta, vou andando.

Habituada ás historias extraordinarias do imaginoso sertanejo, Luzia experimentou, todavia, forte abalo, ouvindo a reproducção da lenda, sempre viva nas recordações da infancia, dura quadra despercebida, de gozos facilmente olvidados, porque é bem verdade que só o soffrimento tem o poder de cavar na memoria sulcos indeleveis. É por isso que ha estranho encanto, especie de amargura e de saudade em exhumar tristezas, em reviver lances de desgraça, como narrar crises de molestia, luctas entre a vida e a morte, os dissabores, as desillusões, as magoas supportadas com resignação, com heroismo, que se nos afiguram obstaculos transpostos, victorias alcançadas contra a fatalidade, os crueis inimigos occultos intangiveis, á maneira das tyrannias omnipotentes das forças mysteriosas que engendram, nas terriveis profundezas do infinito, as calamidades, os cataclysmos e os assombrosos phenomenos que assignalam o eterno combate entre o que destróe e o que produz.

— Espere pelo café, seu Raulino — disse Luzia.

— Estava quasi requerendo — tornou o sertanejo. — Por essa bebida, sou como macaco por banana. No tempo da fartura, eu era capaz de tomar uma canada de café por dia.

— Não viu, por ahi, Therezinha?

— Nharnão, pensei que ella estava aqui.

— Esperei-a toda a noite.

— Deixe estar que aquella não se perde com duas razões.

— Sempre estou com cuidado nella.

— O Alexandre disse-me que ella esteve com elle desde que foi solto até á tardinha, quando o deixou com promessa de se encontrarem aqui hoje.

— Aqui! — exclamou Luzia, alvoroçada.

— Sinharsim. Pelo menos, foi o que ouvi da propria bocca delle — affirmou Raulino, tirando uma grande pitada de cáco do corrimbóque de chifre de carneiro.

— É para dar que pensar — observou a velha.

— O mais certo — considerou Raulino — é ter ella ficado no quarto da Gangorra, pensando, talvez, que, preso Crapiúna, vosmecês não precisassem mais de companhia. Poderiam dormir descansadas sem receio de alguma traição do excomungado.

— Si soubesse onde era a casa, iria buscal-a, tanta falta me faz... Coitada! Aquillo só é ruim para si.

— É pena, sá Luzia, porque ella teve bons

principios e foi bem afamalhada. Mas, caiu-lhe em cima a desgraça. Eu tambem tive a mesma sorte. Meus avós eram gente de consideração, bem arranjada; e, como me vê, poderia comer em pratos de ouro, si não... Para que lembrar tristezas que não pagam dividas? Tive curraes cheios de vaccas de leite; apanhava meus oitenta bezerros por anno; possuia bons cavallos de sella, e o demonio, em figura de mulher, levou tudo. Hoje, ando a trabalhar para não morrer de fome, com vergonha de me dar a conhecer á parentalha que tenho aqui mesmo em Sobral. Fui nascido e criado na ribeira do Jaguaribe. Ainda é do meu sangue essa gente de Xerez. Somos todos Furnas...

— Que feio nome?

— É meio esquisito, mas é de gente muito graúda, de muitas posses e honrarias, espalhada por estes sertões numa parentalha, que nunca mais se acaba, como a gente dos Olhos d'Agua do Pagé, os Rochas e os Cavalcantes... Agora, vou mesmo, que já tocou a primeira vez da missa do dia.

— Si mãesinha tivesse com quem ficar, iria tambem á missa.

— Não seja essa a duvida, filha — observou a enferma. — Basta que me deixes ao alcance da mão um canéco d'agua.

— E vou mesmo. Ha muito que não pizo na egreja. É mesmo um peccado...

Raulino despediu-se, sorvendo, com estrepito, outra pitada, e partiu no seu passo de andarilho,

bamboleando num chouto molle, miudo, o corpo erecto e musculoso.

Preparada a refeição da mãe, Luzia ataviou-se, com o seu melhor vestido, um roupão de cassa lisa, que, amarrado á cintura, lhe desenhava as fórmagraciosas, e saiu na direcção da cidade.

Não era a missa um pretexto para sair; mas, ao profundo sentimento religioso se alliava a casquilhice innocente de exhibir os bellos vestidos, as ultimas fantasias da arte decorativa da mulher, importadas do Recife, uns trajes vaporosos de renda e cambraia, feitos com requintes convencidos de elegancia, com raro gosto, pelas adoraveis creaturas que os vestiam. Nada havia de censuravel em que as moças da cidade, mettidas durante toda a semana em casa, occupadas em trabalhos sedentarios de renda e labyrintho, se desforrassem desse retrahimento nas festas religiosas, celebradas, sempre, com extraordinario esplendor. Imitando á gente rica, Luzia, além do intuito de cumprir um piedoso dever, nutria a esperança de encontrar Therezinha ou Alexandre, obter noticias delles, ou, pelo menos, encurtar a distancia que os separava.

Ao passar pela rua do Menino Deus, ella esmoreceu a marcha; aproximou-se do armazem da Commissão e olhou attentamente para dentro, erguendo-se nas pontas dos pés, para vêr, através da multidão de indigentes, agglomerados á porta, a creatura querida.

Quando avistou a cadeia, cujas grades negras estavam cheias de presos emaciados e lividos, sen-

tiu-se a moça cortada de terror. Crapiúna estava alli dentro, como fêra captiva, devorando-a, talvez, naquelle momento, com os olhos injectados por uma congestão de cubiça e raiva impotente.

— Moça, oh! moça! — disse um menino que se approximou della correndo. — Alli tem um preso que quer falar com vosmecê.

Luzia repelliu, com um gesto energico de negação, o esperto pequeno, que insistia no chamado, e apressou o passo para distanciar-se da sinistra prisão, onde uma voz rouca e vibrante, como um rugido, a voz de Crapiúna, bradava supplicante, e amaldiçoava:

— Luzia, Luzia!... Meu coração, meu amor da minha alma, tem pena de mim! Perdoa-me pelo amor de Deus! Vem! É um instantinho... Não te farei mal. Vem! Só duas palavras!... Ah! não me ouves; não queres saber de mim!... Mulher do diabo!... Deixa estar, safada, amaldiçoada, que não ficarei preso toda a vida... Nem que tu vás para o inferno...

O soldado gritava, estorcia-se delirante, agarrado ás enormes barras de ferro do portão, brandindo-as, abalando-as com inutil esforço para quebral-as, arrancal-as dos gonzos chumbados ao portal de granito.

Perseguida pelo éco dos brados de insanía desesperada, ella penetrou no templo, como num abrigo inexpugnável, defezo á maldade humana, á curiosidade vexatoria daquella gente que, lá fóra, a considerava creatura impassível de coração, e se

apiedava do prisioneiro, cuja dôr feroz lembrava a sympathia dos grandes infortunios.

A immensa nave da matriz desbordava de fieis, amontoados, em confusa massa inquieta, illuminada pelos jorros de crúa luz, que se projectavam das arcadas lateraes, recentemente rasgadas nas formidaveis paredes de pedra e cal, sobre os mantos alvissimos das mulheres ajoelhadas. No fundo resplendia a capella-mór, o tabernaculo, esculpido pelo cinzel do mestre João Francisco, o entalhador, com duas séries de elegantes columnas corynthias, enleadas de parreira, a vinha do Senhor, e rematadas de folhas de acantho, todas brancas, de figos doirados e sustendo a architrave e a curva do arco que emoldurava a grande téla de Bindsay, a Assumpção de Nossa Senhora. Mais abaixo, dominando a banquetta de prata massiça e os bustos dos Apostolos, emergia, dentre palmas, dentre flores, a imagem da Virgem da Conceição, a padroeira da cidade, coroada de oiro, de pedrarias, quasi escondida no amplo manto de velludo azul, marchetado de estrellas, bordado com carinho pelas orphãs da Casa de Caridade. As chamas dos cyrios esmoreciam na sumptuosa claridade da manhã, como pallidas placas, dissolvendo-se em tenues fios de fumo, a sumirem-se no ambiente saturado de incenso e de um odor agro de cêra derretida.

Luzia, sobresaltada pela imprecação minaz do soldado, cujas palavras brutaes lhe contundiam o cerebro, pensara encontrar na casa de Deus, aos

pés da Mãe Santissima, refugio e conforto á sua alma attribulada. Mas, allí mesmo, a perseguia a protervia da multidão. De pé, hesitante na escolha do logar para ajoelhar-se, era alvo de olhares, que a lapidavam, trocados entre as mulheres, que desembuchavam a malicia atroz dos ruins sarcasmos. Uma crispação de surpresa, de curiosidade assanhada agitou a onda viva que a cercava. Raparigas e meninas, matronas e velhas, fitaram-n'a com insistencia, immobilizadas de pasmo, e de bocca em bocca perpassou ininterrupto murmurio, cochixado de todos os lados:

— É a Luzia! . . . A Luzia-Homen! . . .

Prostrada á meia-sombra de um confissionario de jacarandá, salientemente adornado de arabescos estranhos, absorta em sincera préce, ella ouviu a missa, celebrada pelo vigario Vicente Jorge de Souza, cuja voz sonora e forte, recitando as orações do ritual, dominava os pigarros, as tosses incontinentes e o choro classico das crianças que aguardavam o baptismo, occultas sob os lenções das mães, que allí mesmo, as amamentavam. Rezou pela mãe entrevada, por Therezinha; rendeu graças a Deus pela libertação de Alexandre; e quando se ergueu a Hostia, ao ruído de peitos percutidos, do som argentino da campainha, tangida pelo sacristão, José Fialho, um velho doce e respeitavel, pediu ao Deus soffredor e resignado, ao Deus de amor e misericordia, como Jesus pedira ao pae celestial perdão para os algozes que o flagellaram e o crucificaram, se apiedasse do infeliz sol-

gado, victima da insania de uma paixão brutal. E, como si esse generoso impulso rompesse os diques á ineffavel caudal de consolação, sentiu-se alvorçada de suavissima alegria, desse gozo incomparavel da alma purificada, expungida das sombras do remorso. Seus olhos, fitos no doce semblante da imagem da Virgem, se aljofraram de pranto, lagrimas de reconhecimento, porque Deus se compadecera de Luzia-Homem, ouvira a sua prece:

As ultimas palavras do sacerdote, recitando, de cór, o evangelho de S. João, os fieis se ergueram com sussurro, espraíram-se pelo patamar, sob um sol intenso, e se dispersaram em todas as direcções, descendo pelo suave declive do cúmulo, onde se ergue o templo, acropole da cidade.

No atrio, do lado da pia d'agua benta, bella concha de lioz, erecta no centro da pequena capella consagrada a S. João Baptista, dezenas de mães piedosas esperavam o baptismo dos filhinhos, creanças sadías, nedias, sorridentes, espantadas, pequeninos seres informes, moribundos, esqueleticos e arroxeados, mal podendo emittir lamentoso vagido. Do outro lado, reunidos em grupos, estavam os nubentes, rapazes e moças, de olhos baixos, confusos, vexados como delinquentes de amores criminosos, vindo pedir absolvição ao sacramento.

Luzia permaneceu, no recinto sagrado, ajoelhada, até que se esvasiou a immensa nave; e, quando se dispunha a sahir, foi attrahida pelo choro das crianças e pelo doloroso contraste das mães

venturosas e das mães afflictas: umas, radiantes de amor; outras, tristes, acabrunhadas de magoa, animando, desenganadas, as innocentes victimas, para as quaes a agua lustral seria a extrema uncção.

— Si lhe fosse dado — pensava ella — casar como aquellas ditosas moças, realisando o supremo anhelos da mãe doente; si o seu amor fosse, como o daquellas mães, matronas benemeritas, sorrindo aos filhos vigorosos, abençoado por Deus, experimentaria o ineffavel jubilo de sentir-se mulher, humanisada, completa e fecunda. Não temeria que os seus filhos definhassem; defendel-os-ia contra as molestias traiçoeiras e as intemperies, inimigas das creaturas tenras, as flores e as crianças. Dos seus seios de Pomona correria perenne manancial de vida, que as pequeninas boccas rosadas sorveriam, soffregas. E as suas entranhas virginaes latejavam em alvoroço. Havia dentro della, a insurreição dos germens da vida soffreados, e um clamor de instinctos, entoando o hymno de gloria á maternidade victoriosa.

— Vamos aos baptisados — disse o vigario, chegando ao atrio, revestido de roquête rendilhado e cingindo estóla roxa, de finissimo lavor. — Os noivos não tem pressa, que esperem — acrescentou, atirando por cima dos oculos de ouro, um olhar de ironia aos grupos do outro lado.

Ao começar a cerimonia, Luzia se esgueirou e sahiu, buscando a casa pelo caminho mais longo

e afastado da cadeia, onde Crapiúna imprecava, ameaçador e furioso.

A mãe se arrastára até á porta do quarto, onde vigiava a panella fumegante, sobre a trempe de pedras, e ouvia Quinotinha ler, muito devagar, e por vezes soletrando, no jornal *O Sobralense*, a noticia dos episodios da audiencia da vespera.

— Tudo isso — inqueriu a velha — está escripto ahi?

— Está, sim, senhora — respondeu a rapariguinha — Aqui no fim tem um pé, que diz: “Alexandre, a victima da perversa aleivosia do soldado, que, assim, desdoira a farda dos bravos heróes do Paraguay, companheiros de jornada dos lendarios Sampaio e Tiburcio, é noivo de Luzia-HOMEM, a extraordinaria mulher, que é uma das melhores operarias da construcção da penitenciaria.”

Luzia ouviu o ultimo topico, e prorompeu indignada:

— O que? Pois falam de mim nas folhas?... Era só o que me faltava!

— Sim — affirmou Quinotinha sorridente — Veja!...

E as duas repetiram a leitura; a menina transbordante de alegria; ella, confusa, quasi não acreditando nos seus olhos, deante dos quaes dansavam as columnas e letras do jornal, mal impresso na typographia Miragaya, a primeira estabelecida em Sobral.

— Só vim aqui mostrar isto a vosmecês.

Agora, vou indo que saí quasi fugida — disse Qui-notinha, partindo a correr.

— Vae, anda, levadinha — murmurou a velha sorrindo. — Essa menina é uma capêta. Sabe lêr letra redonda! Vejam só!... Agora que chegaste, deixa-me descansar um pouco na rêde, emquanto me preparas um caldo.

Luzia conduziu a mãe, e voltou a cuidar da cosinha. Atordoada ainda pela leitura do jornal, ficou algum tempo pensativa, percebendo, então, por que toda a gente a contemplava no trajecto para a igreja, porque tanto se arrebatava Crapiúna, e os cochixos das mulheres durante a missa. Era uma vergonha estar na folha com aquelle horrivel nome — Luzia-HOMEM, tanto se lhe agarrara o cruel stygma. Ao emergir desse scismar, olhou, de sóslao, para o caminho, e, divisando um vulto de homem que se approximava de vagar, correu para o quarto com a tijela de caldo para a mãe.

Era Alexandre que se approximava, a passo indeciso e lento.

— Oh! da casa!

— É voz conhecida — observou a velha.

— É... é... — balbuciou Luzia commovida.

— Oh! de fóra! Quem é? — respondeu a enferma, falando com esforço.

— Sou eu... tia Zépha.

— Eu, quem?

— O Alexandre.

— Ah! meu filho!... Não te dizia, Luzia?...

Vae ter com elle.

Alexandre, fóra do alpendre, raspava com a unha a casca secca de um dos esteios de pão branco. Deparando-se-lhe a moça, parada, indecisa, á porta do quarto, avançou para ella e a saudou com ligeiro sorriso.

— Adeus, sá Luzia.

— Adeus, seu Alexandre.

As duas mãos geladas, hirtas, mãos de automatos, apenas se tocaram.

— Como está? — perguntou Luzia, de olhos baixos.

— Eu! Melhor de hontem para hoje, como quem saíu da prisão.

— É horrivel!...

— Nem póde fazer idéa do que é...

— Abanque-se...

— Estou bem. A demora é pouca. Vinha saber como está tia Zépha e vosmecê.

— Boas, graças a Deus.

Houve pausa cruciante de enleio e vexame para ambos. Muito pallidos, muito commovidos, não sabiam mais que dizer. Luzia, por fim, rompeu o silencio:

— O senhor viu por ahi Therezinha?

— Esteve, hontem, commigo, á tardinha. Prometteu estar aqui hoje...

— Não veio desde hontem.

— É exquisito.

— É. Não acha? O senhor não quer falar com mãesinha? Póde entrar.

Alexandre entrou no quarto, e Luzia ficou só

no alpendre, inteiriçada, immovel, contemplando o céu, em extase. E assim ouviu as ruidosas manifestações de alegria da mãe, as perguntas precipitadas que ella dirigia a Alexandre, as palavras de consolação, affectuosas, sinceras, embebidas de maternal carinho.

— Venha sempre vêr a gente — supplicava a velha, sorrindo.

— Virei, sim. Virei amanhã, si Deus quizer. Só tenho medo de importunar — respondeu Alexandre, com ligeiro tom de magoa.

Sentindo Alexandre a seu lado, quando elle saiu do quarto, Luzia, arrancada de subito á meditação, fez um gesto de susto. A attitude do moço era a de quem hesita em dizer alguma coisa, de abrir-lhe o coração, suffocado de ternura. Vencendo, por fim, o enleio, elle tirou do bolso os cravos murchos, e, como creança medrosa recitando um recado, murmurou:

— Aqui estão estas flores, que a senhora esqueceu no baldrame da grade da cadeia... Adeus... Até outra vez...

— Até... — suspirou ella arquejante, guardando as flores no seio, e apertando-as contra o peito, em frenetico amplexo, enquanto elle lhe voltava as costas, e partia.

— Seu Alexandre!...

O moço estacou ancioso, não ouzando encarrar nella.

— Quero pedir-lhe uma coisa — disse a moça, caminhando para elle, vagarosa e humilhada. —

Não repare... no que tenho feito... Sou má de nascença... Minha sorte é fazer os outros padecerem... Tenha dó de mim... Peço... Peço-lhe que me perdoe...

— Luzia! — exclamou elle, numa explosão de ternura, estendendo-lhe os braços para amparal-a, porque ella vacillava.

— Perdôe-me — repetiu a misera, vencida, com voz angustiada, quasi á surdina, estacando deante de Alexandre, que sorria.

XXVII

Dias depois, soube Luzia do paradeiro de Thezinhinha. Raulino contou-lhe como a encontrára, succumbida, em amarga tristeza, a se penitenciar no serviço domestico de uma familia desconhecida.

— É possível — exclamou Luzia — que aquella pobre esteja vivendo de aluguel? Porque nos abandonou sem motivo?

— Eu não sei dizer — observou Raulino. — O que sei é que ella está servindo a uns retirantes ricos, aboletados na casa da fortaleza. Não me disse porque. Alli ha coisa. Si vosmecê se encontrar com ella, não a conhece.

— Coitadinha!

— Não é mais aquella mulhersinha espevitada e alegre. Não fala quasi. A modos que lhe botaram máu olhado!

— Quem sabe si não a intrigaram commigo?

— Não duvido. Ha gente para tudo. Quando eu lhe disse que iamós trabalhar nas obras da ladeira da Matta-fresca, ella ficou calada, maginando, e disse-me por aqui assim: “A Luzia é feliz; vae sair deste inferno. . . Eu é que estou conde-

mnada por toda a vida." E, como eu lhe inculcasse que devia abandonar aquella gente, os patrões, para vir comnosco, abanou a cabeça, desanimada que mettia pena... Ah! Sá Luzia! Imagine que a pobre faz todo o serviço; até trata de um burro velho, pelle e osso, sem prestimo para nada.

— Si seu Raulino fosse commigo, iria vê-la.

— Ora, ora, ora!... É já. Que não farei eu para servir ao meu anjo da guarda? Olhe, beneficio no meu coração péga de galho. Vamos por detrás do cemiterio velho e, num instante, estamos lá.

Pelo caminho continuaram a conversar. Luzia marchava ligeira, movendo o corpo com flexões de faceirice, a cabeça erecta, e o semblante sereno, rebrilhando ao jubilo de encontrar a amiga. Raulino aligeirava a travessia, contando, com a avidéz contumaz do successo, as suas maravilhas, as suas historias.

— Sabe? — disse ella, abeirando ao assumpto que a preocupava naquelles dias — que vamos morar na ladeira?

— Já sei. O Alexandre teimou em deixar o serviço da Commissão. Eu, no caso delle, não largava o certo pelo duvidoso. Empregado, como está, não arranjará melhor arrumação. Emfim, póde ser que melhore. Na serra, a gente está mais á fresca, tem agua com fartura.

— E vae para longe desse povaréo de pobres, esfomeados que cortam o coração... Não é?

— Lá isso é verdade. O doutô, engenheiro das obras, que é inglez ou allemão, não sei bem

que lingua elle fala, bota o Alexandre no mesmo emprego que aqui tem, com uma gratificação de trez mil réis por dia, afóra a ração. Quando é a viagem?

— Por estes dias. Talvez, depois d'amanhã.

— E eu rente...

— Tambem vae?

— Si estou nomeado feitor!... De mais a mais, já resolvi não largar de mão a gente que me quer bem. Commigo vae uma troça de rapazes de primeira ordem; homens que são mouros no trabalho.

— E eu que tenho pena de deixar aquella casinha, onde curti tantas amarguras!

— É assim mesmo. A gente tem saudade quando abandona o poleiro antigo; mas, ao depois, tendo junto os seus, se conforma depressa, e as saudades voam como folhas seccas tangidas por um pé de vento.

— Quero vêr si Theresinha tambem nos acompanha.

— Ella é meia bandoleira.

— Mas, tenho certeza de que me quer muito bem.

— Não digo o contrario. Experimente... E... a proposito... Sabe que o Crapiúna fez, outro dia, na cadeia um rôlo damnado. Estava como uma fêra. Pensavam até que havia perdido o juizo.

Luzia sentiu percorrer-lhe o corpo intensa crisão de terror.

— Mas eu — continuou Raulino — disse logo que aquillo era cachaça.

— Quem sabe!... Talvez não — arriscou Luzia.

Haviam chegado ao renque de casas da Leonor, que terminava na casa mal assombrada.

— É aqui — disse Raulino, indicando o par-dieiro desengonçado. — Abeiremos ás pedras da fortaleza. Therezinha deve estar nos fundos.

Junto dos rochedos a prumo, havia uma latada de palhas de carnaúba, recentemente construída para servir de abrigo ao burro, que alli estava de pé, somnolento, espantando, de vagar, com açoites da cauda pellada, as moscas que erravam sobre as chagas da sarnelha e das espadoas, quasi cicatrizadas numas manchas negras, lubrificadas com azeite de carrapato. Mais adiante, alguém lavava roupa, com um languido bater cadenciado de panno molhado, algumas peças enxombradas, arrumadas, em tulha, sobre um lagedo humido.

— Therezinha! — exclamou Luzia.

Cessou o rumor de lavagem, e Luzia insistiu.

— Therezinha, sou eu, Luzia!...

E, avançando de jacto, deparou-se-lhe a amiga, que se erguera, seminúa, com uma saia a tira collo, molhada, collada ao corpo.

— Que é isto? — exclamou Luzia, passando-lhe o braço nos hombros.

— Nada — suspirou a amiga, baixando os olhos, quasi opacos, de infinita tristeza. — Estou pagando as minhas culpas...

— Ingrata! E eu que esperei, que passei noites em claro, pensando em você.

— Para que affligir os outros com a minha desgraça!

— Que desgraça! Deus teve pena de nós.

E, com um meigo gesto de ternura, conchegou-lhe a cabeça ao seio.

— Sou amaldiçoada...

— Amaldiçoada? Que maluquice! E por isso está servindo de negra captiva? Como está você mudada, magra! Como ficou outra em tão poucos dias!...

— Thereza, deixe, minha filha; não te mates tanto — disse, dentro de casa, uma voz carinhosa.

— Quem é? — perguntou Luzia.

— É... é... — balbuciou Therezinha, com os olhos tremulos, razos de lagrimas — É... minha mãe...

— Tuã mãe?!

— Sim, ella mesma.

E contou como encontrára a familia, contou as suas alegrias por já se não achar só no mundo, despresada e vilipendiada, alegrias que foram ephemeras, desfeitas pela cólera do pae que lhe recusára a benção, e a tratava como estranha á familia. Os carinhos da mãe, o doce contacto da irmãsinha, a suave Maria da Graça, que era um anjo de bondade, mal lhe leniam a rudez fulminante do golpe, que lhe lascára o coração, e o expuzera, retalhado, á luz com as suas maculas, como chagas sangrentas, descascadas. Desde

aquelle momento, horrorizada de si mesma, obrigada a baixar os olhos diante dos entes queridos, sabedores do seu grande crime, e evitando o frio olhar paterno, se consagrara inteira á redempção do passado nefando, pelo castigo cruel e merecido.

— Tive impetos — concluiu ella, aos soluços — de trepar naquellas pedras e atirar-me de lá de cabeça para baixo, mas... não tive coragem de morrer...

— Deixa-te disso — acudiu Luzia, com ternura — Aqui estou eu para te ajudar, para te pagar o muito que me fizeste, porque si sou feliz, a ti devo e a Deus. Vim atraz de ti. Iremos juntos para a serra, onde vamos trabalhar.

— Não posso... E meu pae?

— Teu pae, mãe, irmã irão mais nós. Alexandre encontrará meio de arrumar todos como uma familia. Não é possivel que, depois de vivermos como duas amigas, nos separemos, talvez para sempre.

— Si conseguisse isso, seria um allivio para mim. Pelo menos, deixariamos esta casa maldita, onde não se póde pregar olhos toda a noite. Já vivo com o corpo moído; dóem-me as cadeiras que, ás vezes, não me atrevo a torcer-me; tenho nos ouvidos um bezouro a zunir sem parar. Quando consigo passar por uma madorna, me veem sonhos agoniados; sonho que me caem os dentes, o Cazuzza me arrasta pelos cabellos para me atirar num despenhadeiro, e acódo em meio da quéda. Esta noite senti mãos frias que me encalcavam o peito,

mãos de defuncto a me suffocarem, e ouvi uma voz fanhosa a dizer coisas sem pé nem cabeça. Despertei com o coração a saltar pela guéla. Vi, então, um vulto branco que se desmanchava no ar, com um gemido surdo e... gritei... Mamãe, que passa a noite a rezar, correu a ver o que era... Eu estava, como quem perdeu o juizo, apontando para o fundo escuro do quarto... Ah! Luzia! Nem póde imaginar o que tenho soffrido...

— Coitadinha!...

— Hoje de manhã, quando mamãe contou o caso a meu pae, elle respondeu... Que foi que elle disse? Deixa ver si me lembro... Ah!... “Não se amofine, mulher; é o remorso. Depois, accrescentou com voz mais branda: “Veja si arranja uma retirante limpa para certos serviços, para que ella não se mate tanto... Dando casa e comida, não falta quem queira trabalhar.”

O burro, num accesso de impaciencia, orneou.

— Está pedindo milho — observou Theresinha — Este malvado é os meus peccados. Estava quasi morto; não se dava nada por elle. Recobrou as forças, comendo na minha mão; e, quando mais o trato, mais manhoso fica. Parece de proposito para judiar commigo. Si o ponho a andar, empáca; fica como uma pedra; não se mexe. Outro dia ao passar por elle, mordeu-me de furto... E é só commigo que elle implica.

— Tem paciencia, minha negra. O que estás padecendo é bem recompensado pela fortuna de haveres encontrado tua familia.

Raulino, que estava á parte, examinando o animal enfermo, com olhares magistraes de conhecedor, aproveitou o ensejo para encartar uma das suas anedotas sobre astucias e manhas de burros.

— Era por volta da era de sessenta. Não me lembro bem o anno; só sei que eu era rapazote, pelo tópe dos doze. Andava por estes sertões uma commissão de doutores, observando o céu com oculos de alcance, muito complicados, tomando medida das cidades e povoações e apanhado amostras de pedras, de barro, hervas e mattos, que servem para mezinhas, borboletas, bezouros e outros bichos.

Os maioraes dessa commissão eram homens de saber, Capanema, Gonçalves Dias, Gabaglia, um tal de Freire Allemão, e um doutô medico chamado Lagos e outros. Andavam encoirados como nós vaqueiros; davam muita esmola e tiravam, de graça, o retrato da gente, com uma geringonça, que parecia arte do demonio. Apontavam para a gente o oculo de uma caixinha parecida gaita de folles e a cara da gente, o corpo e a vestimenta saíam pintados, escarrados e cuspidos, num vidro esbranquiçado como coalhada. Uma tarde, chegaram, ao pôr do sol, á fazenda do velho. Iam no rumo da gruta do Ubajarra. Aboletaram-se no copiar, derrubando o comboio, que era um estandar-te de malas, instrumentos, espingardas, na casa dos passageiros. Depois de jantarem um bom traçalho de carne de vacca gorda que parecia um leitão, assada no espeto, algumas linguças e um

chibarro aferventado com pirão escaldado, armaram as redes nos esteios. Veio a noite, clara como dia, sem uma nuvem no céu, lizo como espelho. Convidava mesmo a gente a dormir na fresca do alpendre. Alli pelas sete horas, disse a elles o velho: "Achava melhor vossas senhorias passarem cá para dentro, porque vem ahi um pé d'agua de alagar. Ora, os doutores, que sabiam tudo e adivinhavam pelas estrellas as mudanças de tempo, zombaram do aviso; saíram para o terreiro e olharam para o céu, sempre limpo e claro, para verem o que diziam as estrellas. O mais sabido delles, o doutô Capanema, disse que o velho estava sonhando com chuva, mania de sertanejos, que não pensam noutra coisa. Teimaram em ficar no alpendre, embora o velho continuasse a assegurar que se arrependeriam. Quando estavam ferrados no sono, alli pelas onze horas, acordaram debaixo d'agua e correram com a rêde nas costas, em procura de abrigo dentro de casa, todos admirados uns dos outros, como haviam mangado do velho. De manhã, antes de deixarem o rancho, foram agradecer a hospedagem, e um delles perguntou ao velho: "Como é que vossa senhoria percebeu signaes de chuva, que escaparam a nós outros scientificos, envergonhados do quináu de mestre que nos deu?" O velho sorriu, e respondeu: "É muito simples. Tenho alli, no cercado, um burro velho que, quando se está formando chuva, rincha de certo modo: é aquella certeza. A chuva vem sem demora. Foi por isso que avisei a vossa senho-

ria." O tal de Gonçalves Dias, pequenino, muito ladino e esperto, começou a bulir com os outros, dizendo a elles: "Estamos numa terra, onde burros sabem mais que astrónomos." Foi gargalhada geral. Ahi está — concluiu Raulino — de quanto é capaz um burro velho. Ninguem se fie em semelhante raça de bicho. . .

Disponha-se a contar outras historias, quando appareceram Clara e Maria da Graça, que já conheciam Luzia, por informações de Therezinha.

— A Thereza — disse Clara, com voz lenta e meiga — quer muito bem á senhora e eu já lhe quero tambem muito pela^s ausencias que ella lhe fez.

— Esta é a Luzia-Homem? — perguntou a ingenua Maria da Graça — Pois é bonita moça. Não tem nada de homem. . . Não é, mamãe? . . .

— É appellido que lhe puzeram, filhinha. Não digas mais semelhante palavra.

— Não faz mal — observou Luzia, visivelmente enleada. — É assim que me tratam.

— Perdoe — balbuciou a rapariga — Pensei que era mesmo o seu nome. . .

E, logo, houve palestra cordial, como si fossem conhecidas de longa data. O projecto da mudança para a Meruóca foi acolhido com enthusias-tica alegria; mas faltava o essencial: o consentimento de Marcos. Não ousando a mulher e a filha consultal-o, Raulino e Luzia resolveram procural-o para saberem a sua opinião.

Marcos estava na sala da frente, sentado na

rêde branca, enfeitada a ponto de marca, com vistosas ramagens vermelhas e largas varandas franjadas, arrastando na esteira, onde elle deixara, em desalinho, um livro, *As Missões Abreviadas*, marcado com os oculos de oiro, o lenço de ganga azul e uma caixa de rapé de tartaruga, restos da abas-tança perdida. Com as largas mãos descarnadas, eriçadas de pellos, sustendo a cabeça, vergada ao pezo das idéas tristes que a povoavam, o velho meditava, baloiçando-se lentamente.

Raulino chegou á porta; Luzia após elle.

— Dá licença, seu capitão Marcos — disse Raulino, cortezmente.

— Quem é? — respondeu o velho, tomado de surpresa.

— É de paz.

— Queira entrar...

O velho ergueu-se; examinou-os com os pequenos olhos azues e profundos; demorou-os sobre Luzia alguns instantes; e, indicando as malas que, com as rêdes, davam a mobilia da sala, principiou, com uma pausa triste, a voz secca, penetrante e cava :

— Abanquem-se. Não ignorem a desarrumação, pois somos comboeiros de passagem.

— Eu e esta moça somos muito camaradas de sua filha, d. Therezinha.

Marcos tornou-se livido, Raulino continuou, com a desenvoltura de homem despachado e ladino:

— E sabemos que a vossa senhoria não se lhe daria de achar uma arrumação...

— Ainda tenho algumas migalhas — atalhou o velho — para não morrer á fome...

— Sabemos; mas, não seria máu ganhar alguma coisa, ainda que só chegue para o prato.

— Comtanto que seja serviço ao alcance de minhas forças... Eu já não posso com trabalhos puxados...

— Não ha duvida. É serviço nas posses de vossa senhoria, nas obras do Governo...

— Onde é isso?

— Na Meruóca...

— Já lá estive, ha muitos annos, em compra de farinha.

— Então está feito? Nós ficamos muito agradecidos a vossa senhoria, que nos faz um favorão. Esta moça é sá Luzia-Homem. Ella estava com acanhamento de falar.

— Eu não sou máu, dona — murmurou o velho, compungido. — Os desgostos me puzeram assim. Era feliz, na minha fazenda, uma situação bem boa, que não me dava cabedaes, mas produzia com que viver sem ser pesado a ninguem. Entrou-me, um dia, de repente, a desgraça em casa e fugiu-me, para sempre, o socego. Vi... minha santa mulher envergonhada; ella e a filha caçula a chorarem, escondidas pelos cantos para me não amargurarem. Eu mesmo, tão ralado na vida, parecia ôco, sem alma, como se me houvessem roubado o coração. E saia atraz delle, á tôa pelo mat-

to, como um desmiolado, em procura da filha ingrata, que o levava. Dias e noites, passei na afflicção de sentir-me atolado na lama, estas barbas sujas, evitando os amigos e conhecidos, que me procuravam. Eu tinha vergonha de encarar nos proprios bichos, quanto mais em christãos, que conheciam a infamia... Pedi a Deus que me matasse, e Deus não me ouviu... Conservou-me a vida para castigo meu, para que eu ficasse no mundo como um condemnado... Depois, o tempo foi roendo o que me restava de melindre. A negra chaga fechou por fóra; mas continuou alastrando por dentro... Afinal, a gente se acostuma a tudo... Rezei por alma da ingrata e jurei que, dalli em diante, só existiria para mim a filha mais moça, essa innocente que não tinha culpa da crueldade da outra...

A voz do velho rangia-lhe na garganta, em vibrações metallicas; tinha as modulações pungentes do estertor de uma alma estrangulada pelo mais querido dos affectos.

— Moça — continuou elle, erguendo-se e dirigindo-se a Luzia, que o contemplava, commo-vida. — A senhora é mulher de bem; possui mãe, tem pae?... Conserve a sua honra; defenda-a mesmo a preço da propria vida... Ha filhos que matam os paes... Pois ha peiores monstros da natureza — as filhas que os deshonram.. Os mortos deixam de soffrer; mas, os vivos, infamados de dôr e vergonha, ficam com a alma enferma para sempre...

— Therezinha tambem tem soffrido tanto — observou, a medo, Luzia.

— Não me falem nella, si querem que os acompanhe. . . Si a ella perdoasse, era capaz de matar-me outra vez — murmurou o velho, cujos olhos azues fulgiram num relampago de cólera.

Clara ouvia de longe, atraz duma porta, esse doloroso colloquio. Não ousou entrar na sala para ajudar Luzia na defesa de Therezinha, tanto conhecia as crises terriveis daquella magoa inextinguivel; mas, os seus labios tremulos, labios doloridos de mãe amantissima, nuns éstos brandos de ternura, murmuravam, supplices, desconsolados:

— Pobre da minha filhinha! . . .

Parece que a açoitam deante de mim, a minha filha do coração.

XXVIII

O sol repontava no horisonte, como um rubro e enorme disco, surgindo de um lago de oiro encandescente, quando o cortejo do exodo se poz em marcha, pela estrada da serra.

Luzia percorreu, com enternecimentos de saudade, os recantos da casa vasia, onde ficavam o pilão, o girão da latada, a trempe de pedra, os fições extinctos, enterrados sob tulhas mornas de cinza, tristes vestigios dos habitantes que a abandonavam. Contemplou, com lagrimas commovidas, o lar apagado, o terreiro, em torno, limpo, varrido, as arvores mortas, os mandacarús carcomidos até ao alcance dos dentes dos animaes vorazes, a paisagem triste, coisas mudas e mestas, que se lhe afiguravam companheiros de infortunio, dos quaes se despedia para sempre. E partiu, conduzindo, á cabeça, uma pequena troixa.

Seis possantes rapazes e Raulino iam á frente, revezando-se na conducção da tia Zepha, estirada na rêde, amarrada a um caibro longo e flexivel. A bagagem, duas malas e os cacarécos de serventia domestica, foi levada na vespera por outros tra-

balhadores e Alexandre, que se adiantara para preparar a nova morada, o ninho da ventura sonhada. A familia de Marcos tambem partira com elle.

Ao passar a rêde pelas ultimas casas da Lagoa do Junco, perguntavam as mulheres debruçadas sobre as janellas:

— Vae vivo ou morto?

— Bem viva, graças a Deus, respondia Raulino.

— Deus a conserve. Boa viagem!

Luzia lançou demorado olhar ao morro do curral do Açougue, onde começava de alvejar, de reboco, a penitenciaria, enleada na floresta de andaimes, quasi prompta para receber a cumieira. E occorreu-lhe, como recordação piedosa, a triste sina dos condemnados que alli ficavam, por toda a vida, encerrados como em sepultura de pedra e cal. Dentre elles, surgia o espectro minaz de Crapiúna, cujos gritos terriveis de desespero echoavam ainda no coração della, por mais que se esforçasse por varrel-os da memória, e libertar-se da implacavel obsessão, que lhe toldava a serenidade do amor victorioso.

Desviando os olhos do morro sinistro, que fôra o seu Calvario de vilipendio, compensado pela florescencia dos instinctos sagrados e do affecto redemptor de Luzia-Homem, ella resfolegou alliviada, como si dentro daquellas paredes massiças collossaes, ficassem encarcerados o passado, as magoas, os dissabores dos oppressivos dias de miseria.

A estrada colleava pelo terreno ondulado, cô-moros calvos e valles cortados pelos sulcos dos regatos extinctos, e alteando insensivelmente, ao passo que, com a montanha, se approximavam, cada vez mais nitidos, o arvoredos, as manchas pelladas dos roçados estereis, as cintas de granito, os talhados a pique, em precipicios medonhos, e grotões sombrios, destacados, num esmalte bronzeado de nebrina vaporosa.

Madrugadores serranos desciam para a cidade, dirigindo comboios de farinha, de rapadura, o derradeiro producto da lavoira agonisante. Troteando á cadencia do ranger das cangalhas, elles saúdavam aos viajantes, repetindo a pergunta caridosa: "Vae vivo ou morto?" — quando, tirando o chapéo, se afastavam para darem passagem á rêde da tia Zepha.

Á margem da estrada, d'entre moitas de mofumbos resequidos e juremas desgrenhadas, uns fios de fumo azulado erguiam-se, em tenues espiraes, dos ranchos de retirantes, acordados áquella hora da manhã, e pedindo, plangentes, uma esmolinha pelo amor de Deus.

Depois de duas horas de marcha, interrompida a espaços, para descanso dos carregadores, tornou-se o sólo mais accidentado em successivas collinas e contrafortes tortuosos, dilatados, como raizes colossaes pelo sertão, partido em valles profundos, refrescados pelas filtrações da serra, sombreados por vegetação da folhagem pardacenta, retorcida e crestada. Mais longe, uma descida

ingreme, sobre estreficações da piçarra cortante, os levou ao sopé da montanha, onde começava a ladeira, e appareciam as primeiras arvores, os oitizeiros frondosos, cédros, paús d'arco e angicos em floração estiolada, contornando o riacho da Mattafresca, do qual restava intermittente fio d'agua a deslizar sobre lages, e gotejando de pedra em pedra, como vagarosa lagrima. O sequito parou ao abrigo de grandes rochedos, rolados e amontoados em confusão, por esforço titanico. Forte aragem rumorejava encanada pelo boqueirão, com um ruído de mar longinquo.

— Estamos quase em casa! — exclamou Raulino. — Mas o rabo é o mais difficil de esfolar. Ainda temos um pedaço de ladeira de suar o to-péte. Si pudessemos ir pelo atalho, encurtariamos metade do caminho, mas a rêde não pôde passar na vereda cheia de voltas, troncos e barrancos que é mesmo uma escada de demonios.

— Não ha duvida, seu Raulino — observou um dos rapazes, limpando, com o dedo, o suor que lhe perolava a fronte. — Nem que fosse carga mais pesada; nós somos cabras de talento; vamos bater lá num folego, quanto mais a tia Zephinha que é leviana como uma penna.

— Vocês são mas é uns prosas — tornou o sertanejo, ironicamente. — Vejam como estão melados! Com qualquer forcinha ficam botando a alma pela bocca. Vamos vêr si chegamos á Cova da Onça sem arriar. Um trago da branca está esperando a gente lá em riba. Vosmecê, sá Luzia,

que é ligeira, vá pelo atalho que é melhor. Quando chegar no primeiro cotovello da ladeira, quebre a mão esquerda por uma vereda trilhada, que desce de cabeça a baixo; chega no fundo da gróta; passa entre dois muros de pedra; atravessa o riacho e sóbe por dentro de um bananal. Chegando na lombada do oiteiro, avista logo a casinha no meio de laranjeiras.

— Você já esteve aqui, seu Raulino? — inqueriu Luzia.

— Ora, ora, ora! Eu conheço o ôco do mundo. Oh! Aqui vae a Theresinha. Veja o rasto della, pequenino, delgado no meio que não tóca no chão. Si apertar o passo ainda a péga, porque ella vae cansada. O rasto miudo e encalcado mostra que vae devagar... Eu rastejo, como si lêsse no chão, até por cima da pedra, folharal e até dentro da-gua...

E, voltando-se para os carregadores:

— Vambóra! Péga de geito; accerta o passo, cabroeira mofinal... Vamo, vamo, que é meio dia... Aguenta o balanço! Aonde vocês botam o pirão que comem? Até d'aqui a um tiquinho, sá Luzia...

E seguiram, em festiva algazarra, estimulando-se com gritos, graçólas que repercutiam, com fragor, nas quebradas do boqueirão. Raulino os tangia com ordens de commando, emittidas no tom guttural dos vaqueiros, voz retumbante, que elle pretendia fosse ouvida a leguas.

Luzia foi subindo após elles, sem esforço, len-

tamente, até á primeira volta da ladeira, dahi em diante cavada na aresta das rochas, talhadas, a prumo, sobre o grotão profundo. Desse sitio agreste, descortinou o panorama do sertão, cinzento de mormaço, terminando no recôrte azulado das serranias, ao nascente, avultando, erectos, denteados e finos, como agulhas de cathedral gothica, os picos, que eriçam as cráteras extinctas dos Olhos d'Agua do Pagé. Uma facha verde-escuro, serpeneando a perder-se no horizonte, assignalava o interminavel renque de oiticicas seculares, marcando o sulco do rio estanque; depois, espelhavam ao sol glorioso daquelle dia abrazador, a cidade em agrupamento informe, apenas esboçado, as casas das fazendas abandonadas, ponteando, aqui e alli, a planicie devastada e quiéta, como um immenso pantano.

Enterneçada na contemplação daquelle espectáculo extraordinario, na sua tristeza de paisagem morta, o sertão devastado como a terra combusta do Propheta, ouvia o festivo alarido dos silvos das cigarras escondidas nos troncos vetustos, e hauria o ar fresco da montanha, embalsamado pelo capitoso perfume das emburanas, a descascarem, numa exuberancia magnifica de seiva.

Desse enlevo, arrancou-a o brado longinquo de Raulino, gritando aos carregadores da rêde. Do outro lado do desfiladeiro, mais longe ainda, Alexandre, do terreiro da casinha, respondia, radiante de alegria pela aproximação dos entes queridos.

Obedecendo á instrucção do sertanejo, Luzia desceu pela tortuosa ladeira, que ia no fundo da gróta, e, sustendo-se nos arbustos das margens para não escorregar, colhendo flores sylvestres, parando, a revezes, para desembaraçar as vestes dos espinhos que a detiam, chegou á garganta, que Raulino designára por dois muros de pedra, duplo dique donde se despenhava, em catadupas, o riacho, quando Deus dava ao Ceará chuvas bemfazejas e fecundantes. Erguendo a saia, ella fruiu a delicia, havia muito não gosada, de immergir na gua sussurrante, os pés pequeninos, as pernas roliças e musculosas, adornadas de avelludada pellucia negra. Com as vestes prezas ao joelho, curvou-se, colheu aljofares crystallinos nas palmas concavas das mãos, e banhou o rosto e os cabellos, polvilhados pela poeira do caminho.

Interrompeu-a pavoroso grito, e uma voz, que ella, transida de terror, reconheceu, rugiu:

— Foi o diabo que te atravessou no meu caminho. É a ultima vez que me empatas, peitica do inferno! . . .

Luzia, na confusão da surpresa, tentou recuar, esconder-se nas fendas dos rochedos; mas, vencendo o impulso de cobardia, e avançando, cautelosa, deparou-se-lhe Theresinha, na outra margem da torrente, allucinada de terror, agitando, frenetica, os braços, presa a voz na garganta e as pernas paralygadas, chumbadas ao sólo. Aquem, arquejava Crapiúna em éstos de colera, tentando galgar as pedras que os separavam.

— Desta vez — grunha o soldado — nem Deus te acóde, ladra ordinaria. Fugi, durante a fachina da madrugada, para vir lavar o meu peito... Ah!... Vaes vêr para quanto presto, cachorra!...

Em convulsão de nervos enrijados, Therezinha estertorava agoniada, agitando, com uns acenos epilepticos, as mãos desarticuladas.

— Deixe a rapariga, seu Crapiúna — bradou Luzia, avançando, resoluta e destemida.

O soldado voltou-se como um tigre, ferido pelas costas.

Diante da moça, em postura de firmeza impavida, magnifica de vigor e de belleza, o soldado empallideceu, fez-se livido, e recuou, como si um prestigio sobrehumano lhe aplacasse os impetos incoerciveis de colera e de vingança.

— Luzia! — murmurou elle, quasi supplice — Não lhe quero fazer mal... Sou um desgraçado, um miseravel... Pedi-lhe outro dia, pelo amor de Deus, um instantinho de attenção. Não fez caso; não teve dó de mim... Agora vae se decidir a minha sorte...

— Arrede-se; deixe-me passar!... — intimou Luzia, com força, num tom imperativo, breve e secco.

— Escute-me, meu coração... Nenhum homem neste mundo lhe quer bem como eu.

— Deixe-me passar!...

— Passar!?...

Luzia avançou aggressiva.

— Pensas — continuou Crapiúna, recuando,

transfigurado o rosto por diabolico sorriso — Pen-
sas que tenho medo de Luzia-HOMEM? Desgraça
pouca é bobage. . .

E atirou-se de um salto sobre Luzia, que em-
polgando-o quase no ar, o torceu, e, atirando-o ao
chão, subjugado, comprimiu-lhe o peito com os
joelhos.

O sequito parara na Cova da Onça, cerca de
cem metros de altura, donde se viam, distincta-
mente, os luctadores.

Crapiúna gemia, espumava de raiva, medonho,
sob a pressão inexoravel que o esmagava.

— Miseravel, miseravel! — gritava Luzia,
rubra de pudor, de colera, procurando deter as
mãos crispadas do soldado a lhe rasgarem o ves-
tido — Alexandre! . . . Raulino! . . .

A voz vibrante de angustia retumbou nas que-
bradas do boqueirão, como um clangor de clarim,
e a de Raulino Uchôa respondeu como um écho:

— Aguenta; tenha mão nesse malvado, que
já vou! . . .

Aproveitando um movimento da rapariga para
compôr o traje, Crapiúna ergueu-se, e recuou de
salto. Arquejava de cansaço, e da bocca lhe bor-
bulhava sangrenta espuma. Os olhos, injectados,
fulgiam de volupia brutal, louca, fixando-se des-
vairados em Luzia, desgrenhada, o seio nú e as
pernas esculpturaes a surgirem pelos rasgões das
saias, caídas em farrapos.

Ebrio de luxuria, exasperado pela invocação

de Alexandre, o monstro, recobrando o alento, accommetteu-a, rugindo.

Luzia conchegou ao peito as vestes dilaceradas, e, com a dextra, tentou lhe garrotear o pescoço; mas, sentiu-se presa pelos cabellos e conchegada ao soldado que, em convulsão horrenda, delirante, a ultrajava com uma voracidade comburente de beijos. Subito, ella lhe cravou as unhas nos rosto para afastal-o e evitar o contacto affrontoso.

Dois gritos medonhos restrugiram na grôta. Crapiúna, louco de dôr, embebera-lhe no peito a faca, e caía com o rosto mutilado, deforme, encharcado de sangue.

— Mãesinha! . . . — balbuciu Luzia, abrindo os braços e caindo, de costas, sobre as lages.

Raulino precipitara-se no despenhadeiro. Agarando-se aos arbustos encravados nos intersticios dos rochedos, escorregando onde o penhasco se inclinava em rapido declive, saltando com energia indomita por sobre as fendas, pendurando-se nos cipós que entreteçiam a floresta, atufando-se nas frondes das arvores, passando de uma a outra com agilidade de simio, ou deslizando pelos troncos nodosos, enleados de orchideas, chegou ao fundo da grotta.

Lá, em cima, se ouviam os brados dos carregadores e os grandes gemidos dilacerados da mãe angustiada:

— Meu Deus, Mãe Santissima, valei-a, salvae a minha filhinha! . . .

Momentos depois, o sertanejo surgiu do matagal, perto das pedras do riacho, offegante do esforço da fantastica descida, atassalhada a roupa, escoriados os braços e pernas pelos espinhos, as mãos feridas, ensanguentadas.

Luzia, hirta e livida, jazia seminúa. Nos formosos olhos, muito abertos, parecia fulgir ainda o derradeiro alento. Os cabellos, numa desordem, escorriam pela rocha, forrada de lodo, e caíam no regato, cuja agua, correndo em murmúrio lámure, brincava com as pontas crespas das intonsas madeixas fluctuantes. Na dextra crispada, encastado entre os dedos, encravado nas unhas, extirpado no esforço extremo da defesa, estava um dos olhos de Crapiúna, como enorme opála esmaltada de sangue, entre filamentos coralinos dos musculos orbitaes e os farrapos das palpebras dilaceradas. Sobre o seio, atravessado pelo golpe assassino, demoravam, tintos de sangue, como si reflorissem cheios de seiva, cheios de fragrancia, os cravos murchos que lhe dera Alexandre.

Raulino recuou, cortado de terror, ante o cadaver; e, num turbilhão de colera, rugiu, arripiado, apertando os dentes, e, com uns gestos, que eram crispações medonhas de féra, esquadrinhou o terreno, buscando e rebuscando o criminoso.

Crapiúna, ganindo de dôr, estorcia-se, erguia-se, nuns movimentos loucos, comprimindo, sob as mãos, o rosto mutilado; caía e erguia-se de novo, até que, rolando de pedra em pedra, se sumiu no precipicio. . .

Voltando, então, para junto do corpo de Luzia, Raulino curvou-se compungido; apalpou-lhe o peito, ainda morno; e, aproximando os lábios da divina cabeça da heroína, gemeu com intensa amargura as palavras doloridas de unção aos moribundos:

— Jesus!... Jesus!... Seja contigo! Jesus, Maria e José!...

FIM



COMPOSTO E IMPRESSO NA
TYPOGRAPHIA DO
ANNUARIO DO BRASIL
RUA D. MANUEL, 62 — RIO DE JANEIRO
EM DEZEMBRO DE 1928